



**REVISTA BIMESTRAL PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL**



Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj  
p. 42



## Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

“Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer.” Esse célebre pensamento de Antoine de Saint-Exupéry, chamando a atenção para as coisas mais profundas e essenciais da vida, ajuda-nos a entender o sentido da fé, da história da salvação, da sacramentalidade da Igreja e da liturgia. De fato, há forte tendência a esquecer o essencial. Em decorrência das revoluções da modernidade, existe uma mentalidade difusa que identifica a realidade apenas com o que é visível, palpável, material, técnico. Com isso se reduz a realidade, que é muito mais ampla que o meramente visível.

O sentido da vida e do universo e o enigma de sua origem se encontram muito além do palpável. Muitas vezes se deduz essa ausência de uma suposta preponderância de sentido das teorias científicas, mas sem conhecê-las bem ou até mesmo o fazendo de maneira bastante leviana. O renomado cientista Albert Einstein dizia que “a opinião comum de que sou ateu repousa sobre grave erro. Quem a pretende deduzir de minhas teorias científicas não as entendeu”. Para ele, “a mais bela e profunda emoção que se pode experimentar é a sensação do místico. Este é o semeador da verdadeira ciência. Aquele a quem seja estranha tal sensação, aquele que não mais possa devanear e ser empolgado pelo encantamento, não passa, em verdade, de um morto. Saber que realmente existe aquilo que é impenetrável a nós, e que se manifesta como a mais alta das sabedorias e a mais radiosa das belezas, que as nossas faculdades embotadas só podem entender em suas formas mais primitivas, esse conhecimento, esse sentimento está no centro mesmo da verdadeira religiosidade”.

Deus se revelou de muitas formas no universo e ao longo da história. Temos o registro disso nos testemunhos que a história da salvação nos legou. Encontramos um resumo dela nos primeiros versículos da carta aos Hebreus (1,1-4): nos tempos antigos, muitas vezes, de muitos modos, Deus falou aos antepassados por meio dos profetas. No período final em que estamos, falou-nos por meio de seu Filho, que é a irradiação de sua glória e aquele em que Deus se expressou tal como é em si mesmo.

O Filho é o sacramento primordial do Pai, e sua encarnação, vida, morte e ressurreição – a plenitude da revelação – expressa, com uma riqueza sacramen-

tal incomensurável, quem é Deus. Nele o invisível se faz visível. O Jesus histórico, embora visível, também revela a realidade transcendente, o essencial, e os aspectos da vida que só podem ser vistos com os olhos da fé e do coração, pois os sentidos e a razão podem ajudar a enriquecer sua adequada compreensão, mas não podem esgotá-los.

A sacramentalidade da Igreja e da liturgia brota desse sacramento primordial e dele recebe luz. Da mesma forma que Jesus é o sacramento do Pai, a Igreja se entende como sacramento do Cristo; procura ser, na imperfeição e limitações das realidades humanas, sinal e continuadora de sua missão; aponta para uma realidade divina, transcendente e salvífica. Os sinais litúrgicos recebem sua eficácia da ação do Espírito Santo em nós; eles nos conectam com o transcendente que significam. A Igreja e a liturgia refletem a luz de Cristo como a lua reflete a luz do sol, conforme ensinavam os santos padres do início do cristianismo.

A Igreja, portanto, não tem luz própria, recebe-a de Deus; não deve buscar a glória terrena, mas refletir a glória de Deus. Ela não esgota o reino, mas é sinal dele e procura vivenciá-lo no hoje da história, sabendo que a sua realização plena não se limita a nenhum modelo histórico. Caminhamos para o reino, mas só Deus completará nossa caminhada.

A comunicação sacramental e litúrgica nos move interiormente. Ela está intimamente ligada ao sentido de comunhão, partilha, participação. Deus está em comunhão/comunicação conosco e nós com ele na globalidade da liturgia. As celebrações litúrgicas não se reduzem ao que nós realizamos, mas são a ação das três pessoas divinas em nós, da qual somos convidados a tomar parte. É ação/comunicação sinergeticamente humano-divina.

Essa comunicação litúrgica vem sendo confundida com barulhos; discursos doutrinários e moralistas; agitação; centralidade do ego de alguns ministros que, conquanto muitas vezes bem-intencionados, parecem ser sinais mais de si mesmos que de qualquer outra coisa; gestos espalhafatosos que entretêm, enquanto se descuida do verdadeiro mistério. Em meio a tanto barulho, frenesi e egos em disputa, o mais difícil é conseguir ver o essencial, entrar em sintonia com Deus e rezar.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Twitter: @VidaPastoral

**Editora** PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

**Diretor** Pe. Zolferino Tonon

**Editor** Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

**Equipe de redação** Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin, Pe. Valdêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

**Ilustração da capa** Luís Henrique Alves Pinto

**Editoração** PAULUS

**ASSINATURAS** assinaturas@paulus.com.br  
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4011  
Rua Francisco Cruz, 229  
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP

**Redação** © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184  
vidapastoral@paulus.com.br  
www.paulus.com.br  
www.paulinos.org.br

### 12570-000 - APARECIDA/SP

Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79  
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

### 49010-000 - ARACAJU/SE

Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927  
aracaju@paulus.com.br

### 66019-100 - BELÉM/PA

Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195  
belem@paulus.com.br

### 30160-906 - BELO HORIZONTE/MG

Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta  
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

### 70304-900 - BRASÍLIA/DF

SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul  
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

### 13015-002 - CAMPINAS/SP

Rua Barão de Jaguara, 1163 • T.: (19) 3231.5866  
campinas@paulus.com.br

### 79002-205 - CAMPO GRANDE/MS

Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251  
campogrande@paulus.com.br

### 95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS

Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797  
caxias@paulus.com.br

### 78005-420 - CUIABÁ/MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207  
cuiaba@paulus.com.br

### 80010-030 - CURITIBA/PR

Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652  
curitiba@paulus.com.br

### 88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567  
florianopolis@paulus.com.br

### 60025-130 - FORTALEZA/CE

Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201  
fortaleza@paulus.com.br

### 74023-030 - GOIÂNIA/GO

Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860  
goiania@paulus.com.br

### 58010-670 - JOÃO PESSOA/PB

Praça Dom Adatao, S/N - Junto à Cúria - Centro  
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

### 36016-311 - JUIZ DE FORA/MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160  
juizdefora@paulus.com.br

### 69010-210 - MANAUS/AM

Rua Itamaracá, 21, Centro • T.: (92) 3622.7110  
manaus@paulus.com.br

### 59025-260 - NATAL/RN

Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514  
natal@paulus.com.br

### 90010-090 - PORTO ALEGRE/RS

Rua Dr. José Montauray, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313  
portoalegre@paulus.com.br

### 50020-000 - RECIFE/PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637  
recife@paulus.com.br

### 14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP

Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

### 20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ

Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

### 40060-001 - SALVADOR/BA

Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446  
salvador@paulus.com.br

### 09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP

Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623  
stoandre@paulus.com.br

### 65015-370 - SÃO LUÍS/MA

Rua do Passeio, 229 - Centro - T.: (98) 3231.2665  
saoluis@paulus.com.br

### 15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP

Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188  
riopreto@paulus.com.br

### 01001-001 - SÃO PAULO - PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030  
pracase@paulus.com.br

### 05576-200 - SÃO PAULO - RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005  
raposotavares@paulus.com.br

### 04117-040 - SÃO PAULO - VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana  
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br

### 29010-120 - VITÓRIA/ES

Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116  
vitoria@paulus.com.br

# A IGREJA, SACRAMENTO UNIVERSAL DE SALVAÇÃO

Pe. Geraldo Maia\*

## INTRODUÇÃO

A abordagem deste tema é complexa devido à extensão dos termos “Igreja”, “sacramento universal” e “salvação”, também quando tomados em conjunto. Iluminados pela reflexão de teólogos, propomo-nos uma leitura de alguns documentos conciliares, buscando avançar na perspectiva da Igreja como sacramento universal de salvação.

Num primeiro momento, procuramos compreender a sacramentalidade da Igreja na sua dimensão mistérica, à luz do Sacramento-Primordial, Jesus Cristo, tirando toda pretensão de um eclesiocentrismo. O segundo momento é dedicado à compreensão do que o Vaticano II entende por salvação. Seria ainda aquela visão de resgate ou reparação, ou há a procura de nova concepção, mais condizente com a teologia atual? Por fim adentramos na perspectiva segundo a qual a Igreja, sacramento de salvação, procura realizar a missão salvífica do Pai.

Não temos, neste brevíssimo espaço, a pretensão de dizer a última palavra sobre o assunto, muito menos de esgotá-lo. Também não pretendemos entrar no debate gerado pelo “*subsist in*” (*Lumen Gentium*, n. 8), especialmente depois da publicação da Declaração da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé *Dominus Iesus*.<sup>1</sup> Nosso objetivo é concentrar-nos na reflexão sobre a Igreja como sacramento universal de salvação, abrindo os horizontes da reflexão teológica sobre assunto tão importante na eclesiologia.

## 1. Sacramentalidade da salvação na Igreja

A sacramentalidade da salvação na Igreja tem uma intensidade só compreensível com base na análise da origem do termo e sua aplicação teológica. O termo *sacramentum* é a tradução latina do termo grego *mysterion*. Os cristãos resgataram esse termo da tradução grega do Primeiro Testamento. No seu domínio profano, significava, originalmente, a deliberação e o plano secreto de guerra do rei (cf. Jt 2,2). No sentido religioso, passa a designar o plano da criação, estabelecido por Deus, revelado a seus confidentes e fiéis (cf. Sb 2,22; Dn 2,27-45).

*Sempre se trata de uma revelação que, contudo, de qualquer maneira está oculta, permitindo apenas a alguns escolhidos acesso ao mistério. [...] Revelação do mistério significa dom de participar na relação de confiança, na comunhão, na aliança. [...] Mysterion exprime, portanto, o secreto plano salvífico de Deus que Ele revela, realizando-o em seus eleitos* (SMULDERS, 1965, p. 401).

Ambas as palavras, *sacramentum* e *mysterion*, foram usadas como sinônimas pelos latinos. A separação dos termos só aconteceu na primeira parte da Idade Média. A partir daí *sacramentum* se tornou terminologia es-

\* Presbítero da Arquidiocese de Uberaba; mestre em Teologia Dogmática pela Faje/BH; doutorando pela PUG/Roma. E-mail: pegemaia@yahoo.com.br

pecífica para designar os sete sinais, enquanto *mysterion* passou a designar o mistério da revelação como um todo.

Logo no início, a *Lumen Gentium* nos diz que a “Igreja é, em Cristo, *como que* o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1 – grifo nosso). A luz dos povos é Cristo. A Igreja é chamada a resplandecer essa luz de Cristo. É o *mysterium lunae* de que falavam os santos padres. Nesse sentido é que podemos falar de uma sacramentalidade da Igreja (BARREIRO, 1994, p. 36). O verdadeiro mistério da revelação é o evangelho, e o evangelho é Jesus Cristo. “Cristo é o verdadeiro ‘mistério’ de Deus. É a síntese do eterno decreto de Deus e, ao mesmo tempo, de sua realização e revelação. [...] Daí em diante, a palavra pode designar os fatos terrestres em que o plano divino da salvação veladamente se manifesta e se realiza” (SMULDERS, 1965, p. 402). Nesses termos, tira-se toda a pretensão de brilho próprio da Igreja.

Pela sua vida, morte e ressurreição, Jesus se manifesta como o “mistério” salvífico de Deus. Ele é o Sacramento Primordial porque revela o amor do Pai dispensado a toda a humanidade. A Igreja se torna *como que* o sacramento universal da salvação porque é o Corpo de Cristo, seu sacramento entre a ascensão e a parusia. Cristo, crucificado e ressuscitado, enviou o Espírito aos discípulos “e por Ele constituiu seu Corpo, que é a Igreja, como sacramento universal de salvação” (LG 48).

A relação entre Jesus, Sacramento Primordial, e a Igreja, seu Corpo, é de profunda intimidade, realizada pela ação pneumatológica. Toda a sacramentalidade da Igreja brota do Sacramento Primordial. “Jesus Cristo é o autor da salvação e a origem da unidade e da paz; a Igreja, por sua vez, é o sacramento visível desta salvação” (KASPER, 1989, p. 252). Assim, a Igreja não é o oitavo sacramento, mas participa do sentido mais profundo desse termo traduzido do grego *mysterium*, que, por sua vez, não significa algo incognoscível, mas aponta para uma realidade divina, transcendente e salvífica, que se revela de modo visível (KASPER, 1989, p. 254). “Comunidade humana de liberdade e de amor, congregada pela

ação salvífica de Cristo, unida pelo Espírito Santo, abrigada pelo amor sempre salvador do Pai, a Igreja é sobre a terra o potente sinal do desígnio de Deus nosso Salvador” (SMULDERS, 1965, p. 418).

A sacramentalidade da Igreja é a garantia de sua origem vinculada a Jesus Cristo, manifestando, simultaneamente, sua dimensão teleológica e a especificidade da salvação operada por Deus nela, por meio do único Salvador.

*O Senhor Jesus, único Salvador, não formou uma simples comunidade de discípulos, mas constituiu a Igreja como mistério salvífico: Ele mesmo está na Igreja e a Igreja nele (cf. Jo 15,1ss; Gl 3,28; Ef 4,15-16; At 9,5); por isso, a plenitude do mistério salvífico de Cristo pertence também à Igreja, unida de modo inseparável a seu Senhor. Jesus Cristo, com efeito, continua a estar presente e a operar a salvação na Igreja e mediante a Igreja (cf. Cl 1,24-27), que é seu Corpo (cf. 1Cor 12,12-13.27; Cl 1,18) (Dominus Iesus, n. 16).*

Com essa concepção de sacramentalidade, o Vaticano II superou a compreensão da Igreja como “sociedade perfeita”, segundo a formulação teológica pós-tridentina (VELASCO, 1996, p. 244). Assim, o concílio mantém unidos dois polos constitutivos da realidade da Igreja. Trata-se de uma formulação calcedônia, que procura superar as tensões dicotômicas:

- A) nestorianismo eclesiológico: vê a Igreja só como uma realidade histórica, sociológica e jurídica, portanto institucional;
- B) monofisismo eclesiológico: vê a Igreja como uma realidade espiritual que pertence ao mundo sobrenatural (BARREIRO, 1994, p. 37).

Ambas as posições haviam se acentuado ao longo da história, especialmente pela afirmação católica da Igreja visível em contraposição à afirmação reformada da Igreja invisível. A sacramentalidade da Igreja garante essa síntese tão bem formulada.

*Mas a sociedade provida de órgãos hierárquicos e o corpo místico de Cristo, a assembleia visível e a comunidade espiritual,*

*a Igreja terrestre e a Igreja enriquecida dos bens celestes, não podem ser consideradas duas coisas, mas formam uma só realidade complexa em que se funde o elemento divino e o humano (LG 8).*

A localização da Igreja como sacramento universal de salvação num contexto escatológico (cf. LG 48) deve excluir todo triunfalismo eclesiológico (cf. KASPER, 1989, p. 253). Ela é sacramento de uma salvação que ainda não é plena, mas aponta, como “sinal e instrumento” (LG 1), para uma plenitude, mesmo porque sua sacramentalidade deriva do Sacramento Primordial, Jesus Cristo.

## 2. Mistério da salvação em Jesus Cristo

Ao longo da história, algumas categorias soteriológicas<sup>2</sup> marcaram sobremaneira a teologia cristã. A formulação redentora do “resgate” está presente na teologia de vários padres da Igreja: Orígenes, Gregório de Nissa, entre outros. Segundo essa concepção, a raça humana caíra, mediante o pecado, na jurisdição do diabo, e a cruz de Cristo foi parte de uma troca com o diabo para resgatar a humanidade. Mais tarde, Anselmo perguntará sobre o sentido de aceitar que o diabo tenha quaisquer direitos legais válidos em relação a Deus, que é criador. A partir daí passa a formular uma nova teoria, inspirada pela cultura feudal da honra ferida (ANSELME, 1963). Dirá ele: com o pecado, a honra de Deus foi ferida e a humanidade, por si mesma, jamais conseguiria repará-la. Por isso foi necessário que o Filho de Deus se encarnasse e morresse na cruz, voluntariamente, para realizar uma satisfação plena pelos pecados do mundo. Dessa maneira Jesus Cristo, homem-Deus, realizou a reparação da honra de Deus. Superando a teologia do resgate, Anselmo instaura a teologia da “reparação-satisfação”, que prevalecerá na teologia e no subconsciente dos católicos por vários séculos.

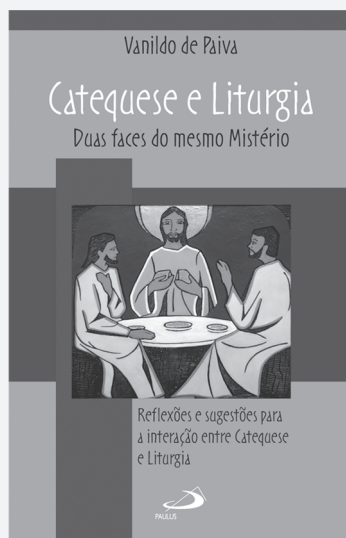
A categoria da *satisfação* surgiu como reação à tese de Anselmo. Tomás de Aquino desenvolveu o tema para explicar o valor salvífico da paixão de Jesus Cristo. Para ele, reparar a natureza humana significa “restau-

# Catequese e Liturgia

## Duas faces do mesmo Mistério

### Reflexões e sugestões para a interação entre Catequese e Liturgia

Vanildo de Paiva



As páginas mostram como a interação entre Catequese e Liturgia se dá na teoria e na vivência diária. Para isso, o autor percorre um itinerário bastante lógico e interessante: dos costumes judaicos, origem e herança do cristianismo, até as práticas atuais, sobretudo no campo catequético. É preciso fazer a centralidade da experiência do Ressuscitado fonte de vida nova.

Formato: 13 cm x 21 cm

Páginas: 144

Cód.: 9788534928120

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



rar”, “reerguer”, “recolocar em estado de plena humanidade” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, IIIa, q. 46, art. I, 2,3; IIIa, q. 56, art. II). O termo *libertação* é tomado no sentido de romper a servidão do ser humano ao pecado. O demônio foi derrotado “pela justiça do homem Jesus Cristo”. O salvador deveria mesmo ser um homem-Deus, pois um “simples homem não poderia satisfazer por todo o gênero humano” (Ibid., IIIa, q. I, art. II, resp). Satisfação compreende, portanto, sacrifício e redenção.

*Jesus nos teria salvado por ter compensado a dupla dívida contraída pela humanidade no pecado: a dívida da ofensa a Deus e a dívida da pena merecida por essa ofensa. [...] a satisfação visa a reparar o direito lesado de alguém. Assim, além de Cristo ter merecido nossa salvação, ele a teria conquistado por agradar a Deus, que estava ofendido pelo pecado* (SALVIAN FILHO, 2009, p. 43).

Outra categoria é a *substituição*, também chamada *satisfação vicária*, *substituição expiatória* ou *expição vicária*. Teve sua inspiração em Lutero com um corte antropológico: Jesus Cristo assumiu o pecado da humanidade e, pela sua paixão, pagou a pena que recairia sobre nós. Essa apresentação comporta a ideia de que Deus devia “ser vingado” em seus direitos sobre o ser humano. Compreende-se, com essa categoria, a salvação como uma *prestação de contas entre Jesus e o Pai*, por meio de um pacto sacrificial, para compensar a terrível ofensa do pecado humano. Daí a ideia de uma substituição penal: Jesus assume nossa culpa e paga a pena pelo pecado. Não se trata propriamente de um castigo de Deus, mas de pena devida à ofensa desferida pelo pecado. Seu embasamento procede de 2Cor 5,21 e Gl 3,13. Cristo satisfaz objetivamente por nossos pecados, tomou de nós para si o julgamento de punição (*satisfatio*, sofrimento punitivo vicário) e nos reconciliou com Deus. Assim procedendo, Jesus pagou, em nosso lugar, uma pena que não podíamos cumprir.<sup>3</sup>

A teologia do Concílio Vaticano II reformulou essa mentalidade tradicional e apresentou nova concepção soteriológica. Orientou a salvação da humanidade como a realização da plena humanização da pessoa humana, numa perspectiva de consumação, como restauração de todas as coisas em Cristo (cf. At 3,21; Ef 1,10; Cl 1,20; 2Pd 3,10-13).

*[...] Ele [Jesus Cristo] é o homem perfeito que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Como a natureza humana foi n’Ele assumida, não aniquilada, por isso mesmo também foi em nós elevada a uma dignidade sublime. Com efeito, por Sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo homem. [...] Isto vale não somente para os cristãos, mas também para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça opera de modo “invisível”. Com efeito, tendo Cristo morrido por todos e sendo uma só a vocação última do homem, isto é, divina, devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério pascal* (*Gaudium et Spes*, n. 22).

A encarnação de Jesus Cristo é entendida na dimensão soteriológica: o Filho se encarna para ajudar a humanidade a potencializar sua impotência, saciando sua sede de infinito, segundo sua vocação divina. Encarnando-se, Jesus foi desatando todas as impotências humanas, libertando todas as suas capacidades, tornando possível que cada pessoa humana realizasse essa potencialização (QUEIRUGA, 1999, p. 179).

*O ser humano não ficará abandonado a si mesmo: ao criá-lo, Deus em pessoa decidiu entrar em sua história e, identificando-se com ele, elevá-lo sobre suas próprias possibilidades, abrindo-lhe assim o caminho “impossível” da realização e da felicidade plenas. A redenção é, antes de tudo e sobretudo, a realização desse projeto* (Ibid., p. 176).

A obra redentora de Jesus Cristo consistiu, portanto, em elevar a humanidade à plenitude, constituindo-a em participante da natureza divina (cf. *Ad Gentes*, n. 3). A encarnação do Verbo se tornou o sinal da vontade salvífica de Deus, sendo, ao mesmo tempo, a realização da graça de Deus presente e perceptível na história, de maneira sensível.<sup>4</sup>

### 3. Ação salvífica da Igreja

A Igreja é comunidade de salvação enquanto sacramento do Sacramento Primordial, inspirada pelo Espírito. Sua missão é salvífica na perspectiva da difusão do reino, avançando pela estreita via da cruz, preparando os caminhos para a plenitude. E é nessa dimensão que a declaração *Dominus Iesus* aborda a necessidade da mediação eclesial para a salvação, partindo de uma citação de *Lumen Gentium*, n. 14.

*Deve-se crer firmemente que a “Igreja peregrina é necessária para a salvação. O único Mediador e o caminho da salvação é Cristo, que se nos torna presente no seu Corpo, que é a Igreja. Ele, porém, inculcando com palavras explícitas a necessidade da fé e do batismo (cf. Mc 16,16; Jo 3,5), ao mesmo tempo confirmou a necessidade da Igreja, na qual os homens entram pelo batismo como por uma porta” (Dominus Iesus, n. 20).*

Para Karl Rahner, existe uma história da salvação que se desenrolou e chegou ao seu vértice absoluto e irreversível na história de Jesus. Essa história da salvação, por sua vez, já não pode desaparecer, ou seja, deve ser Igreja (RAHNER, 1989, p. 406). “[...] como sacramento, a Igreja participa do dom salvífico universal de Deus, tornando-se ela própria um sinal universalmente presente do amor de Deus no mundo” (KEHL, 1997, p. 90).

O mistério da salvação na Igreja é a auto-comunicação de Deus, é o cristianismo como evento salvífico, como agir de Deus para conosco e, ao mesmo tempo, resposta do ser humano a esse agir (RAHNER, 1989, p. 405). Sendo graça, esse agir de Deus se dá na me-

dição de experiências históricas. A tentação de prescindir disso, adotando uma atitude dualística ou gnóstica, acabará por sucumbir o mistério da Igreja (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 269).

Sendo “sacramento-mistério”, a Igreja aponta para uma plenitude da realidade salvífica, em demanda de uma consumação ainda esperada. Essa é sua dimensão escatológica. Assim entendida, a vida da Igreja não é o último-definitivo, mas sua antecipação sacramental.

*Ela [a Igreja] é, de algum modo, a própria salvação realizada, a nova criação da humanidade segundo a imagem do Criador, a qual está irrevogavelmente estabelecida e antecipada para sempre. Ela já mostra a definitiva unidade do escolhido povo de Deus. Com isso está servindo a essa unidade de que ela prefigura. [...] Tudo isso exprime, todavia, uma relação bem rica e real com a salvação. [...] A Igreja é mais do que simples meio de salvação. Ela é a forma terrena da salvação, a sua realização na terra e o germe do reino definitivo de Deus [...]. Ela é o eleito Povo de Deus da eterna aliança. [...] É meio e sinal de salvação, por ser já agora a garantia da salvação (SMULDERS, 1965, p. 414).*

Lembra-nos a *Gaudium et Spes* a que fim tende a Igreja: “[...] que venha o reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade” (GS 45). Depois de ter afastado a tentação de se igualar ao reino, a Igreja se põe na posição de serviço à edificação desse reino, que é maior do que ela. Tal serviço é prestado a toda a humanidade, enquanto a Igreja procura seguir o mesmo caminho do Mestre, comunicando os frutos da salvação a todas as pessoas, vendo-se humilde e abnegada para ser testemunha do evangelho. Mesmo necessitando de bens terrenos para realizar sua missão, a Igreja tem consciência de que não foi instituída para buscar a glória terrestre.

*A Igreja cerca de amor todos os afligidos pela fraqueza humana, reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu*

*Fundador pobre e sofredor. Faz o possível para mitigar-lhes a pobreza e neles procura servir a Cristo. [...] Entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus, avança, peregrina, a Igreja, anunciando a cruz e a morte do Senhor até que venha (1Cor 11,26). Mas é fortalecida pela força do Senhor ressuscitado, a fim de vencer pela paciência e pela caridade de suas aflições e dificuldades tanto internas quanto externas, para poder revelar ao mundo o mistério d'Ele, embora entre sombras, porém com fidelidade, até que no fim seja manifestado em plena luz (LG 8).*<sup>5</sup>

A Igreja é sinal de Jesus Cristo, por causa de sua tríplice figura de serva: 1) é a Igreja dos pobres; 2) é a Igreja dos pecadores – uma Igreja que é santa e, ao mesmo tempo, deve ser continuamente purificada; 3) é a Igreja perseguida (KASPER, 1989, p. 254). Sendo servidora e necessitada de purificação, “a Igreja peregrina leva consigo [...] a figura deste mundo que passa e ela mesma vive entre as criaturas que gemem e sofrem como que dores de parto até o presente e aguardam a manifestação dos filhos de Deus (cf. Rm 8,19-22)” (LG 48).

O plano salvífico de Deus é dirigido a todos os seres humanos a partir da ação sacramental do Filho, mediante a inspiração do Espírito. Podemos falar de uma universalidade salvífica a partir da verdade: ninguém está excluído dessa proposta. “Deus quer a salvação de todos mediante o conhecimento da verdade. A salvação encontra-se na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito de verdade já estão no caminho da salvação; mas a Igreja, a quem essa verdade foi confiada, deve ir ao encontro de seu anseio, levando-lhe a mesma verdade” (*Dominus Iesus*, n. 22).

O concílio ensina que a Igreja é necessária para a salvação, pois Cristo, único mediador e caminho da salvação, se torna presente no seu corpo que é a Igreja. E ainda afirma que não podem se salvar “aqueles que, sabendo que a Igreja Católica foi fundada por Deus através de Jesus Cristo como instituição necessária, apesar disso não quiserem nela entrar

ou nela perseverar” (*Lumen Gentium*, n. 14). Há outra expressão que parece acentuar essa exclusividade: “Somente através da Igreja Católica de Cristo, auxílio geral de salvação, pode ser atingida toda a plenitude dos meios de salvação” (*Unitatis Redintegratio*, n. 3).

Esses termos fazem-nos recordar o famoso axioma de Orígenes e Cipriano: “*Extra ecclesiam nulla salus*”, formulado num contexto específico com um sentido próprio. Kehl procura uma hermenêutica sobre aquele axioma, afirmando que ele “não deve se referir exclusivamente à Igreja constituída institucional-sacramentalmente, como se fora de suas fronteiras visíveis não se desse nenhum caminho salvífico [...], mas que também assume, desde a criação até a consumação do reino de Deus, sempre uma configuração universal sacramental” (KEHL, 1997, p. 62-63). Analisando mais atentamente, verifica-se que é essa a ideia que o concílio deseja expressar: “Deus pode, por caminhos d'Ele conhecidos, levar à fé os homens que sem culpa própria ignoram o evangelho” (*Ad Gentes*, n. 7). Há outra passagem, mais clara, que alarga bem mais essa compreensão:

*Todos os homens, pois, são chamados a esta católica unidade do povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal. A ela pertencem ou são ordenados de modos diversos quer os fiéis católicos, quer os outros crentes em Cristo, quer enfim todos os homens em geral, chamados à salvação pela graça de Deus (LG 13).*

A missão soteriológica da Igreja tem seu campo no horizonte da história, mas transcende-o para uma dimensão escatológica, da qual ela já é antecipação, *como que* seu sacramento: “[...] a Igreja, sal da terra e luz do mundo, é chamada com mais instância a salvar e renovar toda criatura, para que tudo seja restaurado em Cristo, e n'Ele os homens constituam uma só família e um só povo de Deus” (LG 1).

## CONCLUSÃO

Não resta dúvida de que o melhor meio de que a Igreja pode servir-se na sua missão

salvífica é o testemunho do amor inspirado na oferta plena consumada por Jesus Cristo, no altar da sua vida, como doação levada às últimas consequências. Oferecendo-se incondicionalmente à humanidade, Jesus Cristo inaugurou a aurora dos tempos escatológicos da plena humanização da humanidade. Nele somos salvos para uma nova dimensão, até que ele seja “tudo em todos”. Ele é o protótipo para a missão da Igreja, comunidade salvífica, pois é ele o Sacramento Primordial.

A análise de vários documentos e a reflexão teológica de autores modernos nos garantem que a Igreja é uma instituição que não existe por si mesma nem para si mesma. Em Jesus Cristo, ela se torna sacramento do Sacramento Primordial com o sentido teleológico de apontar o caminho salvífico. Pela ação do Espírito, está vinculada ao Salvador único – eis o seu mistério. Por isso é chamada a superar todo juridicismo e exorcizar a tendência de igualar-se ao reino. Antes, ela aponta para o reino, antecipa-o e dele é serva.

Enquanto instituição, a Igreja não esgota o Sacramento Primordial. Este é maior que ela e pode manifestar-se de maneiras diversas nas variadas culturas da humanidade. Afinal, Deus tem muitos meios para salvar a humanidade. Portanto, há que reconhecer que a graça salvífica pode chegar antes do sacramento institucional.

Sentimos o chamado a aprofundar uma hermenêutica do sentido de catolicidade que não pode ser esgotado no cenário da instituição católica. A pretensão de apropriar-se da salvação, como sua única via, descarta a realidade sacramental do ser Igreja, pois ela não é a realidade última da salvação de Deus na história, mas aponta para ela, *como que* em mistério.

## BIBLIOGRAFIA

- ANSELME. *Pourquoi Dieu s'est fait homme*. Paris: Cerf, 1963. (Sources Chrétiennes.)  
BARREIRO, A. *Povo santo e pecador*. São Paulo: Loyola, 1994.  
BÍBLIA DE JERUSALÉM. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2003.

## Como estudar liturgia

### Princípios de ciência litúrgica

Ione Buyst



O livro mostra a caminhada da ciência litúrgica no mundo e na América Latina no passado para indicar caminhos possíveis para o estudo da liturgia no futuro em nosso continente, que é marcado pela realidade e pela Teologia da Libertação. A autora abre caminhos e encoraja a caminhar, na certeza de que tal atitude se faz muito necessária.

Formato: 13 cm x 21 cm  
Páginas: 176  
Cód.: 9788534916783

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Ad Gentes. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gaudium et Spes*. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Lumen Gentium*. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

HICK, J. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000.

KASPER, W. *Teologia e chiesa*. Brescia: Queriniana, 1989.

KEHL, M. *A Igreja*. São Paulo, 1997.

MAIA, G. *A problemática da salvação na cultura moderna: delineamentos para uma nova soteriologia à luz da obra de Torres Queiruga*. 2005. Dissertação de Mestrado – Faje, Belo Horizonte, 2005.

QUEIRUGA, A. Torres. *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. São Paulo: Paulus, 1999.

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Dominus Iesus*. São Paulo: Loyola: Paulus, 2000.

SALVIAN FILHO, J. O agir salvador de Jesus segundo Santo Tomás de Aquino. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte. v. XLI, n. 113, p. 39-57, 2009.

SCHILLEBEECKX, E. *A história humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

SESBOUÉ, B. (Org.). *Histoire des dogmes 1: le Dieu du salut*. Paris: Desclée, 1994.

\_\_\_\_\_. *Jesus-Christ l'unique médiateur. Essai sur la rédemption et le salut: problématique et relecture doctrinale*. Paris: Desclée, 1997. t. 1.

SMULDERS, P. A Igreja como sacramento de salvação. In: BARAÚNA, G. (Org.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2002. v. 8.

## NOTAS:

1. Essa publicação gerou grande debate em torno da interpretação que o Concílio Vaticano II quis apresentar sobre a extensão do termo *Igreja*. Seria a Igreja Católica Apostólica Romana a única Igreja de Jesus Cristo? Deve-se identificar a Igreja instituição como a única Igreja instituída por Jesus Cristo? Poderíamos identificar outras denominações cristãs verdadeiramente pertencentes à Igreja? O que se entende por Igreja universal? Mas esse empolgante debate não tem aqui o seu lugar. Seria objeto de estudo mais aprofundado. Contentemo-nos com nosso objetivo.
2. Sobre "categorias soteriológicas", cf. G. MAIA, 2005, p. 28-43. Após uma apresentação da salvação na perspectiva bíblica, passa-se a uma análise das "categorias soteriológicas", como foram formuladas no decorrer da sistematização da fé cristã. Faz-se uma diferenciação entre "categorias soteriológicas descendentes" e "categorias soteriológicas ascendentes".
3. Para ter uma visão geral dessas teorias soteriológicas, seria proveitosa uma leitura do cap. 11 de J. HICK, 2000, p. 152-170, que traz breve e substancial abordagem do tema. Veja também: A. TORRES QUEIRUGA, 1999; B. SESBOUÉ, 1997; *Idem*, 1994 (especialmente cap. VII e VIII).
4. Cf. J. FEINER, citado por P. SMULDERS, *A Igreja como sacramento de salvação*, p. 412.
5. Essa citação corresponde ao famoso "Esquema XIV", preparado por uma ala dos padres conciliares após a aprovação do capítulo do "Povo de Deus", numa tentativa de pôr "o mistério de Cristo nos pobres e a evangelização dos pobres como o centro e a alma do trabalho doutrinal e legislativo deste concílio". Mesmo não tendo sido assumido na sua totalidade, esse esquema sacudi a assembleia sinodal, que passou a assumir parte dos textos em diferentes documentos conciliares. Sobre esse assunto, cf. VELASCO, 1996, p. 248-249.

## Suplementos Especiais O DOMINGO

Modernos, coloridos e bem organizados, os suplementos especiais de *O Domingo* apresentam uma proposta de oração eucarística e cantos adequados para animar as comunidades cristãs em seus momentos de celebração eucarística especial.

### Missa da Confirmação

Celebração do Casamento Sem Missa

Celebração do Batismo

Missa do Coração de Jesus

Celebração da Reconciliação

Missa dos Enfermos

Missa da Primeira Comunhão

Missa de Casamento

Missa de Formatura

Missa de Bodas de Casamento

Missa do Padroeiro

Missa de 15 Anos

### Missa de Nossa Senhora

Missa de Ação de Graças

Missa da Esperança

Vigília Exequial

Celebração: Dízimo é Partilha

Aniversário de Ordenação Sacerdotal

Missa com Encarcerados



Vendas pelo telefone:  
(11) 3789-4000 (Grande São Paulo)  
0800-164011 (outras localidades)

Visite nossa loja virtual  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



# COMUNICAÇÃO LITÚRGICA: AÇÃO SINERGETICAMENTE DIVINO-HUMANA<sup>1</sup>

Frei José Ariovaldo da Silva, ofm\*

## 1. O que às vezes se entende por comunicação litúrgica

Pelo que se percebe em muitas práticas celebrativas por aí afora, comunicação litúrgica vem sendo identificada mais ou menos com barulho. Quanto mais barulho, discursos doutrinários altiloquentes, movimentação, agitação, frenesi, melhor e mais autêntica seria a comunicação litúrgica.

O padre sobe com seus “ajudantes” ao palco e se “comunica” (!) com o povão, que, em reação, delira em vibrantes “aleluias”, aplausos e comovidos prantos, lavando a alma. Note-se que o espaço chamado presbitério se transforma em palco de *show*, e os diferentes ministérios são vistos não como atores da celebração, mas como “ajudantes do padre”.

Comunicação litúrgica, então, seria isto mesmo: ele fala bem (mesmo que seja aborinha moralista e sentimental massageando egos ávidos de poder e prazer); faz gestos espalhafatosos (mas que atraem, pois divertem!); veste-se com exuberância tal – ou, ao contrário, com pseudossimplicidade tal –, de “encher os olhos” (tudo isso diverte!)... Ele é “o cara”... Comunicador litúrgico!...

Mas, tratando-se de celebrar de fato a divina liturgia, isto é, de expressar sacramentalmente a presença viva do mistério pascal, leva os ritos “no chute”: às pressas, sem unção, sem devoção, ou com artificialismo sonolento, mero leitor de textos do missal, e/ou “inventando coisas” – querendo ser “criativo” –, ou tudo num formalismo tal, que, enfim, fica

difícil perceber (e viver) o fato de que o mistério de Cristo está aí, gratuitamente, disposto a ser posto em comum, dividido, repartido...

Tudo, no fundo, gira em torno do ego próprio do padre e dos outros ministros ou da assembleia, que “assiste” ao espetáculo e se entretém: todos desconectados e, por conseguinte, alienados da raiz e centro da nossa fé, o Mistério, que está aí como tenro broto de feijão sufocado debaixo de uma terra dura

\* Frade franciscano e sacerdote, doutor em Liturgia; professor de Liturgia no Instituto Teológico Franciscano (ITF), em Petrópolis (RJ). É membro fundador da Associação dos Liturgistas do Brasil (Asli), da qual foi primeiro presidente. Faz parte da Equipe de Reflexão da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). É membro da comissão consultiva para acabamento da Basílica Nacional de Aparecida. Faz parte do Centro de Liturgia D. Clemente Isnard, ligado ao Instituto Pio XI da Universidade Salesiana (Unisal), em São Paulo. Faz conferências e presta assessoria em cursos, seminários e Semanas de Liturgia em institutos teológicos, dioceses e paróquias pelo Brasil afora. Publicou diversos livros, entre os quais: *O domingo, páscoa semanal dos cristãos*; *Os elementos fundamentais do espaço litúrgico para a celebração da missa: sentido teológico, orientações pastorais*, pela Paulus; *O Movimento litúrgico no Brasil. Estudo histórico; O mistério celebrado: memória e compromisso*.

## NOTA:

1. O presente texto é uma conferência apresentada na 24ª Semana de Liturgia do Centro de Liturgia D. Clemente Isnard, em São Paulo, no dia 19/10/2010. Uma explicação prévia: o subtítulo aqui, na verdade, é uma feliz definição dada pelo teólogo liturgista A. M. Triacca, como podemos ver mais adiante, no correr do texto. Só para adiantar, “sinergia” é palavra grega que, no fundo, significa “cooperação”, “ação conjunta”.

e seca, pensando para encontrar uma brecha a fim de vir ao sol e a muitos alimentar...

E muitos, talvez, ousam chamar a isso tudo “comunicação litúrgica”! Mas, então, o que seria comunicação litúrgica e como ela se dá? Vale a pena meditar um pouco sobre isso.

## 2. A palavra “comunicação” no seu sentido originário latino

Consultando os dicionários – etimológicos ou não – da língua latina, portuguesa e italiana, pode-se perceber o seguinte:

A palavra “comunicação” tem sua origem no verbo latino *communicare*.

Esse verbo, por sua vez, liga-se ao adjetivo latino *communis* (de *cum*+*múnus*), normalmente traduzido como “pertencente a todos ou a muitos”, “comum”, “coletivo”.

De *communis* (comum, pertencente a todos ou a muitos, coletivo) vem o verbo *communicare*.

Consequentemente, *communicare* é normalmente traduzido em primeiro sentido como “pôr em comum, repartir, dividir alguma coisa com alguém, partilhar”. Daí o sentido de “reunir, associar, misturar”. Intransitivamente leva também o sentido de “falar, conversar, comunicar”. Mas ainda se traduz por “comungar”, como veremos.

É interessante constatar que, na língua italiana (uma das línguas mais próximas do latim), o verbo *comunicare*, além dos sentidos de “comunicar, tornar comum, participar, ter relação, conviver”, tem o sentido de “comungar, dar comunhão”. A palavra italiana *comunicare* significa também “comungar”.

É o sentido que o termo latino *communicare* tem normalmente no Missal Romano! *Communicare/communicatio*, na edição latina do Missal Romano, tem a ver com “comungar/comunhão”, como podemos conferir logo mais. Em outras palavras, já podemos intuir que, na liturgia, *communicare/communicatio* (comungar/comunhão) tem a ver com “pôr em comum, repartir, dividir algo com alguém, partilhar”.

E aí vem a pergunta: o que é “posto em comum, repartido, dividido conosco e entre nós, partilhado”, no jogo da divina liturgia, para que possamos falar, de fato, em “comunicação litúrgica”? E como isso acontece? São perguntas que permanecem em pé, cujas respostas vamos tentar perceber aos poucos, neste nosso “caminho a Emaús”.

## 3. “Communicare/communicatio” (comungar/comunhão) no Missal Romano

Como já anunciamos anteriormente, *communicare/communicatio*, na edição latina do Missal Romano, tem a ver com “comungar/comunhão”. Confirmamos, pois, tais palavras em suas diferentes formas verbais e na forma substantiva!

*Communicamus* (comungamos)

– Na oração após a comunhão, no 5º domingo da Quaresma, é feito o seguinte pedido: “Concedei [...] que sejamos sempre contados entre os membros de Cristo, cujo Corpo e Sangue *comungamos* (*communicamus*)”. Em outras palavras, só para adiantar: o Corpo entregue e o Sangue derramado (mistério pascal) de Cristo põem-se em comum (são comunicados) com nossos corpos em assembleia e nós (pela oração e ação de comer e beber juntos) pomos nossos corpos em comum (comungamos) com o mistério de “Cristo em nós, a esperança da glória” (Cl 1,27), e assim, nessa intercomunhão solidária, experimentamo-nos Corpo eclesial a viver a justiça, o amor e a paz.

– De forma quase idêntica aparece a segunda epiclese (invocação do Espírito Santo) das Orações Eucarísticas VI/A, B, C e D: “[...] que, pela força do Espírito do vosso amor, sejamos contados, agora e por toda a eternidade, entre os membros do vosso Filho, cujo Corpo e Sangue *comungamos* (*communicamus*)”.

*Communicantes* (em comunhão; vós que participais; comungando)

– Na Oração Eucarística I (Cânon Romano) se reza: “Em *comunhão* (*communicantes*)

com *toda* a Igreja, veneramos a sempre Virgem Maria [...]”. “Com *toda* a Igreja”, aqui, significa com toda a Igreja mesmo! Com a Igreja ainda peregrina rumo ao céu (o papa, os bispos, todos os que guardam a fé recebida dos apóstolos, os irmãos e irmãs pelos quais oramos, a própria comunidade reunida em torno do altar e, por que não, todos os que já “partiram desta vida marcados com o sinal da fé”) e com a Igreja do céu (Maria, são José, os apóstolos e mártires e todos os santos que oram por nós)! Com todo o corpo eclesial do céu e da terra temos algo em comum, ou seja, o mistério pascal de Cristo, que, pelo Espírito, “aqui” nos “re-une” na presença do Pai para o memorial pascal, para a oferta do sacrifício pascal, para a ação de graças, em espírito de serviço. Como, aliás, rezamos na *anámnese/ofertório* da Oração Eucarística II: “Celebrando, pois, a memória da morte e ressurreição do vosso Filho, nós vos oferecemos, ó Pai, o pão da vida e o cálice da salvação; e vos agradecemos porque *nos tornastes dignos de estar aqui* [‘re-unidos’] *na vossa presença e vos servir*”. Aliás, logo no início da missa, a própria assembleia responde à saudação do sacerdote que preside: “Bendito seja Deus que nos ‘re-uniu’ no amor de Cristo!”

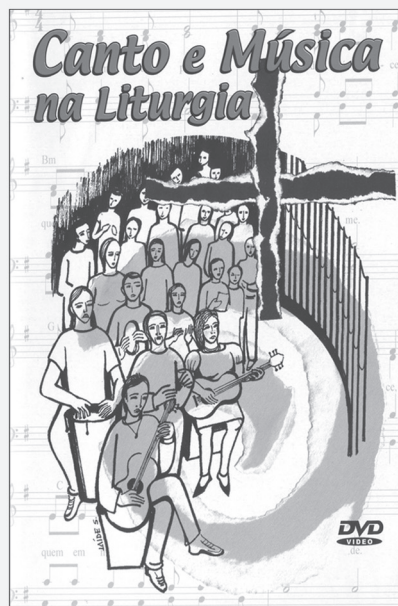
– Igualmente nas Orações Eucarísticas VI/A, B, C e D se reza: “E em *comunhão* (*communicantes*) com a bem-aventurada Virgem Maria, com os apóstolos e mártires e todos os santos, vos louvaremos e glorificaremos”.

– A antífona da comunhão da memória de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro) proclama: “Vós que *participais* (*communicantes*) dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que, ao manifestar a sua glória, vossa alegria não tenha limites”. Note-se que, aqui, a forma verbal *communicantes* foi traduzida em português pela expressão “vós que participais”, dando a entender que “participação” e “comunhão” se equivalem.

– A oração após a comunhão na missa votiva de todos os santos apóstolos diz: “Ó Deus, *comungando* (*communicantes*) na fração do pão e nas orações, fazei-nos perseverar com

## DVD Canto e música na liturgia

Cireneu Kuhn



O conteúdo deste DVD é apresentado em três blocos: “Quem canta na liturgia?”, “O que cantar na liturgia?” e “Um canto para cada tempo litúrgico”. No final de cada um são colocadas algumas perguntas para debate. Este subsídio certamente ajudará as comunidades cristãs a celebrarem ativa e frutuosamente o Mistério Pascal, cantando o canto novo dos ressuscitados em Cristo.

Duração: 58 min.  
Cód.: 7891210008145

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



alegria e simplicidade de coração na doutrina dos apóstolos”.

*Communicavit (comunicou)*

– Na renovação das promessas sacerdotais, na Quinta-Feira Santa, o bispo se dirige aos sacerdotes presentes com estas palavras: “Filhos caríssimos, celebrando cada ano o dia em que o Senhor Jesus *comunicou* (*communicavit*) o seu sacerdócio aos apóstolos e a nós [...]”. Note-se que aqui a forma verbal *communicavit* foi traduzida simplesmente por “comunicou”, dando a entender que “comunicar”, de fato, tem que ver com “pôr em comum”.

*Communicent (comuniquem)*

– Na oração de bênção sobre a esposa e o esposo (bênção nupcial), na celebração do matrimônio, faz-se também este pedido: “Concedei a N. e N. que, pelo sacramento do matrimônio, *comuniquem* (*communicent*) um ao outro os dons do vosso amor e, sendo um para o outro sinal da vossa presença, se tornem um só coração e uma só alma”. Também aqui “comunicar” tem muito a ver com “pôr em comum”.

*Communicet (em comunhão)*

– Na missa e orações por várias circunstâncias (outra oração pelo papa), se reza na oração da coleta: “[...] Concedei ao que faz as vezes do Cristo na terra confirmar na fé seus irmãos para que toda a Igreja se mantenha em *comunhão* (*communicet*) com ele, no vínculo da unidade, do amor e da paz [...]”.

*Communicatio (comunhão)*

– Na fórmula de saudação inicial do ordinário da missa, o sacerdote diz: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a *comunhão* (*communicatio*) do Espírito Santo estejam convosco”. De fato, segundo o apóstolo Paulo, na diversidade de dons temos todos em comum (comungamos) o mesmo Espírito (cf. 1Cor 12,1-11).

– Reza assim a antífona da comunhão tanto da missa do 24º domingo do tempo comum como da missa pelo próprio sacerdote – C

(missas e orações por diversas necessidades) e da missa votiva do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo: “O cálice de bênção pelo qual damos graças é a *comunhão* (*communicatio*) no Sangue de Cristo; e o pão que partimos é a *comunhão* (*participatio*) no Corpo do Senhor” (cf. 1Cor 10,16). Note-se que, na versão latina, as palavras *communicatio* e *participatio* praticamente se intercambiam em torno do mesmo sentido de *comunhão* (no original grego, simplesmente: *κοινωνία*)!

4. No jogo da divina liturgia, o que é posto em comum (comunicado): uma reflexão pela frente...

Antes, uma espécie de parêntese. Curiosamente, diferentemente do Missal, o original latino da constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia (SC) usa uma única vez o verbo *communicare* (porém traduzido em português pelo verbo “participar” – cf. SC 18) e uma única vez, citando At 2,41-42, o substantivo *communicatio* (traduzido em português por “comunhão” – cf. SC 6). Duas vezes apenas usa o substantivo *communio*: uma ao referir-se à “comunhão do sacerdote” e outra ao falar da “comunhão sob duas espécies” (SC 55). Usando um texto do Sacramentário Veronense para proclamar que em Cristo nos foi “comunicada” (tradução portuguesa!) a plenitude do culto divino, usa o verbo *indire* (cf. SC 5). Outras vezes, ao falar da comunhão eucarística, usa uma vez o verbo *sumitur* (de *sumere*: tomar [sobre si], encarregar-se, assumir), traduzido em português por “nos é comunicado” (cf. SC 47), e outra vez usa o verbo *sumunt* (de novo de *sumere*), traduzido em português por “comungam” (cf. SC 55). Talvez tenha havido um desconhecimento (ou esquecimento?) da riqueza de sentido primordial que a palavra *communicare/communicatio* tem nas orações do Missal, a maioria das quais vinda da mais antiga tradição litúrgica da Igreja romana. Entretanto, mesmo não usando a palavra *communicare/communicatio*, o documento conciliar apresenta com outras palavras, no seu bojo (cf. SC 5-10), o sentido contido nos

textos do Missal, isto é, do mistério posto (ou que se põe) em comum na sagrada liturgia, da qual somos convidados a tomar parte.

De fato, a SC privilegia muito mais o verbo *participare* (em sua forma infinitiva, adjetiva e no gerúndio), ocorrente 14 vezes (cf. SC 8, 10, 11, 17, 21, 33, 48, 53, 56, 85, 90, 106, 113), e o substantivo *participatio*, ocorrente também 14 vezes, nos números 12, 14, 19, 26, 27, 30, 41, 50, 55, 79, 114, 121, 124. Isso também é significativo. Não estaria aí embutido, de alguma maneira, o sentido da comunicação litúrgica? No entanto, a meu ver, *communica-re/communicatio* esconde e revela uma mística litúrgica bem mais envolvente, profunda e abrangente, como vemos no próprio Missal.

Mas voltemos ao Missal Romano. É significativo o fato de este usar tantas vezes a palavra latina *communicare/communicatio* e, na maioria das vezes, ela ser traduzida em português como “comungar/comunhão”. E aí retornamos à pergunta feita anteriormente: no jogo da divina liturgia, o que é “posto em comum conosco e entre nós”, que a palavra latina *communicare/communicatio* (comungar/comunhão) parece evocar? E como isso acontece e aparece?

Ensina-nos o Concílio Vaticano II que a obra da salvação, prenunciada por Deus, é realizada em Cristo, continua na Igreja e se coroa em sua liturgia (cf. SC 5-6). Percorramos, pois, por esse caminho, para ver aonde vamos chegar, nesta meditação mais ou menos despretensiosa...

## 5. A obra da salvação, prenunciada por Deus...

Deus tomou a iniciativa de “pôr em comum” com o ser humano seu próprio “sopro de vida” (Gn 2,7), criando-o “à sua imagem e semelhança” (Gn 1,27). O ser humano, por sua vez, em sua liberdade, punha em comum com Deus e todas as criaturas o seu dom de cuidar para que tudo vivesse em sua plena inteireza sob o mesmo Espírito comunicador de vida e paz. Era o paraíso!

Mesmo depois que o ser humano – distraído pelos enganos da serpente e, conseqüentemente, alienando-se livremente da

Beleza vital de seu próprio corpo e de todas as demais criaturas (numa palavra, do paraíso) – deixou de comungar do sonho do Criador, não foi abandonado ao poder da morte. Deus o socorreu com bondade, para que, ao procurá-lo, o pudesse encontrar. De fato, esse jogo de “comunicação” entre o divino e o humano aparece de forma perfeitamente sintetizada na Oração Eucarística IV: “[Pai santo], criastes o homem e a mulher à vossa imagem e lhes confiastes todo o universo, para que, servindo a vós, seu Criador, dominassem (cuidassem de) toda criatura. E quando pela desobediência perderam a vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte, mas a todos socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar”. Deus não deixou de comunicar (pôr em comum) ao ser humano seu sopro de vida, para que, ao acolher este Deus, ele (o ser humano nos sinais de sua história concreta) pudesse recuperar o sopro vital divino.

Pois bem, toda a história do Antigo Testamento foi um longo tempo de namoro/noivado, às vezes tranquilo, às vezes conflituoso e até dramático, entre o Deus misericordioso e compassivo e o ser humano fragilizado, de modo a ir preparando a humanidade para o resgate da plena comunhão dos primordiais tempos paradisiacos...

## 6. ...advém e se realiza em Cristo...

Até que finalmente chegou o momento (a plenitude dos tempos!) em que, de fato, Deus se casou (comunicou/comungou) com a humanidade em seu estado primordial paradisiaco, a saber, na pessoa de Maria por ele criada. A comunicação (= comunhão) entre Maria e o Espírito de Deus foi então perfeita: entrelaçaram-se o Espírito de Deus e aquele corpo não corrompido da humanidade numa comunicação absolutamente transparente e sem empecilhos (cf. Lc 1,28.30.35.48), e dessa comunhão surgiu o milagre de um “fruto bendito”, o “Filho do Altíssimo” (cf. Lc 1,42.32). Virgem que era, isto é, totalmente desvinculada dos “enganos” deste mundo e apenas conectada (comunicação/comunhão) com a pureza do mistério originário da vida (o Verbo eterno de Deus), em Maria possibilitou-se a maravilha

(o milagre) da encarnação, a saber: a pureza do mistério profundo da vida, por obra do Espírito, assumiu forma humana sobre este nosso pequenino planeta Terra e, nele (nesse mistério), nós nos eternizamos. Como, aliás, cantamos no prefácio III da oração eucarística na solenidade do Natal do Senhor: “No momento em que vosso Filho assume nossa fraqueza, a natureza humana recebe uma incomparável dignidade: ao tornar-se ele um de nós, nós nos tornamos eternos”. Na gravidez de Maria, nossa mãe Terra e, nesta, todos nós nos tornamos grávidos da presença viva do amor divino e eterno que a tudo permeia. Mistérios da comunicação divina no humano e vice-versa!

Ou, como proclama o Evangelho de João: “E o Verbo se fez carne e armou sua tenda entre nós”. E o que aconteceu? “Vimos a sua glória, a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). Vimos, pudemos tocá-lo e nossos corpos foram “tocados” por ele: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalpam no tocante ao Verbo da vida [...], nós também vos anunciamos a fim de que também vós vivais em comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo” (1Jo 1,1.3). Por isso, nessa comunhão com Cristo, nossa missão agora é também continuar a “tocá-lo”. E como? “Tocando” os corpos dos irmãos e irmãs com gestos de amor, como Deus nos amou (cf. 1Jo 3,11-24; 4,7-21). Assim, experimentamos o que significa comunicação humana no divino e comunicação divina no humano: comunhão.

Temos, nesse sentido, um exemplo lindo na história de Zaqueu. O pequenino Zaqueu permitiu que Jesus entrasse em sua casa, isto é, deixou aquele Jesus com um projeto do Pai bem definido e evidente comungar de sua intimidade. E o que aconteceu? “Esquecendo” a perigosa distração dos seus rentáveis negócios e conectando-se (em comunicação/comunhão profunda) com sua alma, isto é, com sua imagem e semelhança de Deus que a pessoa de Jesus espelhava, foi transformado por ele em templo da solidariedade (comunhão) com os pobres. Assim, Jesus podia garantir ao sim-

pático Zaqueu que a salvação entrou na sua casa, isto é, na casa do seu “corpo fazendo-se corpo” com outros corpos por ele amados (cf. Lc 19,1-10).

Toda a trajetória de vida de Jesus, desde sua encarnação até sua morte na cruz, foi vivida num dramático jogo de duas paixões: a paixão do Esposo que vem para se aninhar e semear a libertação em nossa Tenda e a paixão da esposa (humanidade) que o acolhe ou, apaixonada por outros amantes, lhe fecha as portas...

Então, como diz a constituição sobre a sagrada liturgia, “toda a obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, da qual foram prelúdio as maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão. Por esse mistério, Cristo, ‘morrendo, destruiu a nossa morte e, ressuscitando, recuperou a nossa vida’ (prefácio da Páscoa). Pois do lado de Cristo, dormindo na cruz, nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja” (SC 5).

## 7. ...continua na Igreja e se coroa em sua liturgia, numa esplêndida sinergia divino-humana

Sinergia, aqui, tem a ver com “energia conjunta” do Esposo/Cristo e da Esposa/Igreja permeada do Espírito, numa ativa intercomunicação amorosa; encontro ativamente comprometido entre dois amores.

No gesto máximo de solidariedade do Esposo para com sua amada (= ele comungando com a própria morte do ser humano fragilizado!) manifesta-se a máxima grandeza do amor, ou melhor, a vitória do amor, que, assim sendo, transforma a nossa morte em vida. E já não somos mais dois separados (criatura e Criador), mas um só, formando em Cristo um só corpo eclesial, numa esplêndida sinergia (comunicação) divino-humana. Torna-se realidade o que Jesus pediu em sua “oração eucarística”, durante a sua última ceia, às vésperas de sua glorificação (cf. Jo 17): “Que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim

e eu em ti, para que eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21).

Assim, podemos afirmar com imensa gratidão que, agora, nos ritos litúrgicos da Igreja, está realmente presente o mistério de Cristo. Consequentemente, podemos dizer: as ações rituais da Esposa são gestos do próprio Esposo, e vice-versa. Em outras palavras, as ações rituais são expressões vivas da “nova e definitiva aliança” (comunhão) selada no sangue do Cordeiro. Nelas o Esposo comunga (comunica, põe em comum) com sua Esposa (e vice-versa!) a vitória do amor para que, a partir daí, com a contribuição de todos(as), a humanidade e todo o planeta Terra possam usufruir daquela qualidade de vida que Deus sonhou para toda a criação.

Cristo, de fato, está realmente presente (comungando conosco!) na globalidade da celebração litúrgica desta Tenda/Igreja que somos nós. Essa era a consciência da tradição mais antiga dos cristãos, ultimamente resgatada pelo Vaticano II (cf. SC 7).

Tal presença procurava se expressar da melhor maneira possível pela ritualidade da liturgia. A divina liturgia (obra da Trindade) se comunica (se põe em comum) conosco no rito que nos é dado realizar em memória da Páscoa.

Tal presença foi representada também pela forma artística dos espaços da celebração. Por exemplo, na abside de basílicas antigas, vemos bem representada a presença viva de Cristo no meio da assembleia, presidindo-a. A figura de Cristo – vejam seu rosto, seu “olhar”! – está ali solene, com os olhos abertos (olhos abertos!... olhem esse detalhe!) sobre a assembleia. Significa precisamente a presença viva do grande protagonista da liturgia da Igreja. Ao entrar nesse espaço sagrado ou, sobretudo, ao participar da liturgia nele celebrada, o próprio espaço, assim, leva-nos a viver uma experiência de comunicação viva e real entre o mistério de Cristo e nós (e vice-versa!). O mistério, assim, mexe com nossos espaços interiores e nós, em troca, lhe respondemos e correspondemos com nossos sentidos e sentimentos.

A consciência da presença real, isto é, do invisível com o visível e no visível, é fundamental para que aconteça de fato a experiência de comunicação litúrgica. Mas trata-se de presença muito intensa; tão intensa, que a gente não vê; ela como que se ausenta, de tão intensa e impregnante que é. Segundo Michel Carrouges:

*O culto está necessariamente fundado na presença de Deus. Mas essa presença não se dá senão através de certa ausência. A presença é certa, mas inteiramente transcendente e escondida, enquanto a ausência é evidente. Ambas são interdependentes. Se a ausência fosse total, estaríamos no ateísmo, e o culto seria um puro absurdo. Se a presença fosse total, não haveria necessidade de igrejas e de ritos para suprir a ausência. A liturgia é uma obra de passagem [...] Enquanto realiza uma comunicação com Deus, é um mistério que não se pode pegar (agarrar) [...] enquanto obra humana, a liturgia é uma representação, como o teatro [...] (apud TENA, 2004, p. 175).*

Portanto,

*[...] por um lado há uma comunicação do inefável, que se oferece por causa do “uma vez por todas” da Hora de Cristo. É o chamado opus operatum próprio dos sacramentos, e sabemos que seu fundamento está precisamente nesse caráter divino, cristológico, das ações sacramentais como ações de Cristo, na força do Espírito. Neste sentido, a liturgia é por si mesma lugar “objetivo” de comunicação (TENA, 2004, p. 175).*

Ao mesmo tempo,

*a liturgia é também obra humana, e o é essencialmente. Não somente humana como realidade pessoal, mas, mais concretamente, como obra material, visível. Tertuliano afirmava este princípio em sua célebre frase: “Caro salutis est cardo” (“A carne é o eixo da salvação”). São Bento dava de forma lapidar aos monges a norma*

*de recitar os salmos de maneira frutuosa: [...] fazê-lo de tal maneira que nosso espírito esteja em sintonia com o que dizemos (Mens concordet voci). O que dizemos – a voz – é fundamental na liturgia. A lógica da encarnação fundamenta a lógica da liturgia (Ibid.).*

Mas também é bom reter que as realidades visíveis que formam o conjunto ritual e são, ao mesmo tempo, pauta e expressão do espírito que anima os participantes não se limitam ao âmbito terreno. Como lembra o Vaticano II: “Na liturgia o humano está ordenado e subordinado ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à cidade futura que buscamos” (SC 2).

O conceituado liturgista A. M. Triacca resume essa admirável intercomunicação divino-humana com estas palavras: “A celebração não se reduz às ‘manifestações’ celebrativas que coincidem com o que os participantes realizam; a celebração é ação das Três Pessoas divinas, da qual os participantes são convidados a tomar parte. Trata-se de uma ação sinergeticamente divino-humana (= theantrópica)” (apud TENA, 2004, p. 176).

## 8. E para ir finalizando: um exemplo simples

Digamos que você, numa celebração litúrgica, exerce o ministério de leitor(a): pessoa que se dirige ao ambão e dali proclama a Palavra. Mas você também é membro do Corpo de Cristo. Portanto, você é mais que seu corpo visível. Nesse seu corpo, para além de todas as suas máscaras e couraças, você é um corpo deificado, você é a sua própria essência, filho(a) de Deus: “Não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20)... O problema é que, cada vez mais distraídos com tantos padrões e “tem-quês” que tomaram conta de nossos corpos e, pior ainda, cada vez mais antenados com mil e uma coisas que o mundo moderno nos favorece, facilmente nos desconectamos do Espírito que nos permeia... Alienamo-nos, e assim, nesse exílio de nossa própria Casa, se torna quase impossível comunicar Espírito

e Vida. Transmitimos apenas palavras, sons, ruídos mais ou menos agradáveis, pois, como diz Rubem Alves, “nossos canais ficaram entupidos”.

Mas vamos lá: antes de você se dirigir ao ambão, você para, toma consciência desse seu corpo deificado (você continua filho/a de Deus!) e que agora exercerá um ministério, o ministério da Palavra que se comunica a outros corpos (a SC insiste numa participação “consciente” e “interior” de todos/as na liturgia). Você silencia, aquieta, concentra-se e, para ajudar a se concentrar melhor, presta atenção apenas no ritmo de sua respiração, que traz o sopro da vida e expelle as impurezas do corpo... Você entra em sintonia com seu corpo deificado, para além (ou aquém) de todas as suas máscaras e couraças agregadas a esse corpo... Você se comunica (comunga) com sua própria essência, o Espírito que está em você. Faça isso!... Pare, silencie e fique apenas conectado(a) com esse Essencial, tanto de seu corpo como do rito que lhe é dado realizar.

O que acontece? Seu corpo espontaneamente se transforma. Seus passos, sem forçar, ao se dirigirem ao ambão, assumem naturalmente o ritmo calmo, sereno e comedido do Espírito que permeia seu corpo. Os seus passos já não são seus passos. São os passos do próprio Mestre que se dirige ao ambão para pôr em comum com os outros os segredos do seu coração. Por quê? Porque você está andando, agora, embalado(a) a partir de dentro, a partir da sua comunhão consciente com o Espírito que conduz você ao ambão.

O que acontece? Uma vez no ambão, seu corpo, seu rosto, seus olhos, seu contato com o livro, embora sejam seus, já não são seus: são o corpo, o rosto, os olhos, os gestos do próprio Mestre que se apresenta com carinho e compaixão diante de uma assembleia toda ouvidos para ouvir e toda corpo para acolher a Palavra. Isso a assembleia percebe e, percebendo, interage no mesmo Espírito e já celebra. Por quê? Porque ela experimenta em você um brilho novo, diferente: o brilho de uma mística que vem do seu interior, porque

você está conectado(a) com o Mistério do seu corpo e de todos os corpos.

O que acontece? Ao proclamar a leitura, sua voz, embora seja sua voz, já não é sua voz: é a voz do próprio Mestre que, suave e pausadamente, com firmeza, clareza e convicção, comunica (põe em comum) à assembleia sua presença de salvação e consolo. Isso a assembleia percebe e, percebendo, comunga com a Palavra, que, entrando pelos olhos e pelos ouvidos, penetra o coração...

Isso vale para todos os atores e atrizes da celebração litúrgica: presidente, acólitos, leitores e salmistas, animadores, músicos e instrumentistas, sacristães, ministros da comunhão eucarística, a própria assembleia... E para cada ação ritual, por mínima que seja.

### A modo de conclusão

E concluo esta “meditação” com estas palavras do renomado liturgista espanhol Pere Tena:

Na liturgia não fazemos fundamentalmente um discurso, mas uma ação. A liturgia é “ergon”, “urgia” (ação), não “logía” (discurso racional), mesmo que haja uma teologia da liturgia; mas essa teologia se funda precisamente sobre a ação litúrgica: é a mistagogia. Não se trata, portanto, de “explicar” o que se vai fazer ou o que se faz; trata-se de fazer o que se está dizendo. É, de novo, a regra do “mens concordet voci” (a mente esteja em sintonia com a voz).

*Se não levamos em conta tudo isso, podemos falar de comunicação litúrgica evangelizadora? Podemos afirmar que a celebração litúrgica, dentro de sua perspectiva de obra humana e divina, estará cumprindo sua missão? Caberá, certamente, aceitar que a ação divina sacramental realiza [...] seu efeito de comunicação ex opere operato. Mas a força global que a celebração possui, em seu desenvolver ritual, ficará mais ou menos frustrada segundo a ausência ou debilidade das condições de sua realização. Diremos, com Michel Carrouges, e com o desejo que*

*a frase seja bem interpretada, que “sem participação mística, as cerimônias do culto não são mais que gesticulações delirantes” (TENA, 2004, p. 193).*

### BIBLIOGRAFIA

- BECKHÄUSER, A. *Comunicação litúrgica: presidência, homilia e meios eletrônicos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. nn. 294, 947, 955, 1076, 1088, 1092 (cf. Índice analítico, verbete “Comunicação”).
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- D’ANNIBALE, M. A. A. *Comunicação nas celebrações litúrgicas*. In: CELAM. *A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 358-384. (Manual de Liturgia, 4)
- LÓPEZ MARTÍN, J. A comunicação e a linguagem litúrgica. In: *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 205-219.
- \_\_\_\_\_. A comunicação na liturgia. In: *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia*. Petrópolis: Vozes, 1997. v. 2, p. 84-121.
- PIANIGIANI, O. *Vocabolario etimologico della lingua italiana*. Genova: Napoli: Fratelli Letizia, 1988.
- POYATOS, F. Más allá de la palabra: la comunicación no verbal en la liturgia. *Phase*, Barcelona, n. 249, p. 257-274, 2002.
- QUICHERAT, L. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, biográfico...* 3. ed. Rio de Janeiro: Garnier, [19--].
- SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992 (cf. verbetes “Bênção”, “Celebração”, “Eucologia”).
- TENA, P. La celebración litúrgica como lugar de comunicación evangelizadora. In: *Celebrar el misterio*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2004, p. 171-193. (Biblioteca Litúrgica, 23.)
- VERGOTE A. La realización simbólica en la expresión cultural. *Phase*, Barcelona, n. 75, p. 213-233, 1973.



# O USO DOS APARATOS TÉCNICOS NAS CELEBRAÇÕES: UMA REFLEXÃO A PROPÓSITO DA NOTA EMITIDA PELA COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA

Pe. Danilo César dos Santos Lima\*

A Comissão Episcopal de Pastoral Litúrgica da CNBB (CEPL) emitiu recentemente uma nota intitulada: “O uso do projetor multimídia na liturgia – elementos para a reflexão”,<sup>1</sup> cujo escopo é “oferecer elementos para uma reflexão e futuros aprofundamentos da parte do episcopado nacional, dos liturgistas, dos párocos e todos os agentes de pastoral litúrgica” (n. 1). Este artigo pretende comentar esse oportuno subsídio, refletindo sobre dois aspectos relativos à liturgia – a sacramentalidade e a participação –, além de analisar e ponderar a questão dos aparatos técnicos introduzidos nas celebrações.

## I. A NOTA EMITIDA PELA PASTORAL LITÚRGICA DA CNBB

O texto oferece 18 artigos muito lúcidos a respeito da questão que considera uma “realidade frequente em nossas comunidades”. Trata-se de prática litúrgica relativamente nova e pouco discutida, cuja eficácia e resultados parecem insuficientemente avaliados: o uso do projetor multimídia nas celebrações.<sup>2</sup> Após o estabelecimento da questão nascida de um olhar sobre a realidade (n. 1-5), o texto apresenta consistente exposição do tema “participação na liturgia” e suas consequências lógicas, que perpassa a maior parte do texto (n. 6-16). Ao final, fornece algumas pistas e questionamentos, em vista da orientação que lhe cabe oferecer (n. 17-18).<sup>3</sup>

## 1. Participação, conceito-chave

Grande parte do texto se detém no conceito “participação na liturgia” (cf. n. 5-8.10.12.14.16.17), fundamental para compreender a reforma conciliar. O tema foi preocupação da Igreja desde o pontificado de Pio X, com o moto-próprio *Tra le sollecitudini* (22 de novembro de 1903). O documento foi um grande impulso e incentivo ao Movimento Litúrgico (ML), que levou adiante a tarefa de “refontalizar” a liturgia da Igreja com estudos, pesquisas, debates e iniciativas reconhecidamente ousadas no campo da ação litúrgica.

O esforço do ML desembocou no Concílio Vaticano II, como coroamento de longo percurso e de grande desejo de ver renovada a liturgia da Igreja. O concílio, acolhendo as contribuições desse histórico movimento, promulgou a constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia em 4 de dezembro de 1964. Nessa constituição, a participação dos fiéis na liturgia é expressão tão usada, que a comparam a uma ladainha ou estribilho, dada a sua insistência e recorrência (BARAÚNA, 1964, p. 281-353). Decorridos quase 50 anos desde o concílio, o tema continua atual, exigindo, vez por outra,

\* Doutorando em Sagrada Liturgia; membro da Rede Celebra de Animação Litúrgica. E-mail: danidevictor@gmail.com

aprofundamentos e novas abordagens. A participação na liturgia é direito e dever de todos os batizados (cf. SC 14) e a sua promoção é uma exigência ao ministério ordenado (cf. SC 18-19) e à pastoral litúrgica. Não obstante sua importância, o risco de esquecimento do significado dessa conquista está sempre presente. As novas gerações, distantes do evento conciliar e vulneráveis ao esquecimento histórico causado por motivos ideológicos ou por uma visão alheia aos avanços conciliares, correm o risco de se entusiasmar com práticas litúrgicas que desconsideram o concílio e sua insistência sobre a participação dos fiéis, ignorando sua profundidade e implicações para a vida eclesial.

### 1.1. Sacramentalidade da liturgia

A nota da CNBB relaciona a participação com a noção de sacramentalidade da liturgia quando associa a presença de Cristo nas ações, nos símbolos e ministros (n. 11-12), na celebração e seu caráter simbólico, à manifestação do mistério de Cristo nos momentos rituais da eucaristia (n. 8) e da Palavra (n. 9).

Sacramentalidade é conceito aplicado a toda a liturgia, para expressar que ela goza da mesma natureza dos sacramentos (BUYST, 2003, p. 4-9; ESTEVES e CORDEIRO, 2008, p. 92-99), e deriva da própria “economia da salvação”. Significa falar do modo pelo qual Deus nos salva. Esse modo é sacramental, isto é, mediado por uma linguagem simbólica. Em sentido profundo, não existe outra forma de comunicação com o ser humano.

Deus se fez humano, tornando-se acessível aos sentidos, fazendo-se ouvir, tocar e ver de perto. Na pessoa de Jesus de Nazaré, a humanidade encontrou Deus. O invisível no visível, ao alcance da natureza humana. Jesus é o sacramento do Pai, e da mesma forma se entende a Igreja: é sacramento de Cristo, na condição de seu Corpo e continuadora da sua missão. A sacramentalidade da economia da salvação é muito bem expressa pela LG 1 e pela SC 5-6. Dessa mesma economia deriva a sacramentalidade da liturgia, enquanto cele-

bra a salvação e prolonga a ação salvífica de Cristo, o Sacramento primeiro.

#### 1.1.1. Uma chave: a encarnação do Verbo

Por trás dessas afirmações reside um pressuposto que faz compreender a *(teo)lógica* da sacramentalidade: a encarnação do Verbo. São Leão Magno afirma: “aquilo que era visível em nosso Redentor passou para os sacramentos” (LEÃO MAGNO, 2003, p. 1031). Prevalece aqui o mesmo princípio: aquele que subiu ao céu continua presente em nosso meio “na carne dos sinais” (ritos e símbolos). Orígenes considera a oração pronunciada pela Igreja como a carne do Verbo de Deus (ORIGÈNE, 2001, p. 130). Nesse sentido, o relato de Emaús (Lc 24,13-35) é paradigmático: o andarilho que caminha com os discípulos sem ser notado se manifesta no gesto sacramental da fração do pão. Os olhos da fé se abrem, reconhecendo-o, mas aquele que trilhou o caminho desaparece diante deles, restando o sinal do pão partilhado e a pergunta que carrega a certeza da fé: “Não era ele?”

Essa *(teo)lógica* sacramental sustenta as afirmações da SC 7, em que o olhar menos atento pode se prender ao aspecto “físicista” da presença de Cristo. Sim, ele está realmente presente, mas de modo sacramental, agindo e prolongando sua obra redentora por meio dos ministros, dos sacramentos, da Igreja que ora e salmodia, das espécies sagradas, conforme bem salienta a nota da CNBB.

#### 1.1.2. Três dimensões da sacramentalidade

Três aspectos delineiam a sacramentalidade da liturgia: a *expressão significativa*, o *fato valorizado* e a *intercomunhão solidária* (cf. TABORDA, 1987, p. 46-48).<sup>4</sup> Fica claro que a *expressão significativa* são os ritos e símbolos da celebração cristã; o *fato valorizado* é o próprio mistério de Cristo; a *intercomunhão solidária*, a Igreja como Corpo do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Esses elementos constitutivos da celebração não podem ser negligenciados, com o risco de comprometer a dinâmica sacramental e a participação. A

*expressão significativa* comporta duas dimensões: uma sensível e outra não sensível. A parte sensível é o que vemos, tocamos, cheiramos, degustamos e ouvimos. A parte não sensível é o próprio mistério que lhe confere sentido e densidade. Uma se orienta para a outra: a água que se vê e se toca conduz à purificação dos pecados, à comunhão com a morte e a ressurreição do Senhor, ao Cristo “água viva” que sacia nossa sede. O *fato valorizado* é a própria salvação realizada na pessoa de Jesus Cristo. É o “mistério da fé” que perpassa toda a liturgia e fecunda os sinais. Esse mistério, testemunhado pela Escritura e pela Tradição, não está encerrado no passado. Dois movimentos lhe dão acesso: ele vem ao encontro da comunidade que celebra, tocando-a por meio da celebração. Ela, por sua vez, vai ao seu encontro por meio da ação memorial que realiza por meio dos ritos e preces (cf. SC 48).

A comunidade de fé é o sujeito da ação litúrgica. Mas essa ação só tem sentido em estreita comunhão com Cristo. É ele quem age nas celebrações por meio das pessoas dos ministros e da assembleia. A ação da Igreja se entende na perspectiva da íntima comunhão com o Senhor, como seu Corpo místico. Ao movimento ascendente da súplica e do louvor e adoração corresponde sempre o movimento descendente da salvação, da bênção, da vida plena que Deus oferece.

Os três aspectos essenciais para a dinâmica celebrativa se interpenetram de tal forma, que, referindo-se a um, os outros aspectos são automaticamente contemplados e vice-versa. Exemplo: o pão partido (*expressão significativa*) durante o canto “Cordeiro de Deus” remete à comunidade (intercomunhão solidária), convidada a acolher tal dom. Partindo o pão, ela se reconhece, em Cristo, dom e entrega pela salvação do mundo.

### 1.2. Participação e sacramentalidade

Que significa então participar plenamente da liturgia, levando em conta a sua sacramentalidade? Significa mergulhar na celebração, ação eminentemente simbólica, jogo de sinais.

Tudo começa pelos sentidos, que são a porta de entrada para uma participação efetiva. Não se trata de informação teórica, conteúdo sistematicamente ordenado e inacessível que necessita, *a priori*, ser revelado por meio de recursos midiáticos de última geração. Na comunhão dos irmãos, nos serviços ministeriais, nos sinais deixados por Jesus e transmitidos pela Igreja, a presença atuante do Senhor vai se manifestando. Os que celebram são progressivamente a ele associados pela ação do Espírito Santo nas espécies consagradas, na Palavra celebrada, no caráter memorial dos cantos, na vela que ilumina, no perfume que sobe e se espalha, nas flores que embelezam...

Aquele mesmo que outrora curou os doentes, consolou os aflitos, acolheu os pecadores, evangelizou os pobres e anunciou o reino continua hoje, por meio da Igreja e da liturgia, sua obra redentora. Sentado à direita do Pai, ele continua a agir sacramentalmente: na Igreja, nos sacramentos, nas demais celebrações da liturgia, na missão de evangelizar e anunciar o reino de Deus. Num processo que dura uma existência, os cristãos vão sendo a ele incorporados e guiados pelo seu Espírito para continuar no mundo o que ele começou. Quando oram, é a voz dele que chega ao Pai. Quando socorrem, é o seu toque curativo que alcança o “ferido”. Quando consolam, vem dele a consolação. Quando se fazem próximos, é a sua presença que se efetiva junto aos necessitados. Participar da liturgia é tornar-se processualmente sacramentos de Cristo no mundo, vivendo como pessoas transformadas pela páscoa de Jesus que se celebra (cf. Cl 3,1-4).

À falta de sacramentalidade corresponde a falta de participação. Somente se participa do mistério mediante uma dinâmica sacramental. Não se participa do mistério de Cristo por uma imagem projetada ou por um simulacro dos símbolos e ritos da Igreja. Os sinais precisam ser verdadeiros. Uma imitação de vela ou de flor não remete a nada. Além disso, é necessário permitir, favorecer a sua verdade. Um canto mal entoado por preguiça de frequentar os

ensaios, uma fração do pão que não se vê, uma leitura mal proclamada ou uma aspersão que não se sente não comunicarão o mistério. O mesmo se aplica às demais celebrações: perde-se a sacramentalidade da Liturgia das Horas quando se fazem todas as horas de uma só vez, para cumprir o preceito. Que dizer de uma bênção “corridinha” a caminho da sacristia?

Antes de recorrer a qualquer artifício extralitúrgico, cabe perguntar se foi feito todo o possível e necessário a partir da própria celebração, da própria liturgia. Como ensina a nota da CNBB, citando a IELM (Introdução ao Elenco de Leituras da Missa) n. 37, nenhum subsídio de ordem pastoral pode substituir o símbolo litúrgico (n. 10).

## II. RECURSOS TÉCNICOS E LITURGIA

A introdução de recursos técnicos na celebração não começou com os projetores multimídia. É difícil saber quando, mas já faz tempo que se vê a lâmpada do sacrário imitar a chama de uma vela. De longa data se assiste a uma dificuldade comum: a adequada amplificação do som (microfones e afins), por exemplo. Muitas celebrações do matrimônio são ainda acompanhadas por músicas de um CD, e há testemunhos de aspersão e até de batismo com borrifador de água. Os projetores multimídia são os mais recentes aparatos técnicos introduzidos na liturgia, depois de longa lista que o antecede.

### 1. Uma compreensão da técnica

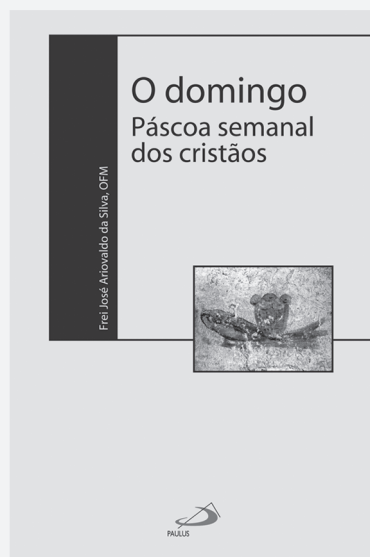
Umberto Galimberti, em sua obra *Os mitos do nosso tempo* (GALIMBERTI, 2009, p. 207-227), propõe uma abordagem sobre a técnica. Seu tratado, orientado para o problema político e, sobretudo, ético, serve também ao contexto litúrgico, enquanto demonstra uma “mutação antropológica” que ocorreu a partir da Segunda Guerra Mundial.

#### 1.1. Natureza, ciência e técnica

Pensar a técnica significa entender a cosmovisão da qual nasce a ciência. Enquanto os gregos contemplavam a natureza como

## O domingo Páscoa semanal dos cristãos

Frei José Ariovaldo da Silva, ofm



Uma ajuda às equipes de liturgia e ao povo em geral a exercer o sentido espiritual e original do domingo. Visa recordar e propor à piedade dos fiéis a espiritualidade própria do domingo como páscoa semanal dos cristãos. Pode ser usado para a reflexão pessoal e também em grupos, em círculos de estudo e nas comunidades.

Formato: 14 cm x 21 cm  
Páginas: 48  
Cód.: 9788534911467

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



imutável, a tradição bíblico-cristã a concebia como dom divino a ser dominado.<sup>5</sup> Aqueles observavam a natureza para captar suas constantes e dela retirar os “modelos” para a vida; na tradição posterior, ela era modificada como resposta ao mandato divino (Ibid., p. 209-212). Foi a cosmovisão bíblica e cristã que se tornou a base para o nascimento da ciência. Por causa da sua ascendência cristã, contrariamente aos gregos, a ciência não extrai nenhuma constante da natureza, mas a submete à comprovação das hipóteses que propõe e busca, por sua raiz religiosa, minimizar os efeitos do pecado original: a dor e o trabalho (Ibid., p. 214). A ciência é o aprofundamento do domínio humano sobre a natureza. Porém sua relação com a técnica é essencial e não instrumental. A ciência tem intenção técnica e funciona tecnicamente. Sem a técnica não haveria ciência. E a técnica não contempla o mundo, mas o transforma.

### *1.2. A era da técnica e seus efeitos políticos e morais*

Em sentido qualitativo, a técnica se torna finalidade e deixa de ser meio quando passa a se afirmar de modo quantitativo, condição absoluta para atingir os “supostos fins” desejados pela humanidade. Deixa de ser meio para ser fim (Ibid., p. 215-216). Essa alteração de “lugar” significou uma virada antropológica, pois o ser humano, enquanto técnico, passa a desconsiderar os efeitos de suas ações, concentrando-se na ciência, que passa a ser finalidade. Mas, ao assumir essa inversão, ele dá seu lugar de sujeito à técnica, tornando-se o seu “funcionário” e executor. Nas decisões “políticas” prevalecem os interesses econômicos, que, por sua vez, dependem da técnica (Ibid., p. 217-219).

No primado da técnica, sabe-se bem como fazer as coisas, porém se negligencia a questão sobre o dever ou não realizar – tarefa que era exercida pela política, chamada por Platão de “técnica régia”. Tem poder quem sabe tecnicamente, e isso significa uma “diminuição” da democracia, pois os novos problemas da humanidade são acompanhados por tamanha

sofisticação da técnica, que mantêm reféns a maioria dos não entendidos. Basta lembrar as questões ligadas aos alimentos transgênicos, ao mundo da biologia, da física quântica ou da genética...

Em relação à ética, o problema não é menor (Ibid., p. 219-223). Os modelos éticos não fazem frente à técnica: a moral cristã (de intenções), a moral laica kantiana (humano-finalista) e a moral weberiana (da responsabilidade). No caso da moral de intenções, o exemplo da bomba atômica faz compreender sua fragilidade: a fissura dos átomos foi uma descoberta científica completamente desprovida de intenções, embora tenha resultado em fonte de energia, mas também em megadestruição. A moral humano-finalista, por sua vez, nunca se realizou, pois, uma vez invertido o lugar da técnica, o ser humano, por essa moral proclamado como fim absoluto, o deixou de ser. Passou a ser valorizado somente enquanto produz (funcionário de um aparato técnico). A moral da responsabilidade não fez frente à técnica, pois esta não tem “pretensões finalísticas”. Se uma pesquisa científica ou recurso técnico geram ulteriores problemas morais, pouco ou nada interessa à técnica, que continua seu percurso. Uma vez parte da engrenagem, o ser humano já não responde pelas consequências daquilo que a técnica produziu.

### *1.3. Autopotencialização e autolegitimação*

Dessas demonstrações segue que a técnica se tornou absolutamente desvinculada de qualquer finalidade, em processo de “autopotencialização”. Nesse contexto se opera uma mutação antropológica caracterizada pela distinção entre o agir e o fazer. O agir leva em conta a finalidade, o objetivo, a meta. O fazer busca meramente executar uma ordem, sem qualquer preocupação com sua finalidade; portanto, sem responsabilidade. Valem apenas a competência e a eficiência. O trabalho, enquanto valor, passa a ter sentido dúbio, pois a responsabilidade se limita apenas à boa execução das ordens. Exemplo claro é o operário de uma fábrica de armamentos. Outros exemplos éticos de desvinculação em relação à

finalidade: questionado sobre suas motivações ao lançar a bomba atômica sobre Hiroshima, o piloto norte-americano respondeu: “Nenhuma, aquele era o meu trabalho”. Igualmente, o oficial nazista, ao ser questionado sobre o sentimento que experimentava ao exterminar milhares de judeus, respondeu: “Funcionava. E, a partir do momento que funcionava, era irreversível. Executá-lo era o meu trabalho” (Ibid., p. 224). A técnica concede isenção de responsabilidade ao ser humano, pois este já não é sujeito, mas seu funcionário. Ele já não age, ele faz. O sujeito da história já não é o ser humano, mas a técnica.

#### 1.4. Mudanças no ser humano

A mutação antropológica implica dizer que o pensar e o sentir também se alteram. No âmbito do pensamento mudam as referências: já não têm valor o gratuito, o lúdico, o belo, o justo etc. A arte só tem sentido enquanto instrumentalizada, manipulada, vendável. Importa o que for útil, vantajoso, calculável, lucrativo, eficiente e apto. E, no caso da técnica, não interessa o que é bom ou mau, mas o seu uso, em sentido absoluto. No âmbito do sentimento nasce a indiferença: a técnica amplia as fronteiras; o campo de visão e o conhecimento humano se expandem. Com esta ampliação e expansão, a indiferença nasce da própria sensação de impotência. Exemplo: chora-se a perda de entes queridos, vizinhos e amigos, enquanto a mortandade de crianças famintas no mundo, no máximo, é lamentada. Em termos de sentimento, não ultrapassará o dado estatístico (Ibid., p. 225-227).

### III. APLICAÇÃO AO CONTEXTO LITÚRGICO

O pensamento de Galimberti, discutível como qualquer outro, oferece pistas para entender a questão da técnica no interior das nossas celebrações. Como foi acenado, o autor opta por aplicar sua reflexão ao campo da ética e da política. Entretanto, deixa uma abertura a outras realidades humanas quando fala de “mutação antropológica” (Ibid., p.

217). Isto nos permite transpor sua reflexão para o campo da liturgia, no qual o dado antropológico não divergirá, pois é o mesmo ser humano que celebra.

#### 1. Motivações e justificativas inconsistentes

Na nota da CNBB, a reflexão sobre o uso, na liturgia, dos aparatos técnicos e dos projetores multimídia vem acompanhada de algumas justificativas por parte das comunidades: econômicas, ecológicas, funcionais e pastorais (n. 4). Tais justificativas têm convencido muitas comunidades a optar pela aquisição desses aparelhos, por modismo, concorrência ou desejo sincero de melhorar a comunicação na liturgia.

##### 1.1. Primeira falácia: preocupação ecológica

O problema ecológico, do ponto de vista ético, é preocupante. No entanto, a preocupação ecológica mundial é bem mais ampla que o simples uso de folhetos de canto nas celebrações.<sup>6</sup> Em relação ao consumo de papel, o Brasil é considerado um pequeno consumidor diante de nações como os EUA, que quintuplicam as taxas brasileiras. A legislação pesada sobre o setor envolve também a preocupação ecológica, pois a produção de celulose supõe o uso de produtos químicos e a produção de dejetos que prejudicam o meio ambiente. O quadro é de alta complexidade, porque também técnico.<sup>7</sup> De qualquer modo, na simplicidade das celebrações, as comunidades que nada entendem disso não podem responder significativamente ao problema nem se contrapor a essa argumentação. Ainda que a motivação se afirme sob o viés ético, a mesma lógica deveria ser aplicada aos “santinhos”, aos demais folhetos, à catequese e às demais pastorais, o que também não se verifica. Além do que, ecologia não se faz só poupando papel. Diante disso, pode-se perguntar: que outras iniciativas são tomadas concretamente para efetiva educação ecológica, mudança de hábitos e mentalidades em favor do meio ambiente, nas paróquias e comunidades? Ou seja, o apelo ecológico é bonito, politicamente correto e é capaz de

convencer as pessoas conscientes. Mas tal postura não será uma falácia, um argumento aparentemente impoluto que esconde outras intenções – no caso, a de que implantação do projetor multimídia poderia trazer *status* de modernidade a uma comunidade?

### 1.2. Segunda falácia: o projetor multimídia é mais econômico

A questão econômica, que verdadeiramente pesa mais na decisão de utilizar o projetor, é também questionável. O aparelho não é barato e exige acessórios (telão, lâmpadas, peças de reposição, energia) e manutenção (instalação, regulação, consertos). Entretanto, no caso da técnica, como nos alerta Galimberti, o problema real é sua autopotencialização; ou seja, o projetor multimídia é somente a última vedete do mercado a estrear em nossas celebrações. Precederam-lhe o retroprojetor, o projetor de *slides*... Sucederão novas gerações e modelos, bem como novos aparelhos com tecnologia mais avançada e atrativa. Um exemplo de autopotencialização: as primeiras gerações de projetores não podiam ser utilizadas durante o dia, pois a claridade dificultava a visão das imagens projetadas. Para isso foram criados novos aparelhos com lâmpadas e lentes mais potentes, capazes de projetar imagens também durante o dia. Assim, de modo sucessivo, novas “soluções” exigirão novas substituições e, com isso, novos gastos. A anunciada economia não se comprovará. Mas, talvez, como argumento falacioso continue a convencer.

### 1.3. Terceira falácia: praticidade e eficiência

É próprio da técnica o discurso da prática e eficiência. Mas estas, em termos relacionais, causam prejuízos. A técnica, que tende à substituição ou à precariedade da dimensão interpessoal da vida humana, substitui a relação ou a suprime quando assume o lugar do sujeito. Exemplo: quem vê missa pela TV não participa de uma celebração, mas assiste.<sup>8</sup> É de fato prático: não ter de ir à igreja, associar uma atividade doméstica ao programa televisivo... O projetor é também prático e eficiente: já não se precisará de um ministério

que acolha as pessoas à porta, ainda que seja para entregar um papel e aproveitar a ocasião para olhar nos olhos de um fiel anônimo.<sup>9</sup> “Um trabalho a menos!”, dir-se-á, insinuando uma solução. Também uma oportunidade a menos para um encontro, um contato, uma palavra. Excluídos os papéis, todos terão os olhos fixos numa parede lateral da igreja ou num telão. Passa a procissão de abertura, que não vai ser acompanhada, porque os fiéis têm sua atenção presa na projeção. A expressão significativa (procissão) que visibiliza a Igreja (intercomunhão solidária) como povo de Deus ordenado e a caminho da Páscoa definitiva (fato valorizado) se perde.

Diminui-se a sacramentalidade e, igualmente, a participação. No exemplo, não se estabeleceu a conexão entre o cantar e o entrar em procissão. A comunidade que canta – e assim anuncia o mistério da convocação divina e a resposta do povo que a caracteriza – não se reconhece no corpo ministerial que adentra com o canto de abertura. Ela não se vê, pois está desconectada do rito, graças à projeção. O “espelho ritual” da procissão, do beijo reverente do altar, do incenso laudativo que marca o início da celebração se perde, como se fosse mera formalidade. Desmantela-se o rito, desfazem-se os vínculos, prejudica-se a sacramentalidade. A eficiência e a praticidade suplantam a relação. O ator da celebração já não é o povo reunido, mas o projetor, no qual a assembleia fixa, servil e atentamente, o olhar. A motivação prática é um argumento profundamente técnico: não tem em vista os resultados, mas a eficiência; sem papel, sem gastos, prático, como anuncia a motivação. Porém desvia o olhar do que precisa ser realmente considerado em termos litúrgicos: a participação plena do povo de Deus e a sacramentalidade da liturgia.

### 1.4. Quarta falácia: preocupação pastoral

Por fim, a motivação pastoral. O argumento em torno da participação é também falacioso. Ao se tornar o polo das atenções e assim enfraquecer os ritos, o projetor se torna um elemento intruso no contexto li-

túrgico, pois tira a participação do seu foco fundamental, o mistério de Cristo, realizado pelos ritos e símbolos da Igreja. Ele liberta os fiéis dos papéis, mas os imobiliza diante de si, subtraindo o povo celebrante do jogo ritual. O “agir litúrgico” é substituído pelo “fazer técnico”. Canta-se sem papel, mas fica-se desligado do rito e da celebração em seu conjunto. O canto perde sua função: será executado como finalidade absoluta, sem remeter ao conjunto celebrativo, aos demais ritos, com seus componentes espaciais e temporais fundamentais para a experiência do mistério na celebração. A comunidade isentada da relação ritual pelo projetor verá diminuída a maior conquista do Vaticano II na liturgia: a participação plena dos fiéis na celebração, enquanto seu direito e dever (cf. SC 14).

Sem finalidade outra, a técnica conflita com a sacramentalidade da liturgia, pois não é sinal de nada, a não ser de si mesma.<sup>10</sup> Não entra no jogo ritual, mas se constitui como um “aparte”, estranho e imponente na celebração. Seu caráter científico, eminentemente voltado para as coisas do mundo que deseja transformar, não revela o mistério (fato valorizado). Antes, dificulta sua emergência nas ações litúrgicas, pois destrói a relação (intercomunhão solidária), desfigurando os ritos e símbolos (expressão significativa) e a intrínseca ligação entre esses elementos.

A liturgia não é técnica. É sacramental. Pertence à ordem da contemplação, do inútil, do belo, do jogo e do lúdico. Não é finalista em sentido positivo, da produção, do conhecimento, da utilidade, mas está orientada para o alto, para o infinito, para o essencial e fundamental da vida cristã que a técnica e seus aparatos não viabilizam.<sup>11</sup>

## Conclusão

A nota da CNBB é bastante completa e clara a respeito do uso do projetor multimídia. Neste artigo, buscou-se ampliar o foco da problemática, pela análise da técnica como um todo, a fim de compreender a sua natureza e a sua relação com o ser humano e com a liturgia. Doutra parte, delineou-se o que o texto da CNBB insinua quando fala da presença

## O que é liturgia?

Pe. Gregório Lutz, cssp



A qualidade de nossa participação nas celebrações litúrgicas melhora quando entendemos o sentido daquilo que celebramos. Padre Gregório Lutz, profundo conhecedor da liturgia, concedeu várias entrevistas radiofônicas, transcritas nesta obra, para que a mensagem, já transmitida pelo rádio, atinja ainda mais pessoas. As reflexões têm como ponto de partida a Constituição sobre a liturgia, promulgada em 1963 pelo Concílio Vaticano II.

Formato: 14 cm x 21 cm

Páginas: 48

Cód.: 9788534920537

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



e ação de Cristo nos sinais e ministérios da celebração, a sacramentalidade da liturgia em sua relação com a participação.

Seguem algumas proposições, em sentido pastoral, que podem apontar algumas vias de solução. Também aqui se intenta oferecer um aprofundamento da prática litúrgica, de modo refletido e crítico. A intenção é fomentar o diálogo e aprofundar a questão.

- Aprofundar a linguagem simbólica e ritual da liturgia. A introdução de aparatos técnicos, que, em muitos casos, têm se valido de imagens ilustrativas da celebração (última ceia, pão sendo partido etc.), pode ser indício de uma depauperação dos sinais litúrgicos. Que o pão pareça realmente pão, que o acesso ao vinho seja para todos, que a aspersão seja sensível, que o círio não seja um cano PVC decorado ou as flores sejam de plástico. Recuperar a força da dimensão simbólica pode ajudar a não recorrer aos artifícios da técnica.
- Assumir com maior empenho e convicção o *Hinário Litúrgico* da CNBB e seu repertório. A tolerância pastoral com os grupos que não querem assumir o repertório litúrgico não deixa a comunidade refém de uma postura inflexível ou pouco atenta ao serviço que a liturgia requer?
- Oferecer a publicação, em caráter mais definitivo, dos cantos litúrgicos. Há anos foram publicados os *Hinários Litúrgicos* da CNBB e gravados os CDs, em sua maioria. Mas até o momento não surgiu para o fiel nenhum manual com esse repertório, senão aqueles produzidos por paróquias e dioceses, com não poucas dificuldades financeiras e de assimilação. O manual (hinário para o povo) não subtrai a mobilidade das pessoas, permitindo que estas acompanhem os cantos e ritos simultaneamente.
- Investir na formação litúrgica dos ministros leigos e ordenados. Os ministérios litúrgicos – todos – necessitam de formação,

atualização e aprofundamento, também em relação aos meios técnicos. Que serviço presta um ministro da acolhida? Como melhorar nossas homilias? O que se canta e o que não se canta numa celebração da liturgia? Como melhorar a proclamação da Palavra e as orações dos ritos?

- Aguçar a consciência da sacramentalidade da liturgia. Esse é o caminho seguro para que as celebrações não se transformem num ritualismo formal e vazio ou num espetáculo de novidades e arbitrariedades. Isso também ajudaria a exorcizar os aparatos técnicos que não correspondem à natureza sacramental das celebrações.
- Valorizar e integrar o aspecto ecológico nas celebrações. Os novos projetos e reformas de igreja levam em conta o aspecto ecológico e sua relação com o meio ambiente? As equipes de liturgia estão sensíveis ao problema ecológico na preparação das celebrações? Como aprofundar essa relação e realmente trazer à tona um problema atual, também ético e religioso?
- Redescobrir o valor do espaço celebrativo, como espaço simbólico e ritual. Lugar da contemplação, da beleza, do sentir-se Igreja, filho de Deus em sua dignidade batismal e sacerdotal. A funcionalidade do espaço tem em vista a ação litúrgica. Esse critério não pode ceder seu “lugar fundamental” a problemas de outra ordem, mesmo que importantes e que possam ser considerados. Espaço belo, bem planejado, orientado para o mistério de Cristo e da Igreja não significa necessariamente espaço caro e inacessível às comunidades carentes.
- Na liturgia, aprofundar a função e a relação dos aparatos técnicos que não se contrapõem à participação dos fiéis e à sacramentalidade. Exemplos: a amplificação do som é necessária nas celebrações. Mas em todos os contextos? Existem situações que reclamam outro tipo de solução?

- Que tipo de iluminação estamos escolhendo para as igrejas? Quando necessário, o aparato introduzido recebe a atenção devida, desde sua aquisição, instalação, manejo e adaptação até o seu uso no contexto celebrativo?
- Ter cuidado ao aplicar à liturgia aparatos técnicos, convicções pastorais ou preocupações éticas.
- Recuperar as duas conquistas litúrgicas do concílio – participação e sacramentalidade de toda a liturgia – e zelar por elas. Ambas são essenciais para as celebrações e para a vida da Igreja.
- Rer, aprofundar e aproveitar tudo o que a nota da CNBB oferece à pastoral litúrgica nas paróquias e comunidades.

## BIBLIOGRAFIA

- BARAÚNA, G. A participação ativa, princípio inspirador e diretivo da constituição litúrgica. In: — (Org.): estudos e comentários em torno da constituição litúrgica do Concílio Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1964.
- BUYST, I. Alguém me tocou! Sacramentalidade da liturgia na Sacrosanctum Concilium (SC), constituição conciliar sobre a sagrada liturgia. São Paulo, n. 176, 2003.
- ESTEVES, J. F. C.; CORDEIRO, J. M. G. . Lisboa: Universidade Católica, 2008. (Estudos Teológicos, 19.)
- GALIMBERTI, U. Milano: Giangiacomo Feltrinelli, 2009.
- LEÃO MAGNO. Segundo sermão para a Ascensão. In: CORDEIRO, José de Leão (Org.): textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
- ORIGÊNE. 3, 23,6. Paris: Éditions du Cerf, 2001.
- RICOEUR, Paul. Magnano: Qiqajon, 2009.
- TABORDA, F. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1987.
- VAGAGGINI, C. Vista panorâmica sobre a constituição litúrgica. In: BARAÚNA, G. estudos e comentários em torno da constituição litúrgica do Concílio Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1964.

## NOTAS:

1. [www.cnbb.org.br/site/comissoes-episcopais/liturgia](http://www.cnbb.org.br/site/comissoes-episcopais/liturgia), publicada em 3/1/2011.
2. A nota fala explicitamente do “projeto multimídia”, mas extensivamente a expressão se refere também a outros “aparatos” técnicos no interior da celebração (n. 3.14.16.17).
3. A nota não pretende esgotar o assunto, tampouco está fechada em um posicionamento rígido, como quem pronuncia uma palavra final. O convite à reflexão se dirige a todos, “sobretudo, àqueles que utilizam o projeto multimídia como recurso para a liturgia”. Isso confere ao texto um tom respeitoso e aberto ao diálogo.
4. A mesma ideia se encontra na afirmação de Cipriano Vagaggini: “O conceito de Liturgia vem abertamente derivado da noção de sacramentum, que se verifica em Cristo, na Igreja em geral e na sua aplicação à Liturgia. Sacramentum na acepção acima explanada: algo sensível que de uma forma ou outra contém, manifesta, comunica aos bem-dispostos uma realidade divina, invisível” (grifo meu) (VAGAGGINI, 1964, p. 137).
5. Evidentemente o autor tem em mente um modelo de exegese já superado, mas que decerto influenciou a cosmovisão cristã, sobretudo ocidental.
6. Não tratarei da questão “folhetos de missa”. Esta é já bastante discutida por outras competências, embora sejam também um aparato técnico. Por isso, faço aqui a distinção “folhetos de canto”.
7. Cf. “O mercado de papel e celulose”, na revista FAE Business, v. 1, p. 44-45, 2001. Trata-se de breve síntese, que apresenta em grandes linhas a questão da produção de celulose. <[www.fae.edu/publicações/pdf/revista\\_fae\\_business/n1\\_dezembro\\_2001/analisesetorial\\_o\\_mercado\\_de\\_papel\\_e\\_celulose.pdf](http://www.fae.edu/publicações/pdf/revista_fae_business/n1_dezembro_2001/analisesetorial_o_mercado_de_papel_e_celulose.pdf)>. Acesso em: 4 fev. 2011.
8. No caso dos doentes, as missas na TV têm a função de consolar e educar na fé, mas não substituem a visita do ministro que leva a comunhão, celebra com o enfermo e torna a comunidade presente na vida da família e da pessoa visitada.
9. O ministério da acolhida é, por certo, bem mais que entregar folheto na entrada da igreja. Mas é também isso. E, enquanto for isso – esse é um campo em que não se conseguiu avançar muito –, que seja uma oportunidade.
10. A nota da CNBB a chama de “acontecimento em si mesmo”, cf. n. 11.
11. Paul Ricoeur acrescenta que os símbolos têm caráter memorial: “a nossa cultura, na medida em que se conforma a um modelo tecnológico, produz esquecimento. O usuário da ferramenta, da máquina não tem memória: o instrumento se esgota na sua função atual, abole o próprio passado no uso que se faz dele no presente. O símbolo, ao contrário, possui memória, é memória” (RICOEUR, 2009, p. 85).

## Assine a Revista ECOando



Tel.: 11 3789-4000 (São Paulo e Gde. S. Paulo)  
Para outras localidades, ligue 0800 164011  
ou envie um e-mail para [assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)



### ECOando

### Formação interativa com catequistas ECOando

Cód.: 9780000003935

Subsídio especialmente voltado para a formação das lideranças e dos catequistas em geral. A cada número, o leitor tem nas mãos um tema que é desenvolvido de forma atual, dinâmica e interativa. Este periódico é apresentado com ricas ilustrações e é totalmente colorido.

# REFORMA LITÚRGICA PÓS-CONCILIAR: RENOVAÇÃO E FIDELIDADE

Pe. Antônio S. Bogaz\*; João H. Hansen\*\*

Os cristãos creem em Jesus Cristo vivo e ressuscitado, vivido como mística que transforma a vida. Por isso, na liturgia, o mistério se realiza pela celebração do rito. Toda a sua estrutura está no encontro entre a ação divina (graça) e a ação humana (vida). Ação divina e ação humana se integram no ritual litúrgico numa harmoniosa conjunção de orações, saudações, silêncios, cantos e reflexões (DUARTE, 2002, p. 35). Para celebrar a sua fé, as comunidades cristãs foram, ao longo dos séculos, elaborando rituais. O repertório litúrgico vem da cultura, do ambiente cultural e linguístico em que o cristianismo se implantou como opção religiosa do povo que acolheu a mensagem do evangelho e aceitou Jesus Cristo como seu Senhor. Todo esse repertório litúrgico – símbolos, gestos, movimentos e expressões linguísticas – foram incorporando-se nas comunidades cristãs em todo o mundo, compondo os rituais, que se organizaram dentro de famílias litúrgicas.

Quando os cristãos são indagados sobre a formação dos rituais, como se tivessem sido inventados pela Igreja, nota-se grande falta de visão teológico-bíblica, uma vez que, nas páginas da Sagrada Escritura, não se encontram os rituais para celebrar a graça de Deus em nossa vida (um dos objetivos da vida litúrgica), mas apenas sua inspiração. A função da ação litúrgica é celebrar o mistério pascal de Jesus Cristo. Como afirma a constituição *Sacrosanctum Concilium*, “Cristo está sempre

presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas” (SC 7).

As comunidades vão aos poucos compondo seus rituais, assumindo o gênio cultural de cada etnia (CHUPUNGCO, 1992, p. 45). Desse modo, cada grupo que se convertia ao cristianismo produzia seus novos rituais, vinculados à tradição, que se construía paulatinamente. Alguns elementos, considerados essenciais, por terem por base as próprias ações de Cristo, são exigidos para todos os ritos. O Concílio Vaticano II define esses elementos como imutáveis, pois foram usados nos ritos pelo próprio Cristo. A sensibilidade pastoral promove e exige a adaptação litúrgica. Seus fundamentos teológico-litúrgicos sustentam que “a Igreja não pretende impor uma forma rígida para os ritos, mas deseja cultivar elementos e valores dos diversos povos e valorizar seus costumes, conforme normas do espírito litúrgico (SC 37-40).

Nos primeiros séculos da Igreja, houve grande criatividade na vida litúrgica, gerando

\* Professor e escritor nas ciências filosóficas e teológicas. Doutor pelo Instituto de Liturgia Santo Anselmo (Roma) e pela Universidade de São Paulo (Filosofia). Pós-doutor em Antropologia pela Unesp. Autor de inúmeros livros, vídeos e filmes nas áreas de liturgia e espiritualidade. Pároco em Rio Claro-SP, na Paróquia Nossa Senhora da Saúde. Apresentador do programa Caminhos, na TV Claret.

\*\* Professor universitário e autor de várias obras. Doutor em Letras e Literatura pela Universidade de São Paulo e pós-doutor em Antropologia pela Unesp. Docente do Centro Universitário São Camilo e apresentador do programa Caminhos, na TV Claret. Pesquisador das manifestações religiosas e rituais da religiosidade popular.

orações, símbolos, dinâmicas e textos maravilhosos que compreendem o impressionante tesouro da tradição. Houve, por certo, exigência de fixação em alguns momentos, para evitar heresias nos ritos, e também constante busca de harmonizá-los, para garantir a unidade, na grande pluralidade expressa nos vários povos cristianizados.

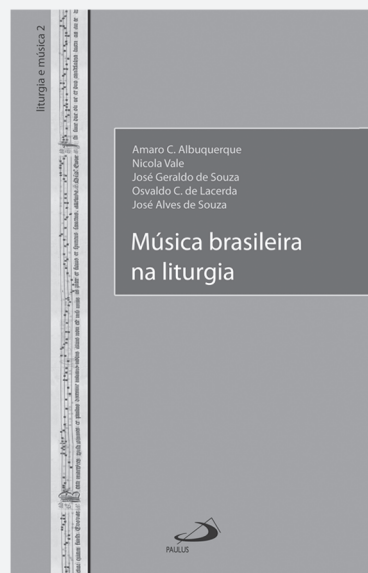
Em sua essência, finalidade e estrutura, a vida litúrgica eclesial implica elementos significativos de comunicabilidade. Já na origem da palavra, da língua grega, temos que a essência da *leitourgia* é fazer comunhão e estabelecer relação entre as pessoas (MARTIN, 1977, p. 52).

### 1. Inculturação secular da liturgia

Com o passar dos séculos, a Igreja cristã, que se espalhou entre vários povos, foi criando novos rituais, tanto no Oriente quanto no Ocidente. Essas famílias litúrgicas constituem uma grande riqueza para os seus protagonistas e garantem a sobrevivência de sua religiosidade cultural até nossos dias. No segundo milênio, logo depois do cisma entre Oriente e Ocidente (1054), a Igreja cristã romana proibiu o uso de todas as famílias litúrgicas, exigindo que fosse usado para todo o Ocidente o ritual romano, nas suas diversificações de sacramentos e sacramentais. Foi quando se impuseram os modelos romanos, com a língua latina, os movimentos parcimoniosos e os símbolos herdados da tradição imperial romana dos primeiros séculos da era cristã. Com o Concílio de Trento (1545-1563) criou-se a Sagrada Congregação dos Ritos (1570), que custodiou os ritos da Igreja nos últimos séculos. Assim foi que toda vida cristã ocidental celebrou com base nos mesmos ritos, com a mesma expressão musical, a mesma língua, as mesmas devoções, santos e vestimentas da Igreja de Roma, impossibilitando toda e qualquer adaptação aos novos povos cristianizados.

Não se trata nem de endeusar nem de desdenhar os rituais, pois uma saudável utilização deles dá segurança aos ministros da ação litúrgica. Seu correto uso evita extravagâncias

## Música brasileira na liturgia (vol. I) VV.AA.



*Música brasileira na liturgia*, reedição da obra de 1969, registra preciosa amostra do trabalho pioneiro do grupo de músicos litúrgicos que, impulsionados pela novidade do Concílio Vaticano II, vislumbrava uma música para a liturgia da Igreja no Brasil com raízes sedimentadas em nossa cultura. Este livro traz ainda a coletânea de estudos feitos nos quatro encontros nacionais de música sacra, realizados entre 1965 e 1968.

Formato: 13,5 cm x 21 cm  
Páginas: 146  
Cód.: 9788534923262

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



e excessos. Ao mesmo tempo, a obsessão pelo emprego das estruturas rituais resulta no “rubricismo” – sua observância escrupulosa, automática e mecânica. Assim, nosso repertório litúrgico secular não acolheu as formas culturais dos povos, sejam asiáticos, afros ou ameríndios, entre outros. Com a animação da vida eclesial proporcionada pelo Concílio Vaticano II, despertou-se a necessidade de renovar e reformar a vida celebrativa da Igreja. Pela *Sacrosanctum Concilium* fomos agraciados com uma porta de abertura para inculturar os rituais, adaptando-os aos novos povos e aos novos tempos. Iniciou-se a reforma litúrgica, que iluminou a vida eclesial nas últimas décadas pós-conciliares.

## 2. Primeiros passos da reforma litúrgica

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja sente grande motivação para se renovar e adentrar no mundo contemporâneo, a fim de que não se configure a uma estrutura limitante de sua ação e presença na sociedade moderna. A nova concepção de cristianismo católico que se inaugura propicia um diálogo constante e permanente com o mundo, para que as pastoraes e os ritos sejam valorizados e reconhecidos pelas novas formas linguísticas e pelas novas ciências que se desenvolvem rapidamente na sociedade.

Entre tantos países, sobretudo na América Latina, a Igreja no Brasil é a mais fecunda no processamento da reforma litúrgica. Como nos explica A. Chupungco, no tratado sobre adaptação litúrgica, a preocupação com a tradição, que está no coração dos fiéis, e com a renovação, para que possa abrir-se ao povo de Deus, torna-se a grande motivação para renovar o repertório litúrgico das comunidades celebrantes (CHUPUNGCO, 1992, p. 10).

A concretização dessa transformação litúrgica é percebida nas grandes conferências do episcopado latino-americano, sobretudo nas de Medellín (1968) e Puebla (1979), que trouxeram para o continente o espírito conciliar e concretizaram sua revolução eclesial e litúrgica.

Considerando a importância da encarnação do ritual em nosso continente, recordamos que todo ritual celebra o “memorial do Senhor”, em conformidade com o espírito e a estrutura da liturgia romana, porém inculturado na realidade latino-americana para que seja mais eficaz. Destacamos vários acontecimentos que marcaram esse processo eficiente e eficaz, uma vez que envolveu profundamente os fiéis e teve grande papel na busca e no crescimento da renovação.

Em geral, quando vemos a vida litúrgica em nossas comunidades atuais, facilmente nos esquecemos de como era sua prática pré-conciliar. Da mesma forma, quando entramos numa casa reformada, esquecemos como era o ambiente antes da sua renovação. Basta lembrar que os primeiros passos da reforma litúrgica restauraram o uso do vernáculo nas celebrações, o sacerdote voltou-se para o povo, destacou-se o altar mais central, com maior espaço para a palavra de Deus. Não podemos olvidar um longo processo iniciado com o Movimento Litúrgico no Brasil, desde os tempos de dom Michel Techler, que já havia introduzido novidades pioneiras, como folhetos litúrgicos e missas em linguagem mista (latim e vernáculo) (SILVA, 1983, p. 97). Toda essa reforma foi possível por dois motivos. Antes de tudo, um grande entusiasmo e a necessidade de renovação e atualização da vida eclesial e litúrgica e, em segundo lugar, os cursos de liturgia, a formação para o canto, os encontros nacionais e regionais temáticos. Não podemos negar os exageros ou desvios, muitas vezes provocados pela lentidão dos organismos eclesiásticos oficiais.

## 3. Reforma litúrgica pós-conciliar

Anos mais tarde, no auge da reforma litúrgica, entre as décadas de 1970 e 1980, têm lugar eventos mais concretos, como os novos livros litúrgicos, traduzidos e adaptados, e a abertura da espiritualidade cristã para os fenômenos sociológicos. Esse processo provocou grandes transformações na vida litúrgica. Em meio a intensas críticas, o espírito profético desse perío-

do eclesial possibilitou a prática litúrgica profundamente crítica e evangelizadora. Um dos exemplos mais evidentes dessa transformação se encontra nas Campanhas da Fraternidade, fomentadas sobretudo no período quaresmal. Vale ainda recordar o papel fundamental das comunidades eclesiais de base (CEBs), que deram novo rosto à vida da Igreja e a suas celebrações, tanto dos sacramentos como de outras ações litúrgicas. Essa caminhada foi intensamente analisada, especialmente nas três primeiras décadas pós-conciliares. Trata-se de processo contínuo e inacabado.

Alguns nomes serão recordados como mestres dessa renovação: dom Clemente Isnard, dom Helder Câmara, dom Pedro Casaldáliga, entre tantos nomes brasileiros e latino-americanos no campo teológico-bíblico. A teologia da libertação fundamentou essa caminhada, dando-lhe a base da reflexão e da sua elaboração. A reforma litúrgica configura-se com novos rostos, preconizados por Puebla, que se tornam os sujeitos emergentes e protagonistas do culto: pobres, negros, indígenas, mulheres, camponeses, migrantes e tantos mais. Vale a pena destacar na reforma litúrgica a força imperiosa dos leigos, que animam a vida litúrgica da comunidade e integram um processo de mutirão celebrativo, introduzindo os rituais nos vários espaços da vida cotidiana.

A reforma litúrgica vai sendo apreciada e um elemento novo se insere, que precisa ser assumido e examinado com seriedade. Estamos falando dos novos movimentos espirituais católicos, com forte espiritualidade pentecostal ou carismática, engrandecendo a dimensão pneumatológica do culto, assim como o neo-catolicismo, que gesta grupos religiosos laicos ou clericais, abrindo novas perspectivas para a reforma litúrgica. Esse direcionamento da reforma litúrgica, provocado pelo crescimento dos grupos pentecostais não católicos e pelo avanço dos meios de comunicação social, configura novos aspectos das celebrações, particularmente no canto, no conteúdo das pregações, na tendência emocional da espiri-

tualidade e na revalorização dos ritos solenes, com suas alfaías e vasos sagrados.

#### 4. Itens preponderantes da reforma litúrgica

A pesquisa sobre a reforma tem se intensificado muito nos últimos anos, pois toda a comunidade eclesial está preocupada com os rumos da prática litúrgica dos fiéis. Depois de tantas conquistas e forte conscientização da importância da adaptação litúrgica, tem-se notado certo retrocesso em vários setores da Igreja. Vamos considerar como reforma litúrgica, em sentido amplo, as tentativas de dinamizar, adaptar, inculturar os ritos cristãos a partir da abertura eclesial do Concílio Vaticano II.

Alguns elementos fundamentais da reforma litúrgica, que representaram evolução no processo de adaptação litúrgica, podem ser considerados. Com a renovação do repertório litúrgico, que dinamiza os ritos, inserindo-os na cultura e na religiosidade das comunidades, recuperou-se o longo período de ausência da inserção da vida litúrgica na realidade social e religiosa dos povos. Esse processo de reforma cultural abrange a vida litúrgica na sua integridade, embora se situe particularmente nos sacramentos e, mais precisamente, na celebração eucarística. Vejamos:

**4.1. Celebrações étnicas.** Nesse período pós-conciliar, desenvolveu-se grande variedade de ritos litúrgicos com configuração cultural dos vários grupos humanos constitutivos do povo brasileiro. A partir da reforma litúrgica conciliar, a comunidade cristã toma consciência de que a liturgia deve se adaptar à realidade do povo e assumir o “gênio cultural” dele. Todo esse projeto foi incorporado pelas conferências episcopais e pelas posteriores reformas litúrgicas. O Documento de Puebla (n. 940) insiste na promoção de adaptações particularmente adequadas aos grupos étnicos, existindo o cuidado de que a vida litúrgica não seja instrumentalizada para fins alheios à sua natureza. Nesse impressionante processo de inculturação, citamos a missa afro, a missa sertaneja, a missa

nordestina, a missa crioula, a missa da terra sem males, a missa dos ciganos e a missa cai-pira. Esses títulos foram dados às celebrações eucarísticas que se propunham assumir em seu repertório litúrgico as formas e o gênio cultural desses grupos socioétnicos. As músicas, os símbolos, os comentários, os movimentos e a ornamentação do espaço sagrado expressam as características de tais tradições. Na verdade, os elementos culturais valorizados já não pertencem ao cotidiano desses grupos, mas são resgatados como caminho para recuperar a identidade dos seus membros e engrandecer a sua etnia, protegendo-a do achatamento cultural hodierno. Nem sempre são grupos bem definidos, mas os seus fiéis buscam, num momento de sua história, a demarcação da própria identidade. Apesar de sua impressionante riqueza ritual, o limite nesse processo de inculturação foi certo folclorismo que predominou em tais cultos, relegando-os a representações culturais. Destacamos algumas limitações, como a imitação das conquistas da inculturação e a ausência de aprovação canônico-litúrgica desses rituais (BOGAZ; SIGNORINI, 2010, p. 76).

**4.2. Celebrações etárias e temáticas.** Muitas celebrações tiveram sua linguagem e sua dinâmica adequadas à faixa etária dos fiéis. Embora com muitas lacunas, pois as assembleias são muito heterogêneas, serviram para adaptar a linguagem aos participantes da comunidade, permitindo-lhes maior interação com o rito. As celebrações para os jovens passaram a realçar mais os cantos, os movimentos e expressões simbólicas que os faziam mais sujeitos do rito celebrado. Nessa mesma esfera da reforma litúrgica, encontramos as celebrações envolvendo os grupos pastorais, como as famílias, os casais e outros. Naturalmente o mistério pascal é o núcleo fundamental das celebrações cristãs; porém os elementos do rito e sua linguagem procuram responder aos sentimentos dos celebrantes.

**4.3. Celebrações proféticas.** Não vamos deixar de considerar a difícil aceitação, por parte de muitos fiéis, dessa dimensão sociológica da reforma litúrgica. Esta, na esteira

da reflexão teológica e das práticas eclesiais, acolheu os valores proféticos do cristianismo. Nessa renovação, houve grande abertura para a realidade dos povos maltratados, considerando suas dores, lutas e vitórias. A profecia, como a luta pela terra, pelos direitos, pela libertação dos povos oprimidos, tornou-se conteúdo da compreensão do mistério pascal de nossas ações litúrgicas. Tal renovação se revelou nos cantos com poemas profetizantes, nos símbolos apresentados nas dinâmicas do rito, nas pregações e interpretações da palavra de Deus e, sobretudo, na espiritualidade litúrgica. Essa dimensão da reforma litúrgica abriu os horizontes da comunidade cristã para as realidades temporais, sem perder de vista as realidades transcendentais que se integram no mistério pascal de Jesus Cristo.

**4.4. Celebrações criativas e dinâmicas.** Sem especificar a direção da criatividade, as comunidades se preocuparam em superar a letargia dos ritos, a qual afastava muitos fiéis, sobretudo as massas populares, ávidas por ritos mais dinâmicos e menos racionalizantes. A despeito dos erros cometidos quanto à verdadeira teologia litúrgica, os ritos procuraram ser mais efervescentes e alegres. Mesmo entendendo que este não é o cerne da participação ativa e consciente, as comunidades lançaram mão dessas dinâmicas para envolver melhor a assembleia em celebrações mais emotivas e afetivas. De fato, com o processo da reforma litúrgica desenvolvendo aspectos mais proféticos da mensagem cristã no repertório litúrgico, como nos cantos, símbolos e pregações, sentiu-se a carência do fator emocional nos ritos. Esta provocou uma crítica exacerbada aos ritos sacramentais, levando a uma ênfase talvez excessiva sobre a dimensão emocional. Desde então, a reforma litúrgica, legítima ou ilegitimamente, abordou com vigor as relações emocionais, com cantos mais sentimentais, gestos, toques mais afáveis e discursos mais inflamados. Quando a linguagem simbólica é “mais intuitiva e afetiva”, “mais poética e gratuita”, faz com que a liturgia seja uma “celebração” e não “uma

doutrina”, permitindo-nos, assim, entrar em contato com o inacessível e confirmar que “o mundo da liturgia pertence não às realidades que terminam em ‘-logia’ (teologia, por exemplo), mas em ‘-urgia’ (dramaturgia, liturgia)” (ALDAZABAL, 1989, p. 10).

Essa abordagem, criticada veementemente por liturgistas mais ortodoxos, gestou uma ritualidade pentecostal católica, que se tornou o cerne de grupos de oração, de novas comunidades, do neocatolicismo e, sobretudo, das liturgias de massa, em geral animadas com o auxílio dos meios de comunicação social por celebrantes cantores ou animadores. Perdeu-se, certamente, a profundidade e a dimensão comunitária, uma vez que se tornam celebrações capazes de congregar multidões, mas frágeis na edificação de comunidades fraternas e comprometidas com a vida da Igreja e com os empobrecidos.

## 5. Traços da reforma litúrgica

Consideramos, com grande otimismo, que o processo histórico de renovação da vida litúrgica no Brasil teve avanços marcantes, o que é um privilégio de poucos lugares do mundo. Isso é notado quando participamos de encontros intercontinentais e os ritos são animados pelos vários grupos ali presentes: espera-se sempre que as celebrações presididas e animadas pelos grupos do Brasil sejam mais dinâmicas, inculturadas e envolventes. Os tempos dos rituais litúrgicos anêmicos ficaram para trás. Dentro das características e da espiritualidade de cada grupo eclesial, esperam-se sempre celebrações mais dinâmicas e eficazes, capazes de tocar o espírito de toda a assembleia. Todas as comunidades e seus presidentes de celebração têm consciência de que o fator preceitual, que obrigava os fiéis a participar dos sacramentos, praticamente desapareceu. Entendemos então que é preciso criar comunidades que respeitem os próprios valores, cultura, realidade concreta e dinamismo, possibilitando que os fiéis as integrem como membros de uma comunidade caminhante, sintam necessidade de ir ao culto e o façam com alegria e entusiasmo.

Nesse meio-tempo, sustentamos assembleias arrebanhadas por líderes religiosos que se assemelham a *pop stars*, aninhando cristãos que dependem da força emocional do culto e são cativados pela figura do seu presidente. Essa situação pode ser deplorável, quando a ausência daquele presidente exige o cancelamento da celebração. Nesse caso, a comunidade demonstra não se sustentar por si mesma, pois sua referência é a pessoa carismática do celebrante principal. A isso se une ainda a espiritualidade de libertação e cura, muito presente em tais cultos. Essa aproximação com o pentecostalismo evangélico tem sua importância, pois reinsere os fiéis afastados e desanimados, mas não garante continuidade comunitária e perseverança pessoal. A prova está no fato de que grupos se reúnem às centenas e, alguns meses depois, simplesmente desaparecem. Fiquemos atentos, pois o efeito montanha-russa que se tem notado em grupos evangélicos pode afetar nossas comunidades. Concordamos que é preciso haver a integração de três elementos num gesto verdadeiramente litúrgico: o gesto corporal, em primeiro lugar, seu sentido teológico-litúrgico e, em terceiro lugar, a atitude espiritual provocada pelo mesmo gesto. Realizamos o rito, a inteligência o integra em nossa vida e a nossa fé o eleva à dimensão transcendental. A interação desses elementos constitui a inteireza do ritual e sua eficácia em nossa história.

Não se pode ignorar que esse modelo de renovação litúrgica, mesmo que muitos estudiosos da reforma relutem em admitir, arrebanhou grandes multidões de fiéis para a Igreja, afastou muitos de seu catolicismo morno e evitou que a evasão aumentasse. São méritos significativos e frutos importantes da renovação litúrgica, promovidos pelos grupos pentecostais católicos, como a Renovação Carismática, pelas novas comunidades e pelos meios de comunicação católicos. Não vamos desconsiderar, absolutamente, as conquistas no campo da reforma litúrgica obtidas pelas comunidades eclesiais de base, pela teologia da libertação e pelas conferências latino-americanas e o despertar da inculturação, que promoveu e enobreceu

culturas e grupos relegados ao esquecimento histórico. As celebrações, com a dinamização de seu repertório litúrgico, engrandeceram e elevaram esses grupos humanos, tantas vezes marginalizados e esquecidos pela comunidade eclesial. Reconhecemos a autenticidade do gesto litúrgico quando a expressão exterior é germinada no mais íntimo do fiel, na plenitude do seu espírito e de sua vida. O gesto é espontâneo e realizado com dignidade. Essa dignidade implica simplicidade e não *rigidismo* (BOGAZ; VIEIRA, 2001, p. 59).

Indagamos, a propósito, sobre a eficiência e até mesmo sobre a eficácia das celebrações com multidões, pois a conglomeração de fiéis não facilita a espontaneidade dos gestos e movimentos, que são orquestrados e domesticados pelo animador da assembleia. A vitalidade das ações litúrgicas será recordada sempre como importante valor da renovação litúrgica.

As conquistas da reforma litúrgica, que se processaram dentro da evolução eclesial de nosso país e de alguns países latino-americanos, têm como mérito a interação entre liturgia e vida, a integração das culturas marginalizadas e a elevação das devoções e dos direitos dos povos mais simples.

## 6. Olhando depois da curva

Estamos num caminho promissor, carregado de novidades. Nossas comunidades se alimentam desse entusiasmo proporcionado pelo dinamismo das equipes de serviço e seus ministérios. Esse é um bem que nos anima e nos edifica, pois trouxe para a comunidade católica maior autoestima e desejo de se irmanar como família espiritual que celebra sua fé em ritos comprometidos com sua própria espiritualidade e cultura.

Sabemos, porém, com serenidade e esperança, que os vínculos comunitários mais emocionais são mais frágeis e não garantem constância secular. Naturalmente não vão desaparecer, mas vão permanecer como conquistas para a animação da vida litúrgica no Brasil. De modo semelhante, deixaram marcas para sempre todos os valores que a reforma

litúrgica dos anos fervorosos da eclesialidade profética trouxe para nossos ritos. Depois das CEBs e das Campanhas da Fraternidade, jamais a espiritualidade litúrgica será como antes, pois resgatou bens e dons da fé cristã que estavam escondidos.

Para além da curva, teremos esse legado, que são novas notas da partitura da mística cristã. Com o arrefecimento das grandes multidões e seus celebrantes referenciais, devemos constituir comunidades sólidas e fraternas. A reforma litúrgica se processará concretamente nos fiéis que se encontram para a celebração eucarística, que celebram o batismo e as exéquias, como família de fé. São essas assembleias bem constituídas que se congregarão para celebrar, independentemente da sedução da mídia ou da força arrebatadora de presidentes carismáticos.

Para superar o modismo e a frieza, devemos formar a assembleia segundo a espiritualidade litúrgica, de modo que tenham lugar expressões essencialmente simbólico-poéticas e não lógico-sistemáticas. Portanto, sem eliminá-la, devemos minimizar a racionalidade e cultivar a afeição comunitária e o sentimento da fé. Quando falamos de teologia simbólica da liturgia, podemos afirmar que “o racionalismo é um inimigo da celebração e da ciência litúrgica”. Atados à “ideia” ou ao “conceito”, jamais a celebração litúrgica exprimirá a beleza da fé cristã. Somente o símbolo expressa a transcendência do conteúdo. A expressão simbólica que tem animado nossas ações rituais nos faz ir mais longe, pois nos permite comungar com a realidade invisível e misteriosa, não perceptível aos sentidos.

É evidente que não podemos definir a medida exata para a gestualidade e os movimentos. Esse repertório litúrgico precisa ser a manifestação da vida pessoal e comunitária. Toda celebração deve ser provida de intensidade e integralidade. Somente assim haverá harmonia entre a manifestação corpórea e seu sentido espiritual. Vivendo em harmonia, os momentos litúrgicos (penitência, louvor, devoção, agradecimento, súplica, entre ou-

tros) e os gestos surgem de maneira natural e espontânea.

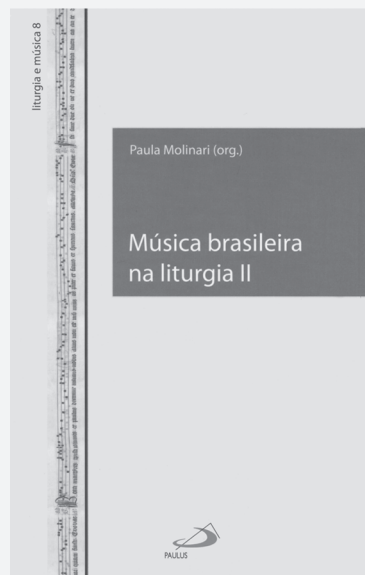
Alguns desafios ainda se impõem de forma intensa e urgente, como a efetiva, consciente e harmoniosa participação dos fiéis nos ritos, a criatividade e a adaptação às formas contemporâneas da cultura. Esperamos ainda concretizar na vida litúrgica a integração dos valores, dos contextos urbanos, bem como ampliar a eficácia transformadora da palavra divina. Os estudiosos da ciência litúrgica pastoral, as comunidades e as equipes de celebração devem aprofundar o equilíbrio entre a Sagrada Escritura, a Tradição e o Magistério, mas também o entrosamento dos ciclos do ano litúrgico com as festividades religiosas populares e civis, promovendo a adaptação aos diversos contextos, a inculturação, a criatividade e a adequação ritual. Sempre deparamos com visões exclusivistas dos responsáveis pelo estudo e pela atuação teórica e prática desses objetivos da reforma litúrgica, mas o Espírito Santo haverá de suscitar coragem, disposição e humildade para que nossas celebrações atinjam sempre elevado grau de participação ativa, consciente e frutuosa e sejam vivazes e envolventes. Depois das portas abertas pela reforma litúrgica, nunca mais o espírito de renovação deixará de soprar.

## BIBLIOGRAFIA

- ALDAZABAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 1989.
- AUGE, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2002.
- BOGAZ, Antônio S.; VIEIRA, Tarcísio G. *Sinais mistagógicos*. São Paulo: Paulus, 2001.
- \_\_\_\_\_; SIGNORINI, Ivanir. *A celebração litúrgica e seus dramas*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- CHUPUNGCO, Anscar. *Liturgias do futuro: processos e métodos de inculturação*. São Paulo: Paulus, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Inculturação litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- DUARTE, Luís Miguel. *Liturgia: conheça mais para celebrar melhor*. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- GELINEAU, Joseph. *O amanhã da liturgia*. São Paulo: Paulus, 1976.
- LEBON, Jean. *Para viver a liturgia*. São Paulo: Loyola, 1986.
- MARTIN, Juan L. *No espírito e na verdade*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992.
- SILVA, José Arioaldo da. *O movimento litúrgico no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2007.

## Música brasileira na liturgia (vol. 2)

Paula Molinari (org.)



*Música brasileira na liturgia (vol. 2)* é fruto precioso do 1º Encontro de Compositores de Música Litúrgica, promovido pelo setor de Música Litúrgica da Comissão Episcopal para a Liturgia da CNBB, ocorrido em 2006. Esta obra é, na realidade, uma continuação da reflexão desencadeada pelo volume I, *Música brasileira na liturgia*, publicado na coleção Liturgia e Música.

Imagens meramente ilustrativas.

Formato: 13,5 cm x 21 cm  
Páginas: 104  
Cód.: 9788534930307

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



# SUGESTÕES PARA A LITURGIA

Ir. Veronice Fernandes, pddm\*

## 1º DE JULHO – SÃO PEDRO E SÃO PAULO

### 1. O mistério que celebramos

Celebramos hoje a solenidade dos apóstolos Pedro e Paulo. Dois seguidores de Cristo, dois apóstolos, dois mártires com diferenças claras, como relata a Escritura (cf. At 15; Gl 2,11-14), porém unidos pelo evangelho de Jesus Cristo.

Embora tenham sido martirizados em dias diferentes, deram o mesmo testemunho. Celebramos o dia festivo consagrado para nós pelo sangue dos apóstolos. Amemos a fé, a vida, os trabalhos, os sofrimentos, os testemunhos e as pregações desses dois apóstolos, como diz santo Agostinho. As palavras do hino de laudes da Liturgia das Horas rezam o testemunho glorioso desses mártires: “A paixão dos apóstolos este dia sagrou, o triunfo de Pedro para nós revelou, e a coroa de Paulo até aos céus exaltou. / A vitória da morte os uniu, como irmãos consagrados no sangue, verdadeira oblação; pela fé coroados, ao Senhor louvarão. / Pedro foi o primeiro por Jesus consagrado; Paulo, arauto por graça, vaso eleito chamado, pela fé se igualava ao que tem o primado”.

Lembramo-nos hoje do bispo da Igreja de Roma, de todos os pastores das Igrejas cristãs e de todos os servidores das comunidades.

### 2. Sugestões para a celebração

- No início, após a saudação inicial, alguém pode lembrar a vida e missão de Pedro e Paulo.

- Após a homilia, a comunidade pode retomar a confissão de fé feita por Pedro e renovar sua própria profissão de fé, por meio do “creio”.

## 8 DE JULHO – 14º DOMINGO DO TEMPO COMUM

### 1. O mistério que celebramos

Como comunidade de fé, vamos seguindo o caminho espiritual e pedagógico proposto pelo ano litúrgico, acompanhando Jesus em seu itinerário pascal e, pouco a pouco, descobrindo o seu jeito de ser.

Neste domingo, Marcos nos fala da rejeição dos contemporâneos de Jesus, que o enxergam somente com olhos humanos. Somos convidados a renovar nossa fé e nossa adesão a ele, o Filho de Deus, encarnado na história humana.

### 2. Sugestões para a celebração

- Valorizar a proclamação da Palavra, preparando bem os leitores para uma ótima proclamação. Levar o livro em procissão e incensá-lo antes da proclamação do evangelho.
- Na hora da profissão de fé, pedir que os membros da assembleia estendam o braço em direção ao livro da palavra de Deus.

\* Pia discípula do Divino Mestre, mestra em Teologia, com especialização em Liturgia. Atual provincial de sua congregação, é membro do Centro de Liturgia e da Equipe de Reflexão da Pastoral Litúrgica da CNBB e trabalha como assessora nos cursos de formação litúrgica.

15 DE JULHO – 15º DOMINGO  
DO TEMPO COMUM

### 1. O mistério que celebramos

Continuando nossa trajetória no caminho de Jesus, escutamos sua palavra de vida e salvação que hoje chama os doze e os envia dois a dois. Os apóstolos são chamados a viver em comunhão com Jesus, anunciar a boa-nova da salvação e expulsar os demônios – forças do mal. Após ter escutado o ensinamento de Jesus e testemunhado os sinais de salvação realizados por ele, os discípulos assumem a total identificação apostólica.

O caminho do discipulado supõe a entrega livre, a gratuidade, a dedicação ao reino. Como comunidade fiel a Jesus, renovamos hoje o nosso discipulado.

### 2. Sugestões para a celebração

- Proclamar bem a palavra de Deus proposta para este domingo. Preparar bem os leitores e a assembleia para a escuta.
- No final, dar uma bênção especial aos doentes presentes na assembleia litúrgica.
- Valorizar os ritos finais como envio em missão.

22 DE JULHO – 16º DOMINGO  
DO TEMPO COMUM

### 1. O mistério que celebramos

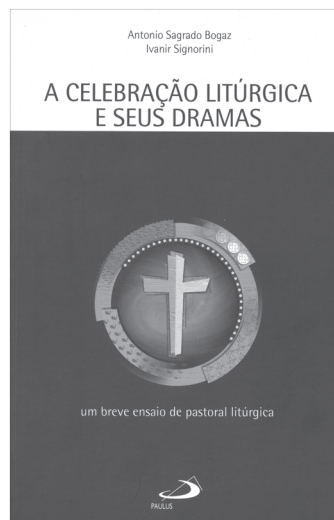
Hoje acompanhamos Jesus, que escuta a experiência dos apóstolos após a missão realizada por eles. O Mestre se revela próximo e íntimo dos seus discípulos, convidando-os a se retirar para um lugar deserto e afastado. Mesmo se retirando, a multidão sedenta vai ao encontro de Jesus. Ele, o pastor que veio para dar vida, cheio de compaixão, dá atenção a todos e os ensina. Seremos alimentados com a presença de Jesus, o Bom Pastor que nos ama e restaura as nossas forças.

### 2. Sugestões para a celebração

- Acolher bem, com atitudes de pastor, as pessoas que chegam para celebrar.

## A celebração litúrgica e seus dramas

Um breve ensaio  
de pastoral litúrgica  
*Antonio Sagrado Bogaz e  
Ivanir Signorini*



As nossas celebrações são um dom precioso para a Igreja, pois evocam a vivência do mistério pascal para as nossas comunidades. No entanto, muitas vezes seu sentido se desvirtua por limitações na formação e dificuldades pastorais. Depois de apresentar a realidade das celebrações, os autores propõem caminhos de superação dos dramas presentes nas celebrações litúrgicas.

Formato: 14 cm x 21 cm  
Páginas: 144  
Cód.: 9788534920957

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**  
**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



- Entronizar um ícone do Bom Pastor na procissão de abertura.
- Valorizar os momentos de silêncio durante a celebração.

## 29 DE JULHO – 17º DOMINGO DO TEMPO COMUM

### 1. O mistério que celebramos

A partir deste domingo, vamos ler textos do Evangelho de João, narrando o discurso de Jesus sobre o “pão da vida”.

Hoje ouviremos a narrativa da multiplicação dos pães. O Senhor se revela como o grande profeta de Deus. Na partilha do pão, ele se manifesta como o sinal do amor generoso de Deus. Jesus, dom de Deus para nós, oferece a sua vida pela salvação da humanidade.

Na celebração, partilhando o pão da vida, como discípulos e discípulas do Senhor, aprendemos a repartir o que somos e o que temos para que a fome, a desigualdade e a miséria sejam erradicadas do nosso meio.

### 2. Sugestões para a celebração

- Na homilia, pedir que algum grupo ou cooperativa deem testemunho de partilha.
- Na apresentação das oferendas, fazer uma coleta fraterna, convidando as pessoas a trazer alimentos para a comunidade partilhar com os mais necessitados.
- Valorizar o gesto da fração do pão, que “significa que muitos fiéis, pela Comunhão no único pão da vida, que é o Cristo, morto e ressuscitado pela salvação do mundo, formam um só corpo (1Cor 10,17) (IGMR 83).

## 5 DE AGOSTO – 18º DOMINGO DO TEMPO COMUM

### 1. O mistério que celebramos

No domingo passado, acompanhamos o sinal de Jesus na multiplicação dos pães. A multidão não havia compreendido o sentido verdadeiro da ação de Jesus, por isso ele explica o sentido

desse sinal. Jesus, o Filho de Deus, manifesta-se como o pão que oferece vida nova, plena. Ele convida a trabalhar pelo alimento e pela vida que permanecem para sempre.

A melhor obra que podemos realizar é crer em Jesus, o Filho de Deus enviado para dar vida ao mundo. A fé nos faz reconhecer os sinais de salvação realizados por Jesus e perceber que temos necessidade dele como do alimento material. Jesus é o dom de amor gratuito oferecido pelo Pai à humanidade. Por meio de sua vida, morte e ressurreição, ele se entrega como pão que alimenta e conduz os que continuam sua missão.

Neste primeiro domingo do mês vocacional, rezamos por nossos presbíteros, bispos e diáconos.

### 2. Sugestões para a celebração

- No momento das preces, lembrar os ministros ordenados.
- “A verdade do sinal exige que a matéria da celebração eucarística pareça realmente um alimento. Convém, portanto, que, embora ázimo e com a forma tradicional, seja o pão eucarístico de tal modo preparado que o sacerdote, na missa com o povo, possa de fato partir a hóstia em diversas partes e distribuí-las ao menos a alguns dos fiéis [...]” (IGMR 321).

## 12 DE AGOSTO – 19º DOMINGO DO TEMPO COMUM

### 1. O mistério que celebramos

Neste 19º domingo, Jesus continua o seu discurso sobre o pão do céu. Diante da revelação de Jesus, há reação por parte de seus conterrâneos. Jesus não aprova a murmuração e recorda que é preciso abrir o coração para o Pai, porque é dele que vem a graça de aderir ao seu caminho de radicalidade.

Acolhendo Jesus, alimentando-nos do pão, crendo e permanecendo em suas palavras, participamos da vida nova oferecida por ele. Assim como Jesus, sejamos pão vivo repartido para a vida do mundo.

## 2. Sugestões para a celebração

- Continuar cuidando da verdade do sinal para que a matéria da celebração eucarística pareça realmente um alimento.
- Neste dia dos pais, valorizar a participação deles em diversos momentos da celebração eucarística: na procissão de entrada, na homilia (testemunho) e na bênção final.
- Na procissão das oferendas, uma família pode levar o pão e o vinho até o altar.

## 19 DE AGOSTO – ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

### 1. O mistério que celebramos

Como reza a antífona da entrada, “alegre-mo-nos todos no Senhor, celebrando este dia festivo em honra da Virgem Maria: os anjos se alegram pela sua assunção e dão glória ao Filho de Deus”.

Ao celebrar a solenidade da Assunção de Nossa Senhora, a Igreja reconhece o mistério da Páscoa plenamente realizado nela. De fato, Maria, glorificada na assunção, atingiu a plenitude da salvação, até a transfiguração do corpo.

Com Maria, damos graças ao Pai, que manifesta sua misericórdia de geração em geração, instaurando a verdadeira fraternidade entre os povos.

### 2. Sugestões para a celebração

- Um ícone de Maria pode ajudar a comunidade a entrar no clima da celebração. O ícone é trazido na procissão de entrada, colocado em lugar de destaque e incensado.
- Hoje, na dinâmica do mês vocacional, a Igreja lembra as religiosas e os religiosos. Seria bom que, no início da celebração, caso haja alguma religiosa ou religioso presentes, apresentar e explicar o carisma e missão do seu instituto ou congregação.

## 26 DE AGOSTO – 21º DOMINGO DO TEMPO COMUM

### 1. O mistério que celebramos

O evangelista João descreve a reação dos ouvintes de Jesus diante do discurso sobre o pão da vida. Muitos não aceitaram o jeito de ser de Jesus, sua proposta, ou seja, o caminho da cruz. Jesus não é o Messias segundo a carne, e sim segundo o Espírito.

Hoje, Jesus depara com a reação dos que estão mais próximos. Muitos discípulos seus voltaram atrás, não tiveram a coragem de aderir à sua proposta. Diante disso, Jesus pergunta aos doze se eles também querem deixá-lo. Simão Pedro faz então sua profissão de fé.

Nós, discípulos e discípulas de Jesus, renovamos nossa fé nele, assumindo o caminho da cruz.

### 2. Sugestões para a celebração

- Hoje, dia nacional do catequista, destacar a presença desse importante serviço na Igreja: os catequistas podem tomar parte na procissão de abertura, levando o círio pascal, o evangeliário.
- Após a homilia, os catequistas podem renovar o compromisso de evangelizar.
- Toda a comunidade renova a adesão ao Senhor na profissão de fé.
- Cantar com fé e decisão a aclamação memorial: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte...”
- Dar uma bênção especial aos catequistas.



# ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: [www.paulus.com.br](http://www.paulus.com.br))

Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj\*

13º DOMINGO DO T.C. / SÃO PEDRO  
E SÃO PAULO (1º de julho)

COMBATERAM O BOM COMBATE

## I. INTRODUÇÃO GERAL

A Igreja celebra o martírio de Pedro e de Paulo na mesma data porque eles estiveram unidos no mesmo propósito: seguir Jesus até a morte. Ambos são alicerces vivos do edifício espiritual que é a Igreja. Pedro evangelizou os judeus, Paulo fez a mensagem de Jesus chegar às demais nações. A incessante pregação de ambos foi fecundada com o martírio. Eles deram provas de até que ponto pode ir o ser humano quando elege o projeto de Deus como opção de vida. Não foram pessoas apenas de palavras, mas testemunhas de que a fé remove as montanhas do egoísmo. O modo como viveram e como morreram questiona o comodismo de nossa fé.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Mt 16,13-19): As portas do inferno não vencerão

No evangelho de hoje, Jesus faz duas perguntas aos discípulos. Na primeira, ele quer saber o que as pessoas em geral estão dizendo a respeito dele e, na segunda, o que os discípulos pensam sobre ele.

Com essas perguntas, pode parecer que Jesus está fazendo uma pesquisa, para ver se a mensagem dele está agradando ao público ou se ele terá de mudar alguma coisa que aumente o índice de audiência. Na verdade, Jesus está ocupado em construir, na consciência coletiva, a identidade dele, ou seja, quer estabelecer exata compreensão a respeito do Messias e, além disso, mostrar que tipo de Messias ele é. Jesus faz essas perguntas aos discípulos porque sabe que da correta assimilação de sua identidade depende a correta compreensão de sua mensagem. Se alguém entende de forma errada quem é Jesus, compreenderá erroneamente a sua mensagem e terá uma práxis totalmente diferente daquela que ele espera.

Na resposta dos discípulos à primeira pergunta são explicitadas as diversas esperanças messiânicas de Israel.

Pedro toma a iniciativa para responder à pergunta feita aos discípulos sobre a identidade de Jesus. Mas é a comunidade dos discípulos, representada por Pedro, quem diz

\* Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica e lecionou por alguns anos. Atualmente leciona na Faculdade Católica de Fortaleza e em diversas outras faculdades de Teologia e centros de formação pastoral.

corretamente quem é Jesus e qual sua missão. A resposta da comunidade representada por Pedro é uma profissão de fé no “Cristo, Filho do Deus vivo”.

Essa profissão de fé não é fruto da lógica e do esforço humano, mas é revelação divina, pois quem o revela à comunidade é o próprio Pai, que está no céu. Foi a abertura da comunidade à revelação divina que possibilitou reconhecer o Cristo e confessar a fé nele. E é sobre a fé confessada no Cristo, Filho do Deus vivo, que a Igreja é edificada. A expressão “esta pedra” refere-se à confissão de fé e é um trocadilho com a palavra “Pedro”, por cujos lábios ela é pronunciada. O fundamento da Igreja é Jesus, pedra angular (Mt 21,42), confessado por Messias/Cristo pela comunidade de seus seguidores.

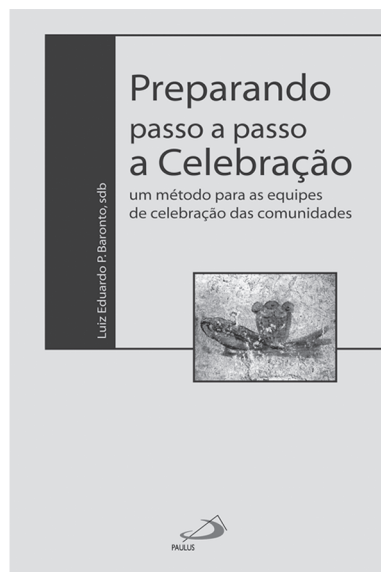
Porque a comunidade dos seguidores confessou a verdadeira identidade de Jesus como Messias/Cristo, pedra angular ou fundamento, ela recebeu “as chaves do reino” (e não da Igreja). O termo “chaves” significa ter acesso e, nesse caso, remete a Is 22,22. Então, é tarefa da Igreja cuidar da obra divina, não como um proprietário – pois o reino é de Deus –, mas como um mordomo ou despenseiro que cuida da casa de seu verdadeiro senhor, ao qual prestará contas de seu serviço. E cuidar do reino significa fazer com que ele cresça neste mundo.

Então a principal tarefa da comunidade dos discípulos de Jesus, a Igreja, é proporcionar o avanço do reino dos céus (ou de Deus). Esse avanço significa uma ofensiva contra tudo o que se constitui em antirreino (representado pelo termo “inferno”). “As portas”, naquela época como hoje, significavam o poder de defesa. Uma cidade (murada) com portas resistentes tinha grande poder de defesa numa batalha. “As portas do inferno não resistirão” significa que a comunidade dos discípulos de Jesus faz o reino avançar contra o antirreino (o inferno), e, por mais fortes que sejam os

## Preparando passo a passo a celebração

### Um método para as equipes de celebração das comunidades

*Luiz Eduardo P. Baronto, sdb*



O padre salesiano, mestre em educação pela Universidade Federal de Pernambuco e professor de liturgia Luiz Eduardo P. Baronto escreveu um livro dirigido especialmente às equipes de celebração das comunidades eclesiais, que encontrarão aqui um método para ajudá-las a tornarem suas celebrações mais vivas, atraentes e participativas.

Imagens meramente ilustrativas.

Formato: 14 cm x 21 cm

Páginas: 48

Cód.: 9788534908139

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



poderes de defesa (as portas) do inferno, não conseguirão resistir por muito tempo e por fim o reino vencerá e será instaurado plenamente. As portas do antirreino cairão.

Em função do avanço do reino, uma das tarefas da Igreja é “ligar ou desligar”, mas isso não diz respeito a uma autoridade soberana do líder da Igreja. O sentido de “ligar ou desligar” diz respeito ao âmbito da comunhão entre o fiel e a comunidade, ou melhor, ao sacramento da reconciliação. É precisamente no âmbito do ministério da reconciliação que a Igreja exerce a tarefa de excluir oficialmente um membro da comunhão plena ou readmiti-lo (reconciliá-lo), uma vez cumpridas certas condições.

Assim, “ligar” significa “algemar” alguém, ou seja, deixá-lo preso ao pecado; e “desligar” significa romper os laços com que o pecado escraviza o ser humano, readmitindo o pecador arrependido à comunidade salvífica.

Desse modo, “ligar ou desligar” significa fundamentalmente a faculdade de perdoar os pecados, reconciliando o pecador com Deus, mediante a visibilidade do sacramento, e impondo-lhes condições e obrigações que sejam o sinal da verdadeira conversão.

## 2. I leitura (At 12,1-11): Foi lançado na prisão

Na primeira leitura, Pedro é envolvido no mesmo destino de Jesus, primeiramente porque foi preso na festa dos Pães sem Fermento (a Páscoa). Além disso, o texto começa com a decisão do rei Herodes de tentar destruir a Igreja, prendendo e matando seus líderes. O rei deseja remover os pilares da casa para fazer a construção inteira ruir. A prisão de Pedro não é um fato isolado – na mesma época, Tiago (filho de Zebedeu) foi martirizado. O governante condena pessoas inocentes para garantir a própria popularidade, algo semelhante ao que foi feito a Jesus.

Os detalhes sobre como Pedro estava sendo guardado pelos soldados romanos querem apenas assegurar que uma fuga seria impossível. Enquanto Pedro estava preso, a Igreja reunida orava incessantemente, solidarizando-se com a situação dele, pois constituíam um só corpo no Senhor. E ao fervor da oração Deus respondeu com a libertação. Na noite anterior ao dia em que Herodes apresentaria Pedro ao sinédrio para ser condenado, Deus agiu em resposta à oração da Igreja.

O texto enfatiza que Pedro dormia enquanto esperava o próprio julgamento e condenação. Ele teve dificuldade para saber se o que estava acontecendo era real, o que significa que não esperava a libertação. E, se mesmo assim conseguia dormir, era porque confiava plenamente em Deus e estava preparado para morrer por sua fé. Enquanto Pedro está sendo libertado, o texto faz questão de ressaltar novamente que a prisão era de segurança máxima e que, apesar de todas as precauções, Herodes não conseguiu o seu intento de destruir a Igreja.

## 3. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18): Terminei minha carreira, guardei a fé

O texto da segunda leitura se refere ao momento em que Paulo estava preso e pensava que seria condenado à morte. Suas palavras não revelam nenhuma amargura, mas a serenidade de quem se abandonou nas mãos de Deus. O apóstolo estava pronto para ser imolado, isto é, estava à disposição para ser morto por causa do evangelho. Além disso, considera que a morte por causa do evangelho é aceita por Deus como verdadeira oferta ou sacrifício.

A vida do cristão é comparada a uma batalha e a um esporte de Olimpíada: “Combati o bom combate, terminei minha carreira” (v. 7), mas em tudo a fé saiu vitoriosa; faltava apenas subir ao pódio e receber a

coroa de louros que confirmava a vitória. Isso significa que o apóstolo sabe que Deus não deixará sua morte sem resposta; a última palavra não é da morte, mas de Deus, que dá vida plena aos que nele se abandonam. A ressurreição não significa um prêmio, mas sim que Deus partilha a vida que lhe é própria (eterna) com aqueles que lhe doaram a vida humana e efêmera. A ressurreição é grande dom de Deus e não simples troca de uma vida por outra; a vida que doamos a Deus em nada se compara à vida eterna que ele gratuitamente nos dá. Por isso não é um prêmio. A coroação de que o apóstolo fala significa que a última ação é de Deus, e não do carrasco.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– As prisões dos dois apóstolos atestam que somente é verdadeiro discípulo de Cristo quem por ele enfrenta perseguições e martírios, mantendo a fé/fidelidade. Os exemplos de Pedro e Paulo mostram que a Igreja não é edificada sobre homens, mas sobre a confissão de fé no Cristo ressuscitado e ressuscitador. Tal confissão de fé não é apenas um discurso de belas palavras, mas testemunho de vivência na fidelidade a Deus custe o que custar, mesmo que seja a própria vida. Muitas pessoas se orgulham de que Cristo tenha entregado as chaves do reino para Pedro e não se lembram de que as chaves significam serviço. Outras pessoas se ufanam de que Pedro tenha recebido a missão de “ligar e desligar” e não sabem que o objetivo disso é manter a Igreja numa fé autêntica e operante no mundo.

– É oportuno que o presidente da celebração evite aumentar o orgulho de ser católico e destaque a humildade de ser cristão, pois foi isto que Cristo nos ensinou. Também deve ficar claro, mesmo quando Pedro é o padroeiro do lugar, que a festa é também

## Orientações para ministros extraordinários da Comunhão

Valter M. Goedert



O livro tem uma preocupação bem pastoral, reunindo a experiência de quinze anos de cursos de formação para ministros extraordinários da Sagrada Comunhão. Faz um histórico desse ministério, trata da celebração da eucaristia, do culto presidido por leigos, da pastoral dos enfermos, e demais temas.

Formato: 13 cm x 20 cm  
Páginas: 224  
Cód.: 9788534903769

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



de são Paulo. Ambos são as duas colunas principais da Igreja.

## 14º DOMINGO COMUM (8 de julho)

ENVIADOS POR DEUS E REJEITADOS  
PELOS SEUS

### I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema da liturgia de hoje é a rejeição à palavra de Deus. No evangelho, os contemporâneos de Jesus não lhe dão crédito porque não conseguem ver nele nada mais que um carpinteiro. Mas isso não é fato pontual, já havia incredulidade no tempo dos profetas. A primeira leitura menciona a falta de fé dos contemporâneos de Ezequiel, porque têm um coração insensível. O profeta é orientado a insistir na proclamação da palavra de Deus mesmo que seus contemporâneos não queiram ouvi-la. Assim também agiu Paulo, que, em vez de desanimar com as dificuldades, continuou com o anúncio do evangelho e nos ensinou a dizer: “quando sou fraco, então é que sou forte”.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. Evangelho (Mc 6,1-6): O profeta é desprezado na própria terra

Passando novamente por sua própria terra, Jesus encontrou dificuldade para operar milagres por causa da falta de fé. Ele se dirigiu à sinagoga no dia de sábado, como todo judeu adulto, e tomou a palavra para ensinar. Não se tratava de qualquer instrução, pois o lugar e o dia faziam disso um ensino oficial e litúrgico.

O ensino de Jesus causa duas reações contrárias: admiração e recusa. Essa disposição para com Jesus marca todo o Evangelho de Marcos, tendo como principais protagonistas dessa recusa os líderes religiosos de seu próprio povo, Israel.

A admiração diante do ensinamento de Jesus estava relacionada com sua autoridade, que não vinha de sua profissão. Ele não tinha a profissão de Rabino (mestre), mas de arte-são da madeira. O fato de ser carpinteiro não era desonra, pois se tratava de profissão bem considerada. Essa afirmação apenas prova que os seus compatriotas o conheciam bem e se admiravam que fosse sábio e fizesse milagres, quando o normal seria apenas trabalhar com a madeira. O objetivo aqui é mostrar que a sabedoria e o poder de Jesus não vêm das pessoas, não se adquirem como uma profissão, mas vêm de Deus.

Em seguida, a admiração inicial transformou-se em hostilidade, sinal da incredulidade ante as obras de Jesus. O episódio retrata que os galileus estavam marcados pelo preconceito: admiravam as obras de Jesus, mas não o acolheram. Essa falta de acolhimento o impossibilitou de fazer milagres em sua própria terra, uma vez que os milagres significavam o avanço do reino de Deus e o retrocesso do antirreino, e isso só era possível onde havia fé em Jesus como Messias/Cristo. O preconceito fechou os corações, e os galileus não perceberam a ação de Deus em Jesus.

#### 2. 1ª leitura (Ez 2,2-5): O profeta anuncia, quer escutem, quer não

O texto diz que o sopro de Deus entrou em Ezequiel: isso significa que agora ele é inspirado e movido pelo dom da profecia e o que vai anunciar é palavra de Deus. O Espírito põe o profeta de pé, em atitude de prontidão, para anunciar ao povo a profecia que vai receber.

Ezequiel é enviado aos filhos de Israel. Algo fora do comum acontece no v. 3: em vez de Israel ser chamado “povo de Deus”, como geralmente acontece na Bíblia, é chamado de “nação rebelde”, literalmente “gentio rebelde”. Na Bíblia, “gentio” está sempre

em oposição a Israel, que é sempre referido como “o povo”. Isso significa que, quando Israel rejeita a palavra de Deus, se torna igual aos gentios.

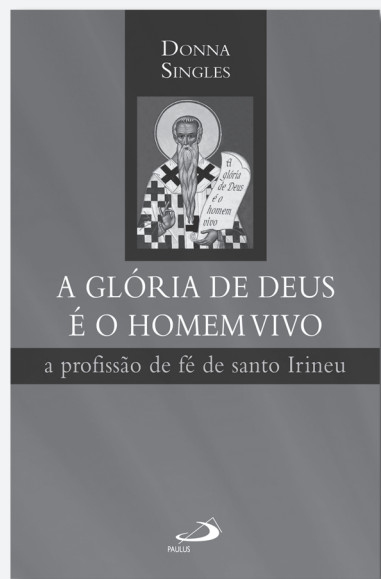
A rebeldia dos contemporâneos de Ezequiel vinha de longa data, as gerações passadas se comportaram da mesma forma. As perspectivas da recepção da profecia por parte dos destinatários não são nada animadoras para Ezequiel, pois eles têm a face endurecida e o coração obstinado. Quer escutem, quer não, saberão que “houve um profeta entre eles”. Essa expressão significa que Deus é misericordioso e os advertiu, e que eles já não têm desculpas para o erro.

### 3. II leitura (2Cor 12,7-10): Prefiro gloriarme de minhas fraquezas

Paulo afirma que tem um “espinho na carne”; de maneira geral, essa expressão significa algo que provoca grande angústia. Uma alusão a Ez 28,24, quando se refere aos povos vizinhos (e inimigos) de Israel como espinhos e abrolhos. Com a expressão “espinho na carne”, o apóstolo pode estar se referindo, entre outras coisas, às angústias que tinha suportado com a oposição à sua pessoa, e à sua autoridade, por parte dos coríntios. A rebeldia da comunidade de Corinto contra Paulo foi tão dolorosa que o compeliu a escrever uma “carta entre lágrimas”: “foi levado por grande aflição e angústias de coração que vos escrevi, em meio a muitas lágrimas” (2Cor 2,4).

A expressão “mensageiro de satanás” é equivalente a “espinho na carne” e significa que, mesmo sofrendo rejeição por parte dos coríntios, o apóstolo não desanimou da missão de exortá-los a viver conforme o evangelho. Paulo aceitou as angústias como uma motivação para exercer a humildade e vencer o orgulho. O apóstolo deixou que Deus se utilizasse da fraqueza humana para mostrar a grandeza do agir divino.

## A glória de Deus é o homem vivo A profissão de fé de santo Irineu Donna Singles



Aliando a paixão ao rigor e à competência de um longo contato com a obra de Irineu, Donna Singles nos propõe uma chave de leitura para compreendermos sua linguagem e descobrirmos de que modo ela pode nos tocar e nos iluminar hoje. Os capítulos se dispõem de acordo com os artigos do Credo, o símbolo dos apóstolos, sendo a fé de Irineu interrogada em cada um desses artigos.

Imagens meramente ilustrativas.

Formato: 13,5 cm x 21 cm  
Páginas: 208  
Cód.: 9788534932028

**Vendas: (11) 3789-4000**  
**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– A homilia deve levar a comunidade a refletir sobre as graves consequências da rejeição à palavra de Deus. Ainda hoje Deus nos fala por meio de pessoas humildes e modestas. Às vezes a palavra que nos é anunciada questiona nosso agir, e por isso é muito mais fácil rejeitá-la que sair do nosso estado de comodismo ou de pecado. Não raro nos tornamos um espinho na carne, não raro provocamos grandes angústias a quem somente deseja o bem da comunidade e a vivência mais autêntica da mensagem de Jesus.

15º DOMINGO COMUM (15 de julho)

CHAMADOS E ENVIADOS PARA  
PROCLAMAR A CONVERSÃO

#### I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus, com absoluta liberdade, chama todos e cada um em particular. Isso significa que ele não faz acepção de pessoas, mas todos são vocacionados à filiação divina, suprema vocação humana, embora haja distintas missões, conforme os desígnios de Deus. Para o exercício do anúncio do evangelho, algumas coisas são exigidas dos enviados e dos destinatários. Dos primeiros se exige que renunciem aos interesses egoístas e se dediquem com afinco à proclamação do reino, mesmo que o missionário se torne malquisto ou rejeitado. Exemplo disso é Amós, que não falou palavras agradáveis e não buscou os próprios interesses. Dos destinatários da missão se requer a acolhida ao missionário como enviado de Deus e a docilidade à palavra divina por ele proclamada.

#### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

##### 1. Evangelho (Mc 6,7-13): Chamou os Doze e os enviou dois a dois

Esse trecho do Evangelho de Marcos nos insere no âmago da vocação da Igreja, que é ser missionária.

A comunidade, representada pelos Doze, é formada pelos discípulos seguidores de Jesus, que participam da vida e missão de seu mestre. São seguidores porque foram convocados por Jesus para segui-lo e a ele responderam afirmativamente. Isso significa que a vocação cristã não se fundamenta em méritos pessoais, mas unicamente no amor e na gratuidade de Deus, por meio de Jesus, e no consentimento humano.

Uma vez chamados, os discípulos são enviados a serviço da transformação deste mundo em um reino de fraternidade e paz. Jesus os envia com o mesmo poder e autoridade porque o discípulo participa da missão do Mestre, assumindo seu estilo de vida e seu destino. Esse poder e autoridade estão a serviço do anúncio do reino, não são para benefício próprio. O poder sobre os espíritos impuros ou sobre enfermidades significa que o reino de Deus se expande enquanto o reino da morte e do pecado cede espaço. Não há nenhum poder mágico, mas a ação de Deus que destrói o poder das trevas quando a luz de Cristo é levada aos povos.

O envio de dois em dois é muito importante, por causa do apoio mútuo e da deliberação a respeito da melhor forma de evangelizar em cada local, ressaltando assim o sentido da vida em comunidade. Isso também mostra que os discípulos estavam de acordo a respeito do conteúdo da mensagem, o que evitava possíveis desconfianças nos ouvintes, pois naquela época havia muitos charlatões prometendo felicidade em troca de benefícios.

A missão dos Doze exige empenho, que se traduz principalmente em despojamento: não lhes é permitido levar nada do que geralmente se levava numa viagem, para que a provisão viesse de quem os acolhesse. Não se preocupando em levar pão, não cobravam nada para poder comprá-lo. Apenas sandálias foram permitidas, porque teriam longo caminho a trilhar. Além das sandálias, um só bastão para

se defender das feras. Por conta da urgência do anúncio, não deviam perder tempo com quem rejeitasse a mensagem. Dessa forma, o anúncio chegaria com rapidez e eficácia àqueles que o acolhessem com fé.

## 2. I leitura (Am 7,12-15): Vai, profetiza para meu povo

Na primeira leitura, o sacerdote Amasias pensa que o profeta Amós usa a religião para ganhar dinheiro. O sacerdote se sente incomodado com as profecias de Amós e tenta persuadi-lo a ir embora, aconselhando-o a ganhar dinheiro em outro lugar, pois ali é Betel, santuário real, e as críticas do profeta não são nada agradáveis ao rei. Amós informa que não pertence a nenhum grupo de “profetas”, como eram chamados os conselheiros dos reis. Ele não usa a religião para ganhar dinheiro, mas tem sua própria profissão.

Amós não profetizava por decisão pessoal, ele apenas correspondeu ao chamado de Deus. Não deu a si mesmo essa tarefa e, aliás, ela não era nada lucrativa para ele; ao contrário, ao criticar o rei, o profeta poderia receber grandes represálias. O que Amós estava fazendo nada mais era que obedecendo a uma ordem de Deus, que o chamou e o enviou a profetizar para que Israel voltasse ao caminho que os antepassados haviam percorrido com o Senhor durante toda a história da salvação. A mensagem podia até não ser agradável, mas visava ao arrependimento e à conversão.

## 3. II leitura (Ef 1,3-14): Em Cristo, Deus nos chamou a ser seus filhos

A segunda leitura de hoje nos apresenta a vocação humana, ou seja, o plano divino da salvação para os seres humanos: abençoados em Cristo, escolhidos nele antes da criação do mundo e designados para serem filhos de Deus. Esse grandioso desígnio de salvação se realiza mediante Cristo na oferta de sua

própria vida, que nos redime do pecado e nos confere a sua graça. Mas isso não excluiu a colaboração humana; ao contrário, exige fé e empenho pessoal para viver em santidade. Além disso, essa sublime vocação humana demanda o anúncio da “palavra da verdade”, isto é, o “evangelho da salvação”.

## III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Os vocacionados à missão recebem a instrução de nada levar na viagem a não ser o estritamente necessário, pois Deus cuidará do sustento deles por meio da hospitalidade oferecida aonde forem. A hospitalidade era um costume e até mesmo uma lei universal na sociedade antiga. Lendas folclóricas asseguravam que os deuses se disfarçavam de seres humanos para testar a hospitalidade das pessoas e, caso não fossem acolhidos, podiam-se esperar severos castigos. A sociedade moderna não oferece as mesmas condições e os mesmos costumes da sociedade antiga, contudo permanece a orientação de Jesus a respeito do desprendimento que cada vocacionado deve ter.

– É bom ressaltar o exemplo de Amós, que tinha liberdade para dizer o que Deus lhe ordenava, pois, se não dependia da religião para o próprio sustento, não sentia a imposição de dizer somente as palavras que agradassem aos ouvintes. Também Paulo é exemplo de abandono nas mãos de Deus.

– Pode-se enfocar o exemplo do apóstolo Paulo, que reconhecia as próprias fraquezas e limitações, consciente de que a missão só podia ser levada a termo porque Deus o fortalecia e o capacitava.

– Deve-se destacar também o papel da comunidade no êxito da missão. A hospitalidade dada aos missionários na Antiguidade pode ser atualizada na sociedade moderna em diversos atos que promovam o desenvolvimento da missão.

CRISTO, O VERDADEIRO PASTOR  
QUE NOS APASCENTA

## I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema do Deus pastor e do Messias pastor é o fio condutor das leituras de hoje. Esse tema tão importante do Antigo Testamento é reinterpretado com frequência pelo Novo Testamento. O evangelho sintetiza no simbolismo do pastoreio as intensas atividades de Jesus junto ao povo e o cuidado com os discípulos. Totalmente entregue à tarefa de proclamar o reino de Deus, Jesus se dedica com intensidade ao cuidado do rebanho que o Pai lhe confiou. Cristo, o verdadeiro pastor, não se comporta como os líderes religiosos a quem o profeta Jeremias critica como maus pastores que não cuidaram do rebanho de Deus. A vocação ao pastoreio foi dada por Jesus aos seus seguidores, não é exclusiva da hierarquia da Igreja. Todos os cristãos são convidados a continuar a missão de Cristo e, para que isso seja possível, é necessário fixar os olhos nele, modelo e critério do pastor.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Mc 6,30-34): A multidão era como ovelhas sem pastor

Os apóstolos que tinham sido enviados dois a dois se reuniram novamente a Jesus e contaram tudo o que tinham realizado.

Como bom pastor, Jesus reúne suas ovelhas e as leva ao deserto para descansar. O deserto era o lugar onde o pastor costumava reunir suas ovelhas para restaurarem suas forças (cf. Sl 23,23). A atitude de Jesus demonstra seu cuidado para com seus discípulos. Ele cuida com carinho e atenção de suas ovelhas, levando-as para um lugar propício, devido à vida fatigante que levam com ele em prol do anúncio do reino. Todos, em certo momento, precisam dirigir-se ao deserto para estar a sós

com o Senhor, recuperar suas forças e, depois, retornar à missão de anunciar o reino.

Também a multidão percebeu a intenção de Jesus e o seguiu para fora da cidade. A multidão vinda de várias cidades evoca a promessa de que o Messias deveria reunir os judeus dispersos pelo mundo. E Jesus percebeu a carência profunda desse povo. Ele se compadeceu porque eram como ovelhas sem pastor, famintas da palavra de Deus. Os supostos pastores do povo, que deveriam alimentá-lo com a palavra de Deus, estavam sendo omissos nessa missão.

O povo foi em busca de Jesus porque viu nele o verdadeiro pastor e encontrou nele o mesmo cuidado dedicado aos seus discípulos.

### 2. I leitura (Jr 23,1-6): Ai dos pastores que dispersam meu rebanho

Por meio de Jeremias, Deus condena a conduta dos maus pastores, os líderes religiosos daquela época. Em vez de reunir as ovelhas (o povo de Deus), dispersavam-nas. Em vez de cuidar delas, deixavam-nas perecer. Essas duas atividades principais do pastoreio, reunir as ovelhas e delas cuidar, estavam sendo negligenciadas pelos pastores do povo. Por isso Deus mesmo cuidará de suas ovelhas e as entregará a pastores mais dignos.

Além do simbolismo do pastor e do rebanho, o texto de Jeremias utiliza o símbolo do brotinho nascido de um tronco de árvore cortada. Esse brotinho representa o Messias, o rei pastor, sob cujo governo as ovelhas dispersas de Israel serão finalmente reunidas e poderão desfrutar de segurança, justiça e paz.

### 3. II leitura (Ef 2,13-18): Reconciliados com Deus mediante a cruz

Ainda no quadro da salvação universal realizada por Deus por intermédio de Cristo, a segunda leitura nos lembra que, pela cruz, as ovelhas dispersas, não pertencentes ao povo de Israel, mas às outras nações, foram reunidas

ao antigo povo de Deus. Israel bem como as demais nações foram reconciliados em Cristo e se tornaram amigos de Deus. Todos os seres humanos foram irmanados por meio de Jesus, todas as ovelhas foram reunidas em um só rebanho no Messias. Todos receberam um só Espírito. Tudo isso é o fruto da oferta da vida que Jesus fez a Deus por suas ovelhas.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Lido com olhos cristãos, o salmo responsorial delineia a figura de Jesus, o bom pastor, e expressa a alegria dos fiéis: “O Senhor é meu pastor, nada me falta” (Sl 23,1). Jesus é o pastor que cuidadosamente guarda seu rebanho, defende-o dos perigos, alimenta-o com a rica mesa de sua palavra e do seu Corpo e Sangue.

– É importante enfatizar na homilia a experiência existencial e profunda de cada cristão com o Cristo ressuscitado. A eucaristia já não pode ser entendida como uma obrigação do católico, mas como o momento em que Cristo reúne suas ovelhas, após os trabalhos e as lutas por um mundo melhor, para que possam restaurar suas forças e ser alimentadas por sua palavra e pelo pão eucarístico.

– Também é importante que as celebrações efetivamente proporcionem um encontro pessoal e comunitário com o Ressuscitado, em vez de serem rituais mecânicos e enfadonhos, em que o presidente da celebração pronuncia palavras vazias de espiritualidade e vida plena. Não esqueçamos a palavra de Jeremias: “Ai de vós, pastores, que dispersam e destroem as ovelhas”.

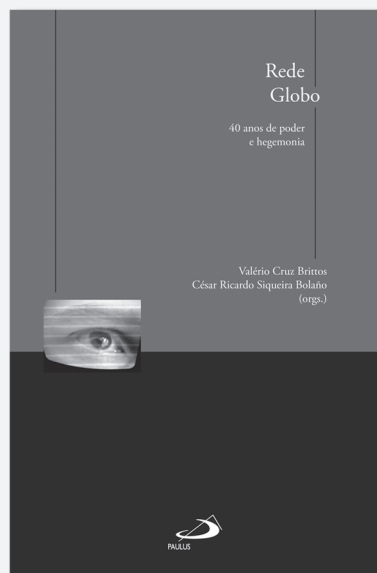
17º DOMINGO COMUM (29 de julho)

O QUE TEMOS É TÃO POUCO,  
SENHOR, MAS TU ÉS TÃO RICO  
EM MISERICÓRDIA

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Na primeira leitura, o milagre de Eliseu é uma prefiguração do sinal realizado por Jesus,

## Rede Globo 40 anos de poder e hegemonia Valério Cruz Brittos e César Ricardo S. Bolaño (orgs.)



Os 40 anos da Rede Globo, comemorados em 2005, não suscitaram grandes discussões sobre o tema das relações entre comunicação, democracia e dependência. Este é um debate muito necessário. A ideia não é analisar apenas criticamente a atuação da Globo ao longo dessas quatro décadas, mas fazê-lo na perspectiva do seu papel histórico no processo político de construção da democracia.

Formato: 13,5 cm x 21 cm  
Páginas: 376  
Cód.: 9788534923378

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**  
**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual  
**paulus.com.br**



a multiplicação dos pães. E esse sinal, por sua vez, aponta para uma realidade maior, a eucaristia, fonte e ápice da comunhão entre os seguidores do Messias. Nutridos por um só pão, o Corpo do Senhor, os fiéis formam um só corpo místico de Cristo. Essa realidade é o fundamento da comunhão e da práxis cristã mencionada na epístola aos Efésios, quando se exorta os fiéis a “conservar a unidade do espírito no vínculo da paz”. Essa comunhão é ação de Deus em nós e se traduz em serviço que ultrapassa as fronteiras da Igreja como instituição. Estamos a serviço da construção do mundo fraterno, não importa quão pequenos sejamos ou quão pouco tenhamos a contribuir. Cada um deve fazer a sua parte e esperar que Deus faça a dele.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Jo 6,1-15): Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles

No Evangelho de João, Jesus realiza muitos sinais que apontam para a ação de Deus exercida por meio da missão messiânica. No texto de hoje, Jesus realiza o sinal do pão, muito significativo para a compreensão de sua identidade e de sua missão. O ambiente em que a cena se desenrola é importante para a compreensão da importância e do alcance da mensagem veiculada por esse sinal.

A Páscoa estava próxima, Jesus subiu à montanha e sentou-se. Esses três elementos nos mostram Jesus como o Mestre. A montanha é o lugar da revelação divina, onde Moisés recebeu a Lei, a instrução para o povo. O sentar-se é atitude própria do mestre quando vai ensinar seus discípulos. E, por último, a menção à Páscoa nos indica qual ensinamento Jesus quer transmitir: é um ensinamento novo realizado por meio do sinal do pão.

Antes do sinal, há uma instrução aos discípulos por meio da pergunta sobre como

se pode resolver o problema de alimentar a multidão. Esse tipo de pergunta é própria do mestre para chamar a atenção do discípulo para o ensinamento que quer transmitir. E, primeiramente, o que Jesus quer ressaltar é o reconhecimento do que é ofertado: é pouco, mas há docilidade para a oferta. O ofertante é anônimo, o que pressupõe que qualquer pessoa pode ofertar algo a Deus e, por meio de uma oferta simples, mediar a ação de Deus em prol da salvação do mundo.

O sinal aqui apresentado é a eucaristia, retratada nas palavras da tradição: “tomou os pães e, depois de ter dado graças, os distribuiu” (v. 11) e em outro texto (Jo 6,23), quando se diz que há um único pão.

A distribuição do pão feita pelos discípulos significa que eles devem difundir o que receberam do Senhor: o batismo, representado pelo “peixe”, e a eucaristia, “os pães”. Essas realidades sacramentais são a fonte da pertença à comunidade e da vida cristã.

Após se fartarem, os discípulos juntaram 12 cestos, o suficiente para alimentar todo o Israel, a quem deveria ser primeiramente anunciado o evangelho. A menção de que nada deve se perder alude a Jo 6,39, que afirma que a vontade de Deus é que não se perca nenhum daqueles que pertencem a Jesus.

As pessoas ficaram admiradas, mas não foram capazes de entender o sinal do pão. O reconhecimento de Jesus como o profeta que devia vir ao mundo refere-se à esperança de um messias semelhante a Moisés, alguém que os libertaria do poder político do império romano, da mesma forma que Moisés havia libertado o povo da opressão do faraó do Egito.

Como no passado, ainda hoje se faz necessário entender esse sinal para compreender a vida e missão de Jesus. Jesus condensou a sua vida no sinal do pão. Como o trigo é triturado para fazer o pão, Jesus é o trigo triturado que

gera vida plena. Sua oferta de vida, sua entrega plena na cruz, é sinal do amor de Deus pela humanidade. Por isso, batismo e eucaristia são oferecidos a todos como caminho para a salvação. Por eles, somos inseridos no mistério da vida, morte e ressurreição de Jesus. Somos feitos participantes dessa vida de entrega por amor que gera vida plena.

A opção por Jesus, por sua vida, requer que cada cristão saia do comodismo, pois a menor de nossas atitudes, por mais irrisória que seja diante dos desafios, é aceita como oferta generosa em favor da realização do bem maior, o amor pleno de Deus que gera salvação para o mundo.

Jesus triturou sua vida, ofertando-a no pão; somos chamados, pela nossa participação na mesa eucarística, a fazer o mesmo que ele: ofertar nossa vida para que ninguém se perca, mas todos ressuscitem no último dia.

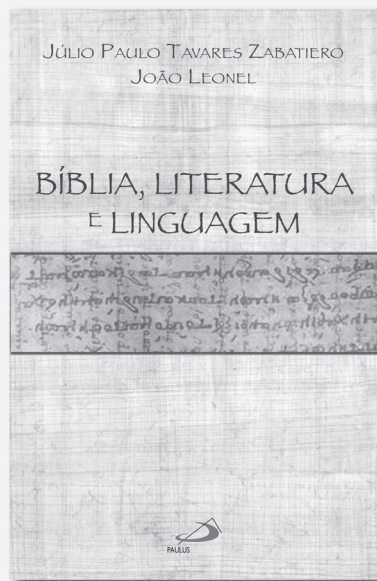
## 2. I leitura (2Rs 4,42-44): Comeram e ainda sobrou, conforme a palavra do Senhor

Os pães que o homem trouxe para Eliseu eram uma oferenda a Deus a ser entregue pelas mãos do profeta. Eram pães feitos com as primícias, isto é, com os primeiros e melhores grãos da colheita. O texto menciona um homem, uma pessoa anônima, cujo nome não importa saber, pois, se essa narrativa chegou até nossos dias, isso se deve ao gesto dele de partilha e à ação de Deus em resposta àquele gesto.

Há uma ordem do profeta para que o ofertante distribua os pães ao povo. É uma ordem estranha, porque o homem reconhece que tem tão pouco para ofertar e há tanta gente para alimentar. O profeta reitera a ordem, agora assegurando, por meio de uma profecia, que Deus fará com que todos sejam saciados e ainda sobrar. A palavra dita pelo profeta foi finalmente cumprida quando o ofertante mudou o foco dos próprios pensamentos, deixou de centralizar-se na consideração do

# Bíblia, literatura e linguagem

Júlio Paulo Tavares Zabatiero  
e João Leonel



Este é um livro que atrai: bem escrito, com o tema atual das aproximações teóricas entre os estudos bíblicos e os da linguagem, e pleno de análises bem-sucedidas. O estudo tematiza a leitura da Bíblia em diálogo com a teoria semiótica de Algirdas Julien Greimas, linguista lituano de origem russa, representando um esforço para ir além dos modos de ler o Livro Sagrado predominantes na modernidade e estabelecendo diálogo com a teoria literária e a teologia.

Formato: 13,5 cm x 21 cm  
Páginas: 240  
Cód.: 9788534924894

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



pouco que tinha e passou a confiar na ação de Deus.

Durante séculos, os sábios de Israel viram nessa passagem bíblica não apenas a providência de Deus, mas a importância da participação humana – apesar de ter pouco a oferecer – na obra conjunta com Deus. A partilha é a efetivação da vocação humana à comunhão fraterna. Todo gesto de partilha não passará sem uma resposta de Deus.

### 3. II leitura (Ef 4,1-6): Num só corpo

Com o capítulo 4, a carta aos Efésios começa grande exortação sobre o que vem a ser a vida cristã na prática. No texto de hoje, os cristãos devem levar uma vida digna da vocação que receberam: serem outro Cristo. A vida cristã é regida por valores totalmente diferentes daqueles que orientam a sociedade de ontem e de hoje.

“Suportai-vos uns aos outros no amor” (v. 2) significa que o amor de cada um ao seu próximo deve ser o suporte, para que ninguém venha a cair. “Pelo vínculo da paz” quer dizer que o *Shalom* é o elo que nos mantém unidos no mesmo espírito. O *Shalom* não significa concordar sempre com as ideias dos outros ou nunca haver atritos entre nós. Significa que o outro pode contar comigo sempre, embora pensemos bem diferente um do outro.

Somos distintos, mas formamos um só corpo. Estamos conectados existencialmente, pois o Pai está “no meio de nós e em cada um de nós” (v. 6). Não é possível seguir Jesus a não ser entrando nessa comunhão. “Há um só corpo”, o egoísmo sequestra a dignidade da vocação à comunhão, que se efetiva em gestos concretos no dia a dia.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Todo aquele que faz autêntica experiência com Deus torna-se mais preocupado com o ser humano e mais dócil à ação divina.

Quem tem um verdadeiro encontro com Deus põe-se a seu serviço em favor do próximo. A mesquinha, o egoísmo e o indiferentismo são sinais de que a pessoa está longe de ser religiosa no sentido exato da palavra, ou seja, de estar ligada a Deus. Em vez de servir a Deus servindo o próximo, muitas pessoas são, de fato, usurpadoras do sagrado, ou seja, usam a religião em benefício dos próprios interesses.

– É louvável que a homilia incentive cada um a fazer sua parte, a não ser indiferente às necessidades das pessoas nem à vontade de Deus. Ainda há muitos necessitados em nosso meio, o que é sinal de que há muito ainda a ser feito para que possamos dizer, com toda a certeza, que vivemos em comunhão. Aproximar-se da mesa eucarística com um coração indiferente às necessidades alheias é uma ofensa à misericórdia de Deus.

18º DOMINGO COMUM (5 de agosto)

DEU-LHES A COMER O PÃO DO CÉU

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Continuando com o tema do sinal do pão, a liturgia de hoje – e nos domingos seguintes – centra-se no discurso de Jesus sobre o “pão da vida” ou “pão do céu”.

Por meio do maná (pela manhã) e das codornizes (à tarde), Deus sustentava a vida do povo no deserto. Apesar da benevolência divina, o povo não mudava de atitude, não parava de murmurar e de preferir a antiga vida de escravidão à vida nova, com dignidade, dada por Deus. É bem adequada a exortação da carta aos Efésios para que os cristãos não tornem a proceder como antigamente, na futilidade de pensamentos: “foi bem outra coisa o que aprendestes de Cristo” (Ef 4,20).

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Jo 6,24-35): Eu sou o pão da vida

A multidão está à procura de Jesus, movida não pelo que o sinal do pão aponta, mas pelo interesse pessoal de saciar a fome. Por isso, Jesus reprova a multidão, que não o busca por ele mesmo. Ele chama a atenção para que a multidão se empenhe mais pelo alimento que permanece, e não apenas pelo alimento perecível. Esse empenho deve ocupar a vida do cristão em sua totalidade. O verdadeiro alimento é Jesus, que dá a vida eterna àqueles que o buscam. Vida eterna significa uma existência reconciliada com Deus. Por isso, essa vida inicia-se já aqui na história.

Movida pelo interesse pessoal, a multidão pede a Jesus que realize a obra de Deus, mas não sabe a profundidade do pedido que faz. A obra que Deus quer realizar é que o ser humano busque a Jesus (v. 29), o caminho para Deus. E buscar a Deus significa abandonar-se incondicionalmente ao seu amor e à sua vontade. Por isso a multidão não compreende o alcance de seu pedido, já que se nega a fazer a vontade de Deus, que é crer naquele que ele enviou.

O pedido do sinal também revela a incapacidade de enxergar, porque viram o sinal, mas, como não têm fé, não viram a ação de Deus. E os sinais que a multidão pede devem superar os milagres realizados no antigo Israel, milagres que legitimam suas pretensões messiânicas. Para isso recordam o prodígio do êxodo, quando Moisés alimentou o povo no deserto com o maná. A isso Jesus responde, mostrando que o verdadeiro pão do céu quem dá é o Pai. E o pão do céu é o próprio Jesus, que veio dar a vida eterna. Esse sinal revela o messianismo de Jesus, a multidão não precisa então de outro sinal.

Contudo, a multidão continua sem compreender o sinal, porque pede a Jesus que lhe

## O Deus libertador na Bíblia

### Teologia da libertação e filosofia processual

Jorge Pixley



Este livro faz uso, frequentemente, da filosofia processual, cuja base é constituída pelos escritos do filósofo Alfred North Whitehead. Para o autor, essa filosofia esclarece muitos pontos acerca do Deus da Bíblia. O objetivo é mostrar como essa filosofia pode tornar mais real e convincente o Deus da libertação encontrado em nossas Sagradas Escrituras.

Formato: 16 cm x 23 cm  
Páginas: 144  
Cód.: 9788534921688

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



dê sempre desse pão. Não entendem o verdadeiro alcance de suas palavras. A resposta de Jesus é semelhante à que foi dada à samaritana (6,35): quem vai a Jesus nunca mais terá fome nem sede.

No deserto, o povo foi alimentado com o maná e teve a sede saciada com a água que saiu da rocha. Mas o povo morreu; isso mostra que aquelas realidades antigas eram apenas uma prefiguração de Jesus, o enviado de Deus, que oferece o verdadeiro alimento e sacia totalmente a sede que a criatura tem de seu Criador.

## 2. I leitura (Ex 16,2-4.12-15): Farei chover pão do céu para vós

A leitura afirma que “toda a comunidade dos israelitas murmurava” (v. 2). Isso significa que todos estavam de acordo sobre um ponto: era melhor ser escravo no Egito e ter o que comer do que ser livre e passar fome. A comunidade formava uma multidão interessada. O povo rapidamente esqueceu que havia chorado sob os açoites dos feitores egípcios e que clamou a Deus, pedindo que o libertasse. Após a libertação, os israelitas lembravam-se do cheiro e do gosto dos temperos nos cozidos de carne, mas haviam esquecido as chicotadas dos feitores e o trabalho forçado. A que preço, anteriormente, comeram aquele alimento sem ter direito à vida e à dignidade, correndo risco de morte a cada instante.

Nas reclamações dos israelitas há uma acusação contra o Senhor: “Por que nos trouxe o Senhor a este deserto? Para matar de fome toda esta gente?” (v. 3). Conforme essas palavras, não há diferença entre Deus e o faraó, pois ambos armam ciladas para destruir o povo. No entanto, na literatura judaica, o faraó e o Egito simbolizam a ausência de respeito à vida e à dignidade humana, significam opressão e escravidão. Ambos são a negação da vida e do reino de Deus.

O faraó é o contrário de Deus e de seu projeto salvífico. O povo necessita mudar de mentalidade e de atitude. O Senhor não intenta matar Israel no deserto. Na dureza da vida no deserto, o povo é cuidado por Deus como os pais cuidam de seus bebês. Os israelitas foram levados ao deserto para fazer a experiência de serem amados e cuidados por Deus, já que no Egito tinham experimentado apenas o rigor da servidão. Os israelitas conheciam apenas o faraó como senhor, agora necessitavam saber quem era Deus. Eles foram alimentados e cuidados no deserto para que tivessem uma experiência diferente: “Assim sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus” (v. 12).

## 3. II leitura (Ef 4,17.20-24): Aquele que desceu do céu

O apóstolo faz com que os efésios se recordem do que eram antes de se converterem, ou seja, da maneira como viviam e de como os gentios ao redor deles ainda procedem. Na Bíblia, a vida é frequentemente comparada a uma jornada, e por isso o apóstolo diz que os cristãos não devem caminhar como antigamente o faziam e como ainda fazem os seus contrerrâneos.

Os gentios se comportam com “vaidade” de mente, afirma o texto. A palavra “vaidade” nas Escrituras significa “vacuidade” e denota um mal no âmbito da moral. Na Bíblia, comumente esse termo é aplicado aos que adoram ídolos vãos, em contraposição a quem conhece o Deus vivo e verdadeiro. Para religiões tão diferentes, os comportamentos humanos igualmente devem ser muito diferentes; os efésios precisam saber disso e mudar de atitude.

O homem vão é aquele que caminha de acordo com os próprios interesses, mas coisa muito diferente foi ensinada aos cristãos. Cristo ensinou que a religião exige abandono total no curso da vida.

Com ironia sutil o texto diz: “se é que ouvistes falar de Cristo e nele fostes instruídos”

(v. 21). Quem escuta atentamente as instruções de Cristo sabe qual é o verdadeiro propósito da “religião” (relacionamento com Deus). A respeito da conduta anterior ou dos hábitos de vida, os cristãos devem deixar de lado tudo o que pertence a uma natureza egoísta.

O Filho de Deus, que desceu do céu para conviver conosco, instrui-nos sobre o que agrada a Deus; ele nos deu essa instrução com a sua própria vida. Jesus nos mostrou como vive um verdadeiro filho de Deus. E isso não é algo que esteja além dos limites humanos. Mostrou que é possível ao ser humano tirar do foco os próprios interesses e identificar a própria vontade com a vontade de Deus.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Já que estamos iniciando o mês das vocações, é bom ressaltar o seguinte:

- Há pessoas que fazem da religião uma fonte de lucro ou de privilégios pessoais, usando-a para o conforto e prosperidade pessoais.

- Os hebreus eram escravos no Egito e lá recebiam apenas pão para a própria sobrevivência. Livres no deserto, queriam continuar no mesmo esquema: Deus teria de alimentá-los. Mas Deus queria ter com eles um relacionamento que não se baseasse na troca de favores.

- O Deus de Jesus Cristo é diferente do faraó e dos deuses antigos dos egípcios, ele liberta da escravidão do pecado e do egoísmo. Deus é livre, não se deixa manipular em favor de interesses egoístas. Deus cuida dos seres humanos porque ele é bom.

- Hoje cresce o número de pessoas que buscam o sagrado porque querem ter um emprego, um companheiro, cursar uma universidade etc. Não buscam a Deus, mas milagres e curas. Os santos, no entanto, buscavam a Deus por ele mesmo, e não por causa do que lucrariam com a religião. Eles entenderam a instrução de Jesus e trabalharam pelo pão que não perece e que permanece até a vida eterna (Jo 6,27).

### I. INTRODUÇÃO GERAL

O alimento e a água dados por Deus ao profeta Elias, que lhe restauram as forças e o sustentam na longa caminhada até a Montanha de Deus, são transparentes figuras da eucaristia e do batismo, que dão a vida eterna e sustentam o cristão no caminho para Deus. A consequência prática disso é que a caminhada do cristão consiste na configuração da própria vida à vida de Cristo, andando no amor e doando-se a Deus e ao próximo.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. Evangelho (Jo 6,41-51): Quem comer deste pão viverá eternamente

Jesus é o pão da vida, aquele que comer deste pão terá a vida eterna. E vida eterna não é a mesma coisa que vida pós-morte. Vida eterna significa vida reconciliada com Deus. Vida essa que já começa aqui, numa existência orientada para Deus, em profunda união com ele, e se prolonga após a morte.

Nesse sentido, quem come desse pão não morrerá. Isso não diz respeito à morte física, porque esta faz parte da realidade humana, da sua condição de ser histórico, finito, contingente. Não morrer, no sentido cristão da palavra, significa que a morte como ruptura definitiva com Deus foi abolida. Se, na existência humana histórica, se pode viver em união com Deus, essa união não termina com a morte. Esta se transforma em passagem para uma vida plena, em que o filho retorna à casa do Pai. Se o cristão vive sua vida reconciliada com Deus, então até mesmo a morte se torna sua aliada, e não uma realidade terrível que o ser humano tenta desesperadamente evitar. Assim como Jesus enfrentou a morte de cabeça erguida, nele nós enfrentamos a

morte como vencedores, pois temos nossa vida em Deus.

Quando Jesus afirma: “E o pão que eu darei é minha carne para a vida do mundo”, refere-se à entrega que faz de si mesmo na cruz para a vida do mundo. Como a existência integral de Jesus foi vivida em profunda união com o Pai em prol da humanidade, sua entrega na cruz não é um evento pontual, mas o resultado de tudo o que ele ensinou e viveu. Porque ele se entregou à humanidade durante sua vida inteira, pôde entregar-se finalmente na morte. A existência inteira de Jesus foi oferta agradável ao Pai em prol do ser humano.

O conhecimento desse mistério será acolhido por todos os que vieram a Jesus. Porque serão instruídos pelo Pai, verdadeiros discípulos de Deus, seus seguidores. Ser discípulo de Jesus é a mesma coisa que ser discípulo de Deus, porque o Filho e o Pai estão unidos em solidariedade pela salvação do mundo. O ensinamento que os discípulos aprendem vem do Pai por meio da vida de Jesus.

## 2. I leitura (1Rs 19,4-8): Come deste pão!

Porque o caminho é superior  
às tuas forças

O profeta Elias vagava em fuga pelo deserto adentro. A certa altura, encontrava-se cansado por ter passado longos dias e noites na viagem. Além do cansaço, estava exausto pelo forte calor do sol; sentia fome e sede e, além disso, oprimia-lhe a solidão do deserto. Nesse estado de coisas, só lhe restava dizer: “Agora basta, Senhor!” (v. 4). Ele pediu a morte – embora isso pareça uma contradição, já que estava fugindo da rainha Jezabel para preservar a própria vida.

Elias está fazendo um êxodo ao contrário, pois, durante 40 anos, o povo foi do deserto para Israel e agora o profeta vai da terra prometida à Montanha de Deus. E, assim como aconteceu aos antepassados, a quem o profeta

chama de “pais” (v. 4), Deus providenciou alimento e água para manter a vida do profeta. O texto menciona que o alimento era “pão assado na pedra”, ou seja, o alimento cotidiano de vários povos orientais (cf. Gn 18,6).

Com o alimento e a água, Elias sentiu-se confortável e quis ficar ali acomodado, dormindo. Mas recebeu uma ordem para levantar-se (mesmo termo que significa “resuscitar”) e dirigir-se até a Montanha de Deus. O texto afirma que o profeta andou 40 dias, fortalecido pelo alimento e pela água, em clara alusão aos 40 anos que os hebreus haviam passado no deserto alimentados pelo maná e pela água tirada da rocha. Elias precisava chegar à Montanha, lugar onde Deus havia confirmado a aliança feita com os patriarcas e seus descendentes e adotado as tribos de Israel como povo escolhido (cf. Ex 3,1).

## 3. II leitura (Ef 4,30-5,2): Cristo por nós se entregou como oferta de suave odor

A exortação “não contristeis o Espírito Santo” parece estranha. O termo usado também quer dizer “provocar dor” ou “causar pesar”. Essa expressão simbólica significa que os cristãos não devem fazer o oposto daquilo para o qual receberam a unção do Espírito Santo.

O Espírito Santo na vida do cristão é o selo de Deus. Antigamente se marcava qualquer propriedade com um emblema que identificava o dono. Um exemplo atual são os objetos da paróquia, comumente marcados com um carimbo ou etiqueta para indicar a instituição proprietária. O Espírito Santo assegura que somos propriedade do Senhor e que devemos ser empregados completamente no serviço de Deus. Até que chegue “o tempo da redenção”, ou seja, o nosso encontro definitivo com o Senhor, devemos trilhar nosso caminho com firmeza de propósitos e testemunho de vida, sem nunca nos cansarmos de fazer o bem.

Como as crianças gostam de imitar os pais e é assim que aprendem as coisas do dia a dia, da mesma forma os cristãos deveriam seguir o exemplo de Deus. Mas como é possível imitar a Deus? O que significa isso? A resposta está no v. 2: “Andai no amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós a Deus como oferta e sacrifício de suave odor”.

O termo “oferta” significa qualquer oferecimento pelo qual se expressa gratidão por tudo (todas as graças) que se recebe da benevolência de Deus. “Sacrifício” quer dizer aquilo que se oferece quando se perdem, por causa da ruptura do pecado, as graças recebidas de Deus. Por fim, a expressão “de suave odor” significa estar de acordo com o que Deus ordenou, diz-se do sacrifício que agrada a Deus ou que ele aceitou com prazer.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– O pão e a água, figuras da eucaristia e do batismo, têm o objetivo de levar o cristão a entrar em aliança com Deus, fazer a experiência da ressurreição. São força e sustento na caminhada rumo a Deus. Não nos são dados para que fiquemos acomodados na sombra, mas para enfrentarmos os rigores do deserto. A jornada de Cristo neste mundo foi vivida no amor. Com esse estilo de vida, ele demonstrou gratidão, ofereceu-se para superar a ruptura provocada por nosso pecado e agradou a Deus em tudo. É esse tipo de vida que Cristo nos dá e é assim que devemos viver.

– Neste dia em que celebramos a vocação de constituir família, no qual homenageamos especialmente os pais, é bom enfatizar o relacionamento filial que Cristo nos ensinou a ter com Deus. Os meios visíveis (sacramentos) que nos introduzem nessa filiação e, principalmente, a ação de Deus para efetivar esse relacionamento filial. O alimento material é apenas um sinal de tudo o que Deus realizou em nosso favor como Pai amoroso.

## Como participar da Eucaristia?

### Catequese sobre a missa

Pe. José Antonio Moraes Busch



A liturgia da missa, se bem preparada anteriormente e bem desenvolvida na celebração, supõe um eficiente serviço de equipe ou de várias equipes atuantes. Este livro, elaborado pelo padre Busch pouco tempo antes de falecer e organizado em 12 capítulos, auxilia os cristãos a compreenderem a riqueza da liturgia da missa, atitude fundamental para serem missionários nos ambientes familiar e profissional.

Formato: 12,5 cm x 18 cm  
Páginas: 48  
Cód.: 9788534933155

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**  
**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



## I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa da Assunção de Maria é a festa da assunção da Igreja. Maria colabora no mistério da redenção, associando-se a seu Filho (LG 56). Sua assunção é figura do que acontecerá com todos os seguidores de Jesus no fim dos tempos. Porque Maria não é apenas a imagem (o reflexo), mas também a imagem típica (o protótipo) da Igreja. A Igreja deve ser aquilo que Maria é. E, enquanto peregrina neste mundo, a Igreja tem Maria como um sinal “até que chegue o Dia do Senhor” (LG 68). O que celebramos na festa de hoje é a vitória de Cristo sobre todos os poderes que tentam impedir o reino de Deus. Celebramos, tendo Maria como sinal, a vitória da Igreja inteira sobre a morte e o pecado.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Lc 1,39-56): Feliz aquela que acreditou, pois a palavra do Senhor se cumprirá

Esse trecho do evangelho está vinculado ao texto da anunciação, como seu desenvolvimento. Ao ouvir a mensagem do anjo Gabriel em relação à encarnação do Filho de Deus, tendo como sinal a gravidez de Isabel, Maria se dirige prontamente para a região montanhosa.

A conexão entre esses trechos nos aponta duas verdades sobre Maria: sua fé e seu compromisso com o reino. Com a fé que ela demonstra na palavra de Deus, temos em Maria a verdadeira discípula, que ouve a Palavra e a põe em prática. A fé na palavra de Deus gera compromisso, que leva o discípulo a realizar na vida o que ouviu. É o que Maria nos mostra com seu exemplo.

Maria é exemplo de discípula para quem acredita no cumprimento das promessas divinas, porque ela mesma está à disposição de Deus para servi-lo como instrumento dócil. Foi isso o que aconteceu quando disse: “Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (1,38). E, imediatamente, saiu para visitar sua prima. Ao chegar, é saudada por Isabel, e algo de revelador acontece. O teor da saudação diz respeito a duas realidades. A primeira refere-se à atitude crente de Maria. Ela é bendita porque acreditou. Aqui é exaltada a sua fé. Foi sua total adesão à palavra de Deus que operou um milagre em sua vida e na vida da humanidade: a encarnação do Filho. Daqui passamos para a outra realidade da saudação: “e bendito é o fruto do teu ventre!” Maria, que carrega no útero o Filho de Deus, é identificada com a arca da aliança. No Antigo Testamento, a arca da aliança era símbolo do encontro entre Deus e a humanidade. No útero de Maria dá-se o encontro entre Deus e a humanidade, pois Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Maria representa a Igreja, que se compromete com o reino pela fé na palavra de Deus e pela exigência de gerar o Cristo para o mundo por meio do anúncio, do testemunho e do serviço.

### 2. I leitura (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab): No deserto, Deus preparou um lugar para a Mulher

A principal personagem que aparece no grande sinal do céu não tem sua identidade imediatamente revelada pelo livro do Apocalipse, é chamada apenas de “mulher”. Somente no desenrolar da narrativa é que sua identidade fica clara.

A mulher é adornada pelos astros que a envolvem, o que significa que ela é a coroação de todas as obras da criação. Essa representação alude ao sonho de José, filho de Jacó

(Gn 37,9), interpretado pelos sábios judeus como referência à vinda do reino onde tudo na natureza e na história estaria submetido ao poder de Deus.

Em oposição à mulher está a figura tenebrosa do dragão, descrito com características horripilantes, adornado pelos principais símbolos do poder humano: chifres e diademas. O significado dessa figura nos é dado pelo texto de Dn 7,24; trata-se dos governantes dos impérios, são os poderes do mundo.

O dragão intenta fazer mal à mulher, mas ela é levada para o deserto, lugar que Deus lhe tinha preparado, e ali é cuidada. Então a mulher representa o novo povo de Deus. A Igreja, comunidade dos seguidores de Cristo, enquanto aguarda a segunda vinda do Senhor, suporta as dificuldades do deserto, situação na qual o novo povo de Deus esperou para entrar na terra prometida.

Enquanto essa cena se desenrola na terra, especificamente no deserto, uma voz proclama que há uma nova realidade no céu: ali o reino de Deus já acontece plenamente (v. 10). Cristo, o ser humano plenificado e vitorioso, é a garantia de nosso acesso ao céu. Isso significa que a mulher que ainda permanece no deserto pode ter certeza da vitória em sua luta contra o dragão.

### 3. II leitura (1Cor 15,20-27a):

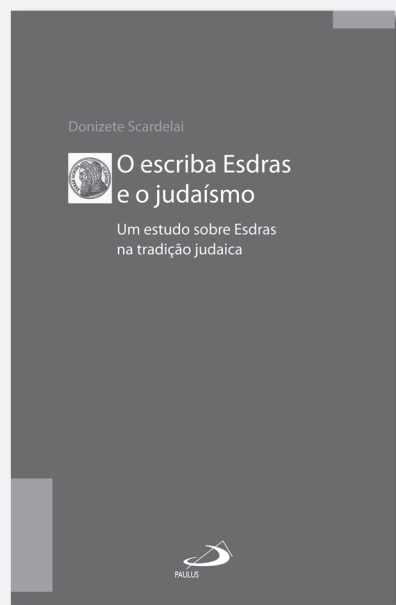
Cristo ressuscitou como primícias dos que morreram

A Lei, em Dt 26,2, exigia que os primeiros frutos (as primícias) fossem oferecidos ao Senhor para expressar a gratidão do agricultor e o reconhecimento de que Deus era o responsável pela colheita. Quando o israelita oferecia os primeiros frutos a Deus, estava agradecendo pela colheita inteira. Os primeiros frutos saídos da terra eram parte da colheita, e tão certo quanto as primícias

## O escriba Esdras e o judaísmo

### Um estudo sobre Esdras na tradição judaica

Donizete Scardelai



Este trabalho se desenvolve em quatro capítulos. O primeiro coloca em foco o livro de Esdras-Neemias à luz do judaísmo; no capítulo 2, o autor trata do contexto histórico do retorno do Exílio; o terceiro buscará construir a plataforma bíblica sobre a qual repousa a prática judaica espelhada no livro de Esdras-Neemias; e, por fim, o capítulo 4 fará um levantamento detalhado dos principais textos da tradição judaica: o *Talmude* e o *Midrasch Rabba*.

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 272

Cód.: 9788534932783

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



são a prova de que há uma colheita, a ressurreição de Cristo é a garantia de nossa ressurreição nele.

Cristo, primícias dentre os mortos, ascendeu ao céu e ofertou a si mesmo a Deus como o representante de seus seguidores, ou seja, da Igreja, que ascenderá depois dele. Não é somente o primeiro na ordem do tempo que ressuscitou dos mortos (primeiro a sair de dentro da terra), mas é o principal no que se refere a dignidade e importância, estando conectado com todos os demais que vão ressuscitar. Cristo é o ser humano ressuscitado, e nossa ressurreição é a partir dele. Portanto, nossas esperanças não são vãs, nossa fé não é inútil e nós não seremos desapontados.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Em 1974, o papa Paulo VI escreveu um documento sobre a devoção a Maria (*Marialis Cultus*) que continua a ser a norma para a devoção mariana entre os católicos. Depois de normatizar a devoção mariana em função de Cristo, o papa destaca em dois números (MC 26 e 27) a mesma devoção em relação ao Espírito Santo. Isso significa primeiramente que não pode haver culto a Maria em si mesma.

– O texto retirado do livro do Apocalipse é claramente cristológico, como se pode ver nos seguintes trechos: “Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu filho foi elevado para Deus até o seu trono” (v. 5). “Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo” (v. 10).

– Portanto, a homilia não deve contribuir para um devocionismo exagerado (não fundamentado nem na Escritura nem na tradição genuína) a respeito da mãe do Senhor e nossa mãe, modelo daquilo que devemos ser e que seremos na plenitude dos tempos.

SENHOR, A QUEM IREMOS?

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Os textos da liturgia de hoje sugerem que, se não servimos a Deus de livre vontade, o serviço pode resultar em hipocrisia. Deus deseja que o sirvamos de todo o coração, mas isso só será possível se fizermos opção consciente por ele. A opção por Deus traz como consequência novas formas de relacionamento com o próximo, a começar em casa. Isso significa que o cristianismo não se separa das relações que constituem a vida humana.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. Evangelho (Jo 6,60-69): Vós também quereis ir embora?

Depois de todos terem visto o sinal do pão e ouvirem o discurso, chegou a hora da decisão da fé: aderir ou rejeitar Jesus como enviado de Deus. A decisão não é apenas da multidão, mas dos discípulos também. É decisão definitiva, porque, a partir daí, os que estão com Jesus também devem participar de seu destino. A palavra de Jesus é muito dura. Somente a fé naquele que pode dar a vida eterna capacita para enfrentar a dureza dessa palavra.

Não se trata apenas de ouvir, mas de escutar prontamente para realizar na vida aquilo que se escuta de Deus. No caso, o que eles escutaram diz respeito à adesão incondicional dos discípulos à vida de Jesus. E se isso os escandaliza, o que dirão quando acontecer seu retorno ao Pai? É assim que Jesus concebe sua morte na cruz: como retorno para o lugar de onde veio, para o seio do Pai.

O contraste entre *carne* e *espírito* refere-se a duas formas de viver. A carne diz respeito ao ser humano entregue a si mesmo e aos limites de suas possibilidades. Por si mesmo é incapaz

de perceber o sentido profundo das palavras e dos sinais de Jesus ou de crer. Por isso, é o espírito a força que ilumina o ser humano, lhe abre os olhos e lhe permite discernir a Palavra que se diz em Jesus. Não são duas dimensões do ser humano, mas duas maneiras de viver sua existência. Nem todos os discípulos estão se deixando conduzir pelo espírito, por isso não conseguem dar o próximo passo: a fé. A verdadeira fé significa adesão sem reserva àquele cujas palavras prometem e comunicam a vida eterna: ele é efetivamente o enviado que Deus consagrou.

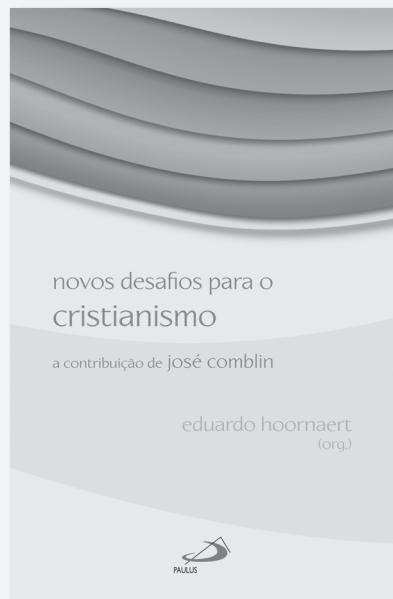
Simão Pedro, representante da comunidade, confessa sua fé em Jesus, dizendo que só ele tem palavras de vida eterna. A quem iremos? Quem poderia nos oferecer uma vida plena, reconciliada com Deus, cuja existência humana é sustentada com seu amor? Só Jesus.

## 2. I leitura (Js 24,1-2a.15-17.18b): Escolhei hoje a que deus quereis servir

Siquém ocupa lugar de destaque na história dos patriarcas, pois foi por ali que Abraão entrou na terra prometida (Gn 12,6), rompendo com o passado e recomeçando uma vida nova que se caracterizava pela adoração ao Deus vivo e verdadeiro e pela renúncia ao politeísmo. Nada melhor que fazer a renovação da aliança naquele lugar; com esse objetivo, Josué reuniu ali os representantes das tribos. Antes de tudo, era necessário fazer uma escolha: a quem desejam adorar? Ao Deus que os tirou do Egito ou aos deuses estrangeiros aos quais Abraão, Isaac e Jacó haviam renunciado?

Os hebreus responderam à pergunta de Josué de modo enfático, mostrando a opção deles por servir o Senhor em vez dos ídolos. A expressão “Deus nos livre” ressalta o horror à idolatria; adorar os ídolos em vez do Senhor é algo absurdo e não deve ser cogitado em hipótese alguma.

## Novos desafios para o cristianismo A contribuição de José Comblin Eduardo Hoornaert (org.)



Esta coletânea comporta oito trabalhos de teólogos e biblistas, em sua maioria da nova geração — entre eles o monge beneditino Marcelo Barros e o professor de pós-graduação Jung Mo Sung —, que iluminam diversos aspectos da teologia e da ação de José Comblin, tendo sempre em vista os novos desafios para o cristianismo.

Formato: 13,5 cm x 21 cm  
Páginas: 176  
Cód.: 9788534933360

Imagens meramente ilustrativas.

**Vendas: (11) 3789-4000**  
**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



A razão dada para a escolha é que eles provaram do cuidado e atenção que Deus teve para com eles, tirando-os da escravidão e guardando-os durante todo o caminho até ali.

### 3. II leitura (Ef 5,21-32): Cristo amou a Igreja e se entregou por ela

Escrita no século I d.C. sob o império romano, uma sociedade dividida em castas, com senhores e escravos, e em que a posição da mulher dependia da decisão do marido, a carta aos Efésios mostra-se rica em sabedoria, porque se aproveita de elementos desse contexto histórico e cultural para ensinar sobre o relacionamento entre Cristo e a Igreja, ao mesmo tempo que instrui sobre como deve ser a nova forma de os cristãos construírem seus relacionamentos naquela sociedade.

Primeiramente deve haver subordinação de uns para com os outros. Assim ninguém tomará o lugar de Deus, pois o motivo dessa subordinação é a reverência ao Senhor. O termo grego correspondente a “subordinai-vos” não é pejorativo; ao contrário, é termo militar que significa estar sob as ordens (ou sob a orientação) de um oficial imediato. Esse termo iguala a todos, pois cada um está sob as ordens de outro, e ao mesmo tempo sugere que há funções diferentes. A expressão “reverência ao Senhor” significa que Deus está acima de qualquer autoridade e que somente a ele e não a outro se deve adorar.

No texto de hoje temos uma das mais belas (e menos compreendidas!) analogias paulinas, comparando a relação entre esposo e esposa ao relacionamento entre Cristo e a Igreja. Há alguns elementos sobre os quais a analogia está estruturada que nos ajudam a melhor entendê-la: (1) a esposa deve estar subordinada ao esposo; (2) destaca-se que o motivo dessa subordinação é Cristo e não o marido, ao contrário do que se pensava na-

quela época; (3) a esposa representa a Igreja e o esposo representa Cristo, o que significa que a subordinação da esposa é imagem da subordinação da Igreja a Cristo; (3) o esposo deve amar a esposa como Cristo amou a Igreja, isto é, o esposo deve dar a vida pela esposa até a cruz. Como naquela sociedade a responsabilidade maior era a do marido, assim também a maior exigência é feita a ele e não à esposa.

Enfim, todos somos membros do mesmo corpo, um não é maior que o outro, embora haja diversas funções. Além disso, esposo e esposa constituem uma única carne, da mesma forma que a Igreja é corpo de Cristo.

O mistério da união entre Cristo e a Igreja é muito grande e não há palavras para defini-lo. A analogia com o matrimônio é apenas uma tentativa de compreendê-lo melhor (v. 32) para melhor servir no reino de Deus.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– Encerramos o mês vocacional com textos que enfatizam o valor da opção consciente e instruída. No mundo de hoje, o cristianismo deve ser fruto de uma escolha muito mais que antigamente, pois, no tempo da comunidade primitiva, muitas vezes a família determinava as decisões dos filhos. Hoje, isso já não é possível. A Igreja deve ter a coragem de perguntar a seus membros se têm certeza de que realmente querem continuar a ser cristãos católicos. Além de mostrar que a vivência cristã é fruto de uma escolha, de uma decisão pessoal, a Igreja deve oferecer formação às pessoas para que conheçam e entendam mais profundamente o cristianismo católico e assim possam dar uma resposta mais consciente e segura.

– No domingo que vem começará o mês dedicado à Bíblia. Trata-se de ótima oportunidade para que a Igreja tenha membros mais conscientes, mais bem formados na palavra de Deus e mais seguros da decisão de serem cristãos católicos.